

Estudos em História e Património
Mediação Patrimonial

Convento Corpus Christi de Gaia. Novos Usos do Património

Fernando Manuel Campos de Sá Mota

M

2016



Fernando Manuel Campos de Sá Mota

Convento Corpus Christi de Gaia. Novos Usos do Património

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, ramo de especialização em Mediação Patrimonial, orientada pela Professora Doutora Maria Helena
Osswald

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro/2016

Convento Corpus Christi de Gaia. Novos Usos do Património

Fernando Manuel Campos de Sá Mota

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, ramo de especialização em Mediação Patrimonial, orientada pela Professora Doutora Maria Helena Osswald

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Isabel Rocha Roque
Universidade Europeia

Professora Doutora Maria Helena Osswald
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

À Lucília

Sumário

Agradecimentos	7
Resumo	9
Abstract.....	10
Índice de Figuras	11
Índice de Tabelas e Quadros.....	14
Lista de Siglas e Abreviaturas	15
Introdução	18
Capítulo 1 – Aspectos metodológicos.....	19
1.1. Apresentação da questão, objetivos e objeto de estudo.....	19
1.2 Percurso bibliográfico.....	20
1.3. Percurso pela informação arquivística.....	26
1.3.1 Os Fundos mais destacados	28
1.3.1.1 Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional Torre do Tombo	29
1.3.1.2 Museu Nacional de Arte Antiga	31
1.4. Crítica de fontes.....	34
1.5. Base de Dados	41
Capítulo 2 – História deste espaço e dos seus ocupantes.....	44
2.1. Depois da “Extinção”	44
2.2. Convento e a Ordem.....	56
2.3. A influência dos Pregadores	59
2.4. Espiritualidade Dominicana	61
2.5. O Convento Corpus Christi de Gaia	64
2.5.1. A vida conventual das Donas de Gaia	70
Capítulo 3. – Novos Usos.....	76
Capítulo 4. – Resultados.....	84
4.1. Imaginária.....	84
4.2. Pintura.....	94

4.3. Altares.....	96
4.4. Alfaias.....	96
4.5. Livraria	105
Considerações finais	106
Referências bibliográficas	108
Anexos	116
Anexo I - Pesquisa Bibliográfica realizada na Biblioteca Municipal de Gaia	117
Anexo II - Cartório do Convento Corpus Christi	120
Anexo III - Biblioteca do Convento Corpus Christi.....	122
Anexo IV - Inventário dos Objetos de Culto	126
Anexo V - Fundações Dominicanas de Portugal (1218-1690).....	152

Agradecimentos

À **Cila**, minha companheira de todas as ocasiões, principal culpada por esta caminhada. Como sempre, nunca desistiu de mim e nunca me deixou desistir.

Aos **familiares e amigos** que me apoiaram.

À **Professora Doutora Helena Osswald**, orientadora desta dissertação. Sem a sua sapiente, minuciosa e paciente orientação, não seria possível a conclusão deste trabalho. Muito obrigado pelas palavras de encorajamento e serenidade nos momentos menos bons.

À **Professora Doutora Inês Amorim**, pelo entusiasmo que conseguiu incutir-me desde o primeiro momento na Faculdade de Letras.

A todos os **Docentes do Mestrado** em História e Património da FLUP.

À **Dra. Elsa Fontão**, Diretora do Espaço Corpus Christi, pelo total apoio e colaboração prestada durante este estudo.

Aos meus colegas da Biblioteca Municipal, **Dr. António Conde** e **Dra. Isabel Santos** pelo apoio extraordinário na pesquisa no Fundo Local.

Ao meu amigo e colega, **Dr. Abel Barros**, pelo apoio na pesquisa no Arquivo Municipal.

À **Dra. Raquel Martino**, pela colaboração na Casa-Museu Teixeira Lopes.

Ao **Padre Artur Bastos**, Reitor do Seminário de Cucujães, pela simpatia e pela disponibilidade para a consulta dos arquivos do seminário.

Ao **Dr. Gonçalves Guimarães**, Diretor do Solar Condes de Resende, pela disponibilização do Centro de Documentação e informações que me levaram à localização de objetos do convento Corpus Christi na Coleção Marciano Azuaga.

À **Dra. Susana Guimarães** por sempre me incentivar durante este percurso e pela colaboração no Centro de Documentação do Solar Condes de Resende, fornecendo-me informações sobre os objetos da Coleção Marciano Azuaga.

Ao **Dr. Barbosa da Costa** pelas informações sobre a pesquisa nas memórias paroquiais, igrejas, juntas de paróquia, de freguesia, etc..

Ao padre **António Batista**, pároco de Coimbrões, pela colaboração inexcedível com a minha investigação para esta dissertação ao fornecer-me todas as informações sobre o património da paróquia.

Aos padres **Albino Reis** e **Fernando Queirós**, párocos de Vilar de Andorinho e Santo Ovídeo, pela simpatia e por terem disponibilizado a documentação da paróquia para consulta.

Aos presidentes da Junta de Freguesia de Avintes, **Cipriano Castro** e da União de Freguesias de Pedroso e Seixezelo, **Filipe Lopes**, pela disponibilização das atas das Juntas de Paróquia. O agradecimento é extensivo aos funcionários que criaram as condições para a realização da pesquisa.

Aos meus colegas de curso, especialmente ao **Eduardo Falcão** e ao **Natalino de Jesus**, pela amizade e convívio ao longo deste tempo. Um abraço para o Brasil e Timor-Leste.

Resumo

O Convento dominicano de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia foi extinto em 1894. Os seus bens tiveram vários destinos, ficando os bens cultuais à guarda do bispo do Porto que os distribuiu pelas instituições religiosas da região. Os bens declarados de interesse artístico e cultural foram atribuídos a instituições que os deveriam salvaguardar, preservar e partilhar com públicos específicos. Outros que não foram contemplados nestas categorias foram ou vendidos ou deixados entregues ao seu destino. Neste trabalho tenta-se recuperar o rasto a esse património móvel que passou para outras mãos. Interessa perceber quais foram os novos usos deste património, para onde migraram e como foram reconhecidos.

Palavras-chave: Património religioso; Mosteiro de Corpus Christi; Novos usos patrimoniais

Abstract

This research focuses on the heritage new uses. The heritage analyzed here belonged to a monastery, Corpus Christi in Gaia. The Dominican Convent of Corpus Christi in Vila Nova de Gaia was extinct in 1894. Its contents reached several destinations, the cultural ones being guarded by Oporto bishop who distributed them among the religious institutions of the region. Assets of declared artistic and cultural interest were attributed to institutions that should safeguard, preserve and share them with specific audiences. Others that were not covered by these categories were either sold or left to their destination. This work tries to recover the track of that movable patrimony passed on to other hands at the extinction of the monastery of Corpus Christi. It is interesting to understand what were the new uses of this heritage, where they migrated to and how they were recognized.

Keywords: new uses of heritage; religious heritage; Corpus Christi Monastery

Índice de figuras

Fig. 1 – S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Cosme	60
Fig. 2 - Túmulo de Álvaro Anes de Cernache.....	67
Fig. 3 – Roda de troca do convento.....	72
Fig. 4 – Cúpula da igreja Corpus Christi.....	74
Fig. 5 – Fachada da Igreja Corpus Christi.....	75
Fig. 6 – S. Francisco.....	85
Fig. 7 – Crucifixo	85
Fig. 8 - S. Domingos	85
Fig. 9 – N. S ^a . Rosário.....	86
Fig. 10 – S. Joaquim.....	86
Fig. 11 – Santa Ana	86
Fig. 12 – Cristo preso à coluna.....	86
Fig. 13 – N. Sra. da Conceição.....	86
Fig. 14 – S. José	86
Fig. 15 – S. Tiago, Peregrino.....	87
Fig. 16 – Sta. Catarina de Sena	87
Fig. 17 – S. Pio V	87
Fig. 18 – S. Francisco de Borja	87
Fig. 19 – Cristo Crucificado	88
Fig. 20 – S. Domingos.....	89
Fig. 21 – N. Sra. Conceição.....	89
Fig. 22 – Cristo Crucificado	89
Fig. 23 – N. Sra. do Rosário	90
Fig. 24 – N. Sra. da Soledade	90
Fig. 25 – S. Rafael.....	91
Fig. 26 – S. João Evangelista	91
Fig. 27 – Sta. Maria Madalena	91
Fig. 28 – S. João Baptista.....	92
Fig. 29 – S. José	92
Fig. 30 – S. Gonçalo de Amarante	92
Fig. 31 - Menino Jesus Adormecido	93
Fig. 32 - Menino Jesus ladeado por dois Anjos	93
Fig. 33 – N. Sra. do Alívio	93
Fig. 34 – Santa Catarina	94
Fig. 35 – Coração de Jesus	95
Fig. 36 – Sacrário	95
Fig. 37 – Credência e Cruz de prata	95
Fig. 38 – Pinturas dos caixotões do teto do coro alto.....	96
Fig. 39 – Adoração do Santíssimo (Camarim do Trono Eucarístico)	96
Fig. 40 – Senhor da Cana Verde (Ecce Homo)	96
Fig. 41, 42 – Par de Cadeiras de madeira de pau-preto (Séc. XVIII).....	99
Fig. 43 – Cadeira madeira de pau-preto (Séc. XVIII)	99
Fig. 44 – Cadeira de madeira e couro (Portugal, 1640-1660)	99

Fig. 45, 46 – Dois Tamboretes ou Mochos de madeira (1740-1760).....	100
Fig. 47 – Arqueta de madeira de pinho, couro, ferro, estanho, latão, vestígios de têxtil.....	100
Fig. 48 – Tamborete de madeira de pau-santo e couro (Séc. XVIII)	100
Fig. 49 – Estante de Coro de madeira de pau-santo e latão dourado (Portugal, Séc. XVII)	100
Fig. 50 – Gomil, faiança (Portugal, Vila Nova de Gaia, Fábrica de Sto. António do Vale da Piedade, Séc. XVIII).....	101
Fig. 51 – Prato, faiança (Portugal, Fábrica de Miragaia, Séc. XIX)	101
Fig. 52 – Prato, faiança (Portugal, Fábrica Rocha Soares, Sécs. XVIII-XIX) ...	100
Fig. 53 – Prato, porcelana policromada e dourada (Inglaterra, Spode, Stok-on-Trent)	101
Fig. 54, 55 – Par de Jarras, porcelana policromada e dourada (Companhia das Índias, Séc. XIX).....	102
Fig. 56, 57 – Par de Jarras, porcelana policromada e dourada (Companhia das Índias, Séc. XVIII)	102
Fig. 58, 59 – Par de Jarras, faiança policromada (Portugal, Fábrica Bica do Sapato, Séc. XVIII)	102
Fig. 60, 61, 62 – Conjunto de 3 Jarras, faiança policromada (Portugal, Fábrica de Miragaia/Rossi, Sécs. XVIII-XIX).....	102
Fig. 63, 64 – Par de Jarras, faiança policromada (Portugal, Fábrica de Miragaia/Rossi, Início Séc. XIX).....	103
Fig. 65 – Açucareiro/Taça, porcelana policromada (Dinastia Qing, período Kangxi, Finais Séc. XVII/Inícios Séc. XVIII)	103
Fig. 66, 67 – Par de Jarras, vidro (Portugal, Espanha (Primeira metade do Séc. XIX)	103
Fig. 68 – Garrafa de Cristal	105
Fig. 69, 70, 71, 72 – Azulejos	105
Fig. 73 – <i>Missale Sacris Ordinis Praedicatorum</i>	106
Fig. 74 – Antifonário	106

Índice de tabelas e quadros

Tabela 1 Escolas de Corpus Christi – 1895-1900; 1901-1910: população.....	47
Tabela 2 Escolas de Corpus Christi 1899-1901; 1904-1910: áreas de formação	47
Tabela 3 Número de internadas no Instituto Corpus Christi (1930-1992)	53
Tabela 4 Número de moradoras do Convento Corpus Christi (1623-1860).....	68
Tabela 5 Despesas de Noviciado e Profissão	69
Tabela 6 Despesas de cada Religiosa	70
Quadro 1 Relação de objetos do espólio do Mosteiro entregues à Academia Real de Belas Artes de Lisboa.....	97
Quadro 2 Espólio do Convento Corpus Christi no Museu Nacional de Arte Antiga.....	99
Quadro 3 Objetos do convento que fazem parte da Coleção Marciano Azuaga.....	104

Lista de abreviaturas e siglas

(F) - Feminino
(M) - Masculino
A – Alaias litúrgicas
AHBN – Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional
AIORN – Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte
AL – Altares
ARPPA – Associação Regional de Proteção do Património Cultural e Natural
Artº/ Artºs – Artigo/s
Aval. - Avaliação
B.P.M.P – Biblioteca Pública Municipal do Porto
BA – Objetos entregues à Academia de Belas Artes
BNP – Biblioteca Nacional de Portugal
c. – Cerca de
Cap. – Capítulo
CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa
Cen - Centros
CER – Cerâmica
Cf. - *Confirmare*
cit. – Citado/a
cm - Centímetro
CNSCBPA – Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor d’Angers
Com - Comunidades
CONFHIC – Congregação das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
Coord. – Coordenação
cx. – Caixa
D. – Dom/Dona
Dec. – Decreto
Dir. – Direção
DLEC - Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos
E – Escultura
ed. – Edição
Esc - Escolas
et al – e outros/as
Exa. - Excelência
Exmo. - Excelentíssimo
f. - Folha
fasc. - Fascículo
FCLAs - Faculdade de Ciências e Letras
Fig./Figs. – Figura/s
FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Fr. - Frei
GNR – Guarda Nacional Republicana
HIV – Human Immunodeficiency Virus

Hos – Hospitais
IAN – Instituto dos Arquivos Nacionais
IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional
IHRU - Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana
Inv - Inventário
IPPAR - Instituto Português do Património Arquitetónico.
Irm - Irmandades
L – Livros, Manuscritos
Lar - Lares
m – metro
M – Móveis
MIP – Monumento de Interesse Público
Mis - Misericórdias
MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga
MOPH - *Monumenta Ordinis Praedicatorum Histórica*
Mos - Mosteiros/Conventos
MOV – Mobiliário
Mss – Manuscrito
N. - Nossa
Nº/nº/nºs – Número/s
Nov - Noviciados
O. P. – Ordem dos Pregadores
Obs. - Observações
op. cit. – Obra Citada
Ord. - Ordem
org. - Organização
P - Pintura
p./pp. – página/s
Par - Paróquias
Pref. - Prefácio
Pte. - Parte
R.mo - Reverendíssimo
ref. - Referência
Rei - Reitorias
Res - Residências
S. - São
S. l – *Sine loco*
s.n. – *Sine nomine*
S/ - Sem
San - Santuários
séc. – Século
segs. - Seguintes
Sem – Seminários
Sep. – Separata
SNBCI - Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Snr./Sr. - Senhor
St.,Sto./Sta. – Santo/a
TT – Torre do Tombo
T. Adic. – Termo Adicional
UF – Unidade Funcional
UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNESP - Universidade Estadual Paulista
V. - Ver
VID - Vidro
Vol./Vols. – Volume/s
ZEN – Zona Especial de Proteção

Introdução

O facto de conhecer as instalações do antigo mosteiro de Corpus Christi há já alguns anos, na condição de colaborador deste espaço, agora municipal e dedicado a eventos culturais, levou-me a pesquisar sobre o passado desta casa. Aquando de conferências, de exposições e de concertos, as pessoas olham intrigadas para estes espaços.

Atualmente, a qualquer visitante está aberta a possibilidade de conhecer o espaço da antiga igreja e do coro. Hoje nem a igreja nem o coro estão ao serviço daquilo para o qual foram criadas. E, se para alguns dos visitantes, o edifício da igreja pode parecer familiar, mesmo que um pouco remoto, e permitir evocar o sagrado, já não se passa exatamente o mesmo quando entram no coro. Evidentemente que alguma da cultura cinematográfica poderá permitir povoar o coro de criaturas estranhamente vestidas e fazer ouvir cânticos em língua estrangeira que os espetadores não dominam. Mas a perplexidade aumenta quando da leitura de indicações tais como *coro baixo*, *coro alto*, etc.

Para além da informação condensada sobre a história do edifício que se tem o cuidado de dispensar aos visitantes, tantas vezes marcada pela questão das origens, pouca atenção se dá à explicação do que foram as funções do que hoje é rotulado de património, menor ainda é a atenção prestada às comunidades que aqui viveram e ao modo como tiveram interesse em manter e transmitir um modo de ser e estar.

A proximidade quotidiana a este espaço determinou a vontade de tentar reconstituir algumas das linhas condutoras do modo como foi vivido ao longo dos tempos, ou seja, as funções que lhe foram atribuídas e que o definiram também como objeto patrimonial. Os novos usos atribuídos a este espaço e aos elementos que o explicaram e elucidaram são o outro ângulo da perspetiva assumida neste trabalho. Considerando que o património é sempre produto da vontade de o declarar como tal, ou seja, que é um produto fruto de decisões, certamente pensadas e articuladas, mais ou menos fundamentadas e esclarecidas, mas sempre discutíveis, será útil não só pesquisar sobre a história do convento de Corpus Christi para aumentar o conhecimento que pode basear as decisões, como ainda refletir sobre a pertinência de um novo uso.

Capítulo 1 – Aspetos Metodológicos

1.1. Apresentação da questão, objetivos e objeto de estudo

A noção de património ligada a este espaço leva a equacionar algumas questões que servem de fio condutor a este trabalho.

O património *Convento/Mosteiro de Corpus Christi* que hoje é usado como objeto de fruição cultural (exposições de arte, concertos, conferências literárias), mas também de fruição económica e comercial (apresentação de produtos comerciais, de empresas, etc.) resultou de um complexo edificado ao longo de séculos, ao serviço de uma comunidade de mulheres dedicadas ao sobrenatural e religioso. Não é líquido que o sentido atribuído aos elementos constitutivos desta realidade por estas mulheres seja de algum modo passível de se identificar com a definição que os atuais responsáveis, detentores deste património, estabeleceram para o mesmo. Este estudo deverá por isso ajudar a refletir sobre as dinâmicas e os processos que acompanharam a transição de um espaço religioso para um património cultural. Este espaço religioso foi pela sua natureza também um espaço cultural e de património. Mas, se se puder usar uma imagem, as águas deste rio são distintas a montante e a jusante. A divisão entre o montante e jusante destas águas, a extinção forçada da comunidade de religiosas, é concomitante ao aparecimento da noção e consciência social relativa ao património como um bem de fruição coletiva e de responsabilidade da comunidade alargada. Basta atentar no modo como na Carta de Lei de 15 de Abril de 1835 se destacam algumas obras e edifícios “*de notavel antiguidade que mereçam ser conservados como primores de arte, ou como monumentos historicos de grandes feitos, ou de Epocas Nacionaes.*” Note-se o critério de monumento histórico e a ligação ao nacionalismo. Os conceitos de património que se estão a forjar à altura não podem deixar de ser entendidos no contexto político liberal, mesmo que herdeiros de noções museológicas anteriores. “*No momento em que os objetos de matriz religiosa, litúrgica ou devocional, são subtraídos à tradicional posse eclesiástica, a sociedade apropria-se conceptualmente desses bens como um capital cultural de domínio*

coletivo”¹.

Por essa razão é expectável que durante algum tempo não se tornasse claro para os contemporâneos o que fazer com este património dos conventos e mosteiros. A passagem de objetos do registo sagrado para um ambiente profano, apontada por vários autores² como um dos traços marcantes no universo museológico português, é uma das decorrências da mudança em curso no que respeita ao conceito de património.

O percurso sinuoso e multifacetado deste espaço, desde a extinção da ordem até aos nossos dias, é apresentado com pormenor no capítulo 2.

1.2. Percurso Bibliográfico

Definido o objeto e objetivo deste trabalho encetamos uma pesquisa bibliográfica orientada por duas ordens de critérios: se por um lado devíamos tentar reencontrar estudos que colocassem esta questão dos novos usos do património no centro das atenções, por outro era necessário recolher informação sobre esta instituição. A pesquisa na *Biblioteca da Faculdade de Letras* na *Biblioteca Central*, permitiu recuperar estudos sobre a história dos museus, dos seus conteúdos e transformações em termos concetuais e foi bastante útil por alertar para a contemporaneidade desse percurso em relação aos momentos de definição do património da instituição estudada³. Trabalhos específicos sobre o assunto restrito dos novos usos patrimoniais não se mostraram tão abundantes quanto se esperaria e nitidamente seguem a tendência mais geral de aplicar este conceito ao património edificado. Duas teses de mestrado recentes como a de Inês Afonso⁴ e a de Gilda Rodrigues⁵, sobre o modo como edifícios monásticos ou escolas primárias podem ser

¹ROQUE, Isabel, “Museologia oitocentista do património religioso em Portugal”, *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte*, Vol. 6, 2010, p.142

² BRIGOLA, João Carlos Pires, *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003; COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da, *Museologia da Arte Sacra em Portugal (1820-2010) Espaços, momentos, museografia*, Coimbra, FLUC, 2011 [Tese de doutoramento]; AFONSO, André das Neves, Os museus eclesiásticos e a sua função pastoral. Obstáculos e necessidades no patriarcado de Lisboa, *Revista Vox Musei arte e património*, Vol. 1 (1) 2013, pp. 86-100.

³ Como exemplo, BRIGOLA, João Carlos Pires, *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

⁴AFONSO, Inês, *Novos usos do património monástico do distrito de Viana do Castelo*, Porto, FLUP, 2014

⁵ RODRIGUES, Gilda, *O património escolar e novos usos turísticos: a recuperação para unidades de alojamento no concelho de Ponte de Lima*, Porto, FLUP, 2012

reutilizados valorizando e reconversão de um património específico, são casos de estudo a considerar. A obra já clássica de Choay, *A Alegoria do Património*⁶ e os contributos que se encontram em *Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas*⁷ foram de grande auxílio para a definição dos conceitos essenciais a todo este percurso. Ao longo do trabalho tornou-se evidente que certos círculos do tecido social do século XIX atribuíram às comunidades monásticas e às suas representações um conceito de identidade que perdurou para lá da vida desses agentes e marcou as decisões que se tomaram sobre o futuro do património. Útil também para este trabalho revelaram-se as discussões sobre a função de patrimonialização. Até onde tem razão quem argumenta que “*O momento da concessão de um estatuto patrimonial corresponde ao reconhecimento que algo desapareceu ou deixou de estar integrado nas práticas quotidianas*”⁸. Discussão que se pretende neste trabalho se desenvolva em torno do percurso pelo qual passou o Mosteiro de Corpus Christi desde o século XIX aos nossos dias.

Quase até aos nossos dias, desde a Antiguidade a palavra *património* correspondia aos bens materiais que cada pessoa, família ou instituição possuía, e poderia ou não transmitir para as gerações futuras. O atual significado da palavra começou a surgir a partir da Revolução Francesa (1789), em consequência das pilhagens e as destruições dos bens da Igreja e da Monarquia. Alguns políticos “*culturalmente lúcidos*” alertaram na necessidade de salvaguardar o “*património artístico e monumental da nação*”.⁹

O sentido e a noção de Património evoluiu no século XIX sobretudo com o emergir dos nacionalismos dos estados-nação. Falava-se em *monumentos*, *monumenta histórica* e pouco depois em *monumentos históricos*. *Monumento*, palavra que deriva do verbo latino *monere*, significa *advertir, lembrar*. Todos os países e todas as comunidades têm os seus monumentos onde afirmam as suas memórias e o orgulho próprio. São a sua referência, memória e identidade. Aquando das revoltas de cariz fundamentalista, destruíram-se os

⁶ CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*. Lisboa. Edições 70, 1999

⁷ PERALTA, Elsa e ANICO, MARTA (org.), *Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras, Celta, 2006

⁸ PEIXOTO, Paulo, “O património mata a identidade” in PERALTA, Elsa e ANICO, Marta (org.), *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras, Celta, 2006, pp. 63-72

⁹ ALMEIDA, C. A. Ferreira “Património – Riegl e Hoje”, Sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. X, Porto, 1993, p. 409

monumentos que lembravam os tempos anteriores e foram substituídos pelas de novel ideologia.¹⁰

Para além do *Património Nacional*, começou a falar-se do *património europeu* e depois, devido à UNESCO, (Conferência de Nairobi, 1976) de *Património Mundial, natural e cultural*¹¹

O conceito de Património Cultural compreendia desde os monumentos históricos, e outros bens materiais como a dimensão urbanística da cidade, agora também incluída na dimensão de *bem cultural*; e a herança de cada povo: os bens visíveis e invisíveis, artesanatos, línguas, conhecimentos, documentação. A partir daqui os restauros deviam contemplar os usos sociais do que foi produzido no passado relacionado com as necessidades atuais da maioria da população. (Declaração de Quebec, 1971) O Manifesto de Amesterdão, de 1975, estabelece que o património arquitetónico é constituído tanto pelos monumentos quanto pelos conjuntos, quer os que compõem as antigas cidades, como os das povoações tradicionais rurais.¹²

Os núcleos de muitas das cidades históricas, na década de 1980, ainda eram sujos, sem água ou saneamento, sem turistas, quiosques ou esplanadas. Este estado de coisas vai mudar devido a vários fatores ocorridos quase em simultâneo e que permitiram inverter a situação. O primeiro foi desenvolvimento e a maturação da democracia em Portugal, permitindo um maior acesso à educação e à cultura que formou novos agentes culturais. Uma maior consciencialização sobre a necessidade de preservar e conservar o património cultural; o surgimento de legislação que estabeleceu as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural (Lei 107/2001). A apropriação do espaço urbano pelo turismo. O turismo fez com se direcionassem recursos para a requalificação e reconversão de áreas urbanas degradadas, como por exemplo as frentes ribeirinhas das cidades.¹³

¹⁰ *Idem, Ibidem*

¹¹ *Idem, Ibidem*

¹² ZANIRATO, Sílvia Helena, “Património para todos: Promoção e Difusão do Uso público do Património Cultural na Cidade Histórica”, in *Património e Memória*, vol. 2, nº 2, São Paulo: UNESP - FCLAs - CEDAP, Vol. 2, nº 2, 2006, p. 82

¹³ CARVALHO, Paulo M., “Turismo Cultural, Património e Políticas Públicas em Territórios Rurais de Baixa Densidade: Eixos Vertebradores de Revitalização e de Construção de Novas Identidades?” in *Atas*

O centro histórico e o seu processo de reabilitação e revitalização têm sido a alavanca de preservação do espaço físico, mas também devem ser de fixação das populações. Não há centros históricos sem gente dentro, correndo-se o perigo de serem parques temáticos *very typical*.

A recuperação e reutilização do espaço monástico de Corpus Christi foi inserida nessa requalificação da zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia. O antigo mosteiro está rodeado de caves de vinho do Porto procuradas por milhares de turistas e beneficia dessa afluência, recebendo anualmente visitantes de todo o mundo.

O espaço monástico-conventual recuperado para novas utilizações teria, obviamente, que preservar, o que a Declaração do Quebec (2008) designou acerca do *spiritu loci*, ou espírito do lugar, a procura do “*sentido do lugar*”, do significado do lugar para continuar a perceção ao longo do tempo do carácter plural, dinâmico e peculiar da mudança.¹⁴

A observação de Ferreira de Almeida, “*Património é uma palavra que está na moda dos profissionais, dos aficionados da Cultura, dos empresários que funcionam e lucram em seu nome, dos técnicos do Planeamento e até dos políticos*”¹⁵, já com mais de vinte anos, parece manter-se atual. A tendência para se conservar de tudo um pouco, que o mesmo autor designa de “*complexo de Noé*”, ligado a uma sociedade marcada pela perda de património, não é a razão de ser deste estudo.

Em relação à busca de informação sobre o mosteiro e as outras entidades que a este estiveram ligadas, definimos termos de pesquisa que nos pareceram ter interesse para a investigação: Corpus Christi; Cucujães; Ordem Dominicana; Irmã do Divino Coração; Irmandade do Rosário; Irmãs do Bom Pastor; Irmãs Hospitaleiras; Seminário de Trancoso; Seminário dos Carvalhos; Seminário Maior do Porto (e outras designações que teve ao longo dos tempos). Extinção das Ordens religiosas; Desamortização; Venda dos bens nacionais foram palavras-chave estabelecidas com o propósito de inserir este caso

do Congresso de Turismo Cultural, Território e Identidades, ed. M. G. Santos, Instituto Politécnico de Leiria, 2006.

¹⁴ AMORIM, Inês, “Do monumento monástico-conventual à paisagem cultural – Património como processo: do sítio, das ideias e das necessidades”, *X Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões*, Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2014, p. 95

¹⁵ ALMEIDA, Ferreira, *op. cit.*, p. 407

em estudo no processo mais abrangente a nível nacional. Os mesmos termos foram utilizados para percorrer monografias e publicações periódicas locais, como *O Tripeiro* (o seu Índice Geral).

A informação contida em todos estes documentos foi trabalhada segundo o objetivo desta dissertação, ou seja, tentar seguir o rasto ao património que pertenceu ao extinto convento de Corpus Christi e analisar se este património manteve ou não a sua função, se lhe foi atribuído um novo carácter. E, simultaneamente, recuperar a informação que permita descodificar o sentido do lugar.

Há que destacar, entre os resultados obtidos nestas pesquisas, a dissertação de mestrado de Luísa Rodrigues em História de Arte, intitulada *O Mosteiro de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia, Arquitectura, Pintura e Escultura num espaço dominicano feminino (1675-1873)*¹⁶. Não só pelo rigor que evidencia, como pelo facto da autora ter feito um exercício de reconstituição dos aspetos artísticos a partir de documentação que publica e que se tornou no acervo essencial necessário à realização do trabalho agora proposto. A documentação em questão resulta do processo de extinção e venda dos bens conventuais em dois momentos do século XIX. Esta documentação será alvo de atenção detalhada mais adiante.

A pesquisa bibliográfica que realizamos na *Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia* (Anexo I) e que incidiu particularmente no *Fundo Local e Regional* considerou vários níveis: publicações sobre o convento Corpus Christi; publicações locais e regionais que abordem temáticas religiosas, particularmente sobre igrejas e capelas de Vila Nova de Gaia, Porto e de paróquias circundantes ao espaço do mosteiro; consultas nas notas de monografias e outras publicações que de alguma forma nos dessem informações relevantes sobre o assunto que vamos tratar neste trabalho. O foco nas publicações classificadas como *Fundo Local e Regional* justifica-se mais pela informação detalhada que a um nível micro se possa encontrar sobre alguns dos elementos constitutivos do

¹⁶ RODRIGUES, Luísa Fernanda Ferreira *O Mosteiro de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia. Arquitectura, Pintura e Escultura num espaço dominicano feminino (1675-1873)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998.

património que outrora foi do convento de Corpus Christi do que por suspeitar que nestas obras haveria grandes discussões sobre os *novos usos* do património. Das obras de cariz monográfico foram bastante úteis à nossa investigação na identificação da imaginária existente nas igrejas e capelas do concelho.

Ainda na mesma biblioteca, consultamos a vasta obra monográfica de Francisco Barbosa da Costa a partir das Memórias Paroquiais de 1758, por si publicadas e anotadas, que foram de grande utilidade.

Entre os escritos específicos dedicados ao Convento Corpus Christi, estão os recuperados, essencialmente, nas publicações da *Associação Cultural Amigos de Gaia*, do *Gabinete de História e Arqueologia de Gaia*, mas ainda noutras iniciativas.

Um outro grupo selecionado sistematicamente foi o que se poderia classificar como o de *catálogos de exposições de arte religiosa*, circunscritos aos que se realizaram em Gaia e Porto.

Os mesmos foram utilizados a dois níveis: como repositórios de estudos sobre as temáticas a que aludiam, mas também como repositórios de informação sistemática relacionada com o nosso objeto. Nos catálogos de exposições de arte religiosa procuramos indicações sobre elementos que pudessem ter feito parte do espólio do extinto convento de Corpus Christi. Em Vila Nova de Gaia realizaram-se poucas exposições sobre o tema. Em 1978, realizou-se a *I Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia*¹⁷, organizada pela Associação Cultural Amigos de Gaia e em 1980, a sua segunda edição¹⁸, no mesmo local. Em 2001, organizada pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, decorreu no Mosteiro da Serra do Pilar uma exposição em que se contextualizava através da imaginária religiosa a vida de Jesus Cristo, intitulada *Exposição Cristológica*¹⁹.

Na pesquisa bibliográfica não só procuramos apoio para estruturamos este trabalho e

¹⁷ *I Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia* (catálogo) Galerias Diogo de Macedo, Associação Cultural Amigos de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Casa-Museu Teixeira Lopes, fevereiro-março de 1978.

¹⁸ *II Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia*, (catálogo), Gaia, Galerias Diogo de Macedo, Associação Cultural Amigos de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Casa-Museu Teixeira Lopes, 1980.

¹⁹ *Exposição Cristológica*, (catálogo), Mosteiro da Serra do Pilar, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, abril de 2001.

criarmos um fio condutor que permitisse a discussão a vários níveis sobre o percurso de utilização do património, definido ao longo dos tempos por diferentes agentes como adequado aos bens, que em tempos fizeram parte da vida de uma comunidade específica, como ainda indagamos sobre dados que nos fizessem seguir as pistas deixadas pelos bens arrolados na fase de extinção do mosteiro.

1.3. Percurso pela informação arquivística

A vontade de identificar não só os produtores de informação ligados ao espaço conventual ao longo dos tempos, mas também aos bens móveis que constituíram parte integrante desta entidade, assim como o desígnio de identificar o seu subsequente uso, levaram-nos a percorrer uma série de caminhos.

Deduzimos que poderia ter acontecido neste caso do mosteiro de Corpus Christi o que já está estudado para outros conventos, no que respeita ao modo como parte dos objetos de culto foram distribuídos pelas igrejas e capelas da região envolvente das casas monásticas²⁰. Por isso, centrámo-nos particularmente nas paróquias de Vila Nova de Gaia, mas também nos seminários e outras casas religiosas.

Estabelecemos contato com as paróquias do concelho no sentido de saber da existência de documentação ou conhecimento de algum objeto de culto ter sido oferecido às igrejas, capelas ou confrarias das freguesias. As respostas foram quase todas negativas.

O Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja (SNBCI)²¹, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian e a empresa Sistemas de Futuro, está a proceder à inventariação do espólio cultural das dioceses. Consultamos a base de dados respeitante à Diocese do Porto no sentido de tentar identificar imagens, quadros e alaias que fazem parte dos inventários. É composta por fichas de inventário de imagens, quadros e objetos litúrgicos mas não indica qualquer informação sobre a sua origem, sobre o seu historial e a localização, tendo por isso para este trabalho muito pouca utilidade.

Realizamos uma pesquisa, por amostragem, nas atas das Juntas de Paróquia do concelho

²⁰ Veja-se o caso estudado por ROCHA, Manuel Joaquim para o convento de Avé Maria no Porto.

²¹ *Base de Dados dos Bens Culturais da Igreja, Diocese do Porto* <http://inweb.bcdp.org/geral.aspx>

de Vila Nova de Gaia, nos arquivos da Juntas de Freguesia. Na impossibilidade de as consultar na totalidade, optamos pelas freguesias de Avintes e Pedroso. Em relação ao nosso objeto de estudo nada encontramos, mas foi possível constatar que as confrarias dessas paróquias guardavam os seus objetos cultuais em casa dos seus membros. As Juntas de Paróquia, com as novas diretrizes emanadas do novo regime liberal, que obrigavam as confrarias a realizar os inventários dos seus bens, facto que não foi bem recebido. Muitos dos seus membros demitiram-se e entregaram os bens a seu cargo, alegando falta de respeito e de confiança. Outros houve que reportaram roubos, desaparecimentos súbitos e outras desculpas para justificar as incoerências nos inventários, o que levou a atritos e longas contendas entre os párocos e os membros das confrarias.

No arquivo do Seminário da Boa Nova de Cucujães, consultamos *O Missionário Católico* – boletim mensal dos Colégios das Missões Religiosas Ultramarinas dos Padres Seculares Portugueses,²² na sequência de informações que imagens e alfaia religiosas do Corpus Christi tinham sido cedidas àquela instituição em 1922.²³

Efetuamos uma investigação na Casa-Museu Teixeira Lopes, centrada no *Arquivo Epistolar de António Teixeira Lopes*, escultor e patrono da casa. Pessoa de muitos conhecimentos e amizades nos finais do século XIX, inícios do século XX, era além de artista, um colecionador. Antigo colaborador da Casa-museu e conhecedor do seu acervo onde constam diversos objetos de outros conventos extintos, nomeadamente do convento de Santo António do Vale da Piedade e São Bento de Ave-Maria, parecia-nos plausível, nesse contexto, Teixeira Lopes ter adquirido algum objeto do Corpus Christi.

Havia entre as personalidades das relações de Teixeira Lopes, algumas que faziam ou fizeram parte da Irmandade do Rosário e São Domingos de Gusmão, sediada no dito convento, como era o caso do 1º Conde de Campo Belo, Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, o pintor Ayres Gouveia e o médico Artur Ferreira Macedo. Outras figuras da sociedade da época também trocavam correspondência com o escultor como era o caso

²² O 1º número saiu em 15 de agosto de 1924 com algumas intermitências e outras designações. Atualmente a revista tem a designação de *Boa Nova*.

²³ CAMPO BELLO, *Ibidem*, p. 41

do Conde de Samodães, o bispo do Porto, D. António Barroso, os Condes das Devesas, o Conselheiro Campos Henriques, o crítico de arte Joaquim de Vasconcelos e o Governador Civil, Coronel Nunes da Ponte.

No Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, efetuamos um levantamento dos *Autos de Arrolamento* realizados nas freguesias de Vila Nova de Gaia, no âmbito da Lei de Separação do Estado da Igreja de 1912.²⁴

Realizamos também uma pesquisa no *Centro de Documentação* do Solar Condes de Resende. Neste espaço pertencente à Câmara Municipal de Gaia encontra-se depositada a *Coleção Marciano Azuaga* e dela fazem parte alguns objetos que estão identificados como tendo pertencido ao convento Corpus Christi, apesar de não fazerem parte dos inventários aquando da sua extinção.

A própria instituição Câmara Municipal de Gaia organizou os arquivos deixados por anteriores instituições que estiveram, em regime de contrato com o Ministério da Justiça, a viver neste espaço até 2002, como seja o caso da Congregação da Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor d'Angers e a Fundação Manuel Pinto da Fonseca.

1.3.1. Os Fundos mais destacados

O facto de tanto a lei, quanto as práticas do processo inventariante em 1894, definirem que alguns organismos deveriam receber parte do património arrolado, fez-nos estabelecer um roteiro dos fundos a reconhecer para verificar a existência dos bens indicados. Deste roteiro fazem parte A Biblioteca Nacional, o Museu de Arte Antiga, o Arquivo da Torre do Tombo. Numa primeira fase pesquisamos nestas instituições a partir dos instrumentos de pesquisa disponíveis para tentar avaliar o universo de elementos claramente identificados pelas instituições como provenientes do Mosteiro de Corpus Christi. Em momento subsequente dirigimos às entidades o pedido de informação sobre as existências nos seus fundos.

²⁴ Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, 30.01.03, cx. 143, 144, ref. 330.

1.3.1.1. Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional Torre do Tombo

Foi entre 1887 e 1907 que a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos realizou a inventariação e arrecadação das livrarias e dos cartórios de mais de cento e cinquenta conventos femininos em Portugal. Esta instituição foi criada pelo Decreto de 29 de dezembro de 1887 e surge como consequência da Carta de Lei de 25 de agosto do mesmo ano em que o Governo determinava que se procedesse à organização de todos os arquivos e bibliotecas, especialmente o Arquivo da Torre do Tombo e a Biblioteca Nacional. Determinava-se também no sentido de reformar a legislação no que se refere à arrecadação dos livros antigos por parte daquelas instituições.²⁵

A Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos tinha a incumbência de proceder à incorporação das “(...) *bibliotecas de todos os conventos extinctos, ou que vierem a extinguir-se, e a das repartições e estabelecimentos do Estado, que deixarem de serem necessárias*”.²⁶ Entre estes contavam-se os conventos femininos que desde a década de trinta de oitocentos se vinham gradualmente a extinguir após a morte da última freira. Entre as tarefas de maior envergadura da Inspeção Geral, sobressaía a tarefa de transferir para a Torre do Tombo os documentos anteriores a 1834, existentes nos arquivos dos cartórios das casas religiosas; assim como construir um catálogo nacional de bibliotecas públicas portuguesas, recuperando-se assim uma antiga aspiração do Liberalismo: constituir uma rede de bibliotecas públicas e uma rede de bibliotecas escolares.²⁷

Ao contrário do que se verificou com a extinção dos conventos masculinos, talvez devido a uma maior estabilidade política e social, a arrecadação das livrarias dos conventos femininos, cuja documentação se encontra no *Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos* (DLEC) - Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional de Portugal, foi muito mais organizada. Quando eram elaboradas as listas/inventários, a Fazenda Pública selecionava os livros relativos à administração dos bens do convento e entregava os restantes à Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos, mediante um termo de entrega

²⁵ BARATA, J. S. Paulo “As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer”, in *Lusitana Sacra*, 24 (julho-dezembro, 2011) p. 126.

²⁶ *Manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP) – MSS.202, nº. 23, cit. BARATA, Paulo, *Ibidem*, p. 126.

²⁷ BARATA, Paulo, *Ibidem.*, 127

lavrado na repartição do distrito respetivo. Em geral, as listas eram muito sumárias, como era o caso do convento de Gaia, onde apenas apareciam mencionados os *Manuscritos* e os *Livros*, constando elementos como número de ordem, autor (abreviado), título (abreviado), número de volumes e números de exemplares. O rigor com que se elaboravam estas listas dependia sempre do conhecimento, do cuidado e da atenção de quem era encarregado de o realizar.²⁸

A inventariação da livraria do convento Corpus Christi foi realizada por Tomás Lino da Assumpção em 22 de janeiro de 1894, à época Inspetor Interino das Bibliotecas e Arquivos Públicos e constava de 363 Livros, 228 Códices, 23 Documentos avulsos e 19 Maços que foram entregues e dados como arrecadados pela Inspeção Geral em 23 de janeiro de 1894. Foram todos depositados na Biblioteca Nacional. Os documentos do cartório foram transferidos em 1912 para o Arquivo Nacional Torre do Tombo (Anexo II), ficando os restantes no DLEC.²⁹ (Anexo III)

No mesmo sentido recorremos à consulta de um instrumento disponibilizado pelo SNBCI (Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja) para a área das Bibliotecas e do Livro, com a intenção de dar visibilidade ao processo de inventariação e catalogação de fundos bibliográficos das instituições ligadas à Igreja, o *Projeto Cesareia*.³⁰ O objetivo é disponibilizar em rede acervos volumosos de conteúdos normalmente desconhecidos. Foi um portal a que recorremos para pesquisar em bibliotecas que normalmente não temos acesso, apesar de o projeto ainda estar em fase inicial e estarem a aderir aos poucos mais bibliotecas.

O *Clavis Bibliothecarum*³¹ é um sítio na Internet que surge no âmbito de um projeto de investigação na área da História da Ciência e que também já se consubstanciou no livro com o mesmo nome, resultante do trabalho desenvolvido por Luana Giugevich e Henrique Leitão. É o mais completo levantamento efetuado de catálogos e inventários de

²⁸ BARATA, Paulo, *Ibidem*, pp. 128, 130, 133-134

²⁹ *Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional* - AHBN/AC/INC/DLEC/33/Cx.09-01. Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC), Série 33 – “Relação dos livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos”

³⁰ *Cesareia – Portal das Bibliotecas Eclesiais Portuguesas* <http://www.cesareia.pt/>

³¹ *Clavis Bibliothecarum* <http://clavisbibliothecarum.bnportugal.pt/index.php>

bibliotecas de instituições religiosas portuguesas.

A documentação relativa à extinção do Convento Corpus Christi que está depositada no Arquivo Nacional Torre do Tombo encontra-se no *Fundo do Ministério das Finanças*³². No mesmo arquivo existe no fundo do Convento de Corpus Christi documentação produzida pela própria instituição ao longo da sua vida, cobrindo por isso um espaço temporal longo, desde a Idade Média ao século XIX.

Na página da Torre do Tombo no *Inventário de extinção do convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia do Porto* na descrição de Âmbito e Conteúdo, a técnica responsável, indica a documentação produzida neste processo de inventariação desses anos cinquenta da seguinte forma: “*Minutas do inventário no tempo do governo da priora D. Felismina Adelaide Leal (1859), do pessoal do Convento, bens e rendimentos, despesa (1859), termo adicional bens omissos, cópias de autos de posse de prédios urbanos, entre outros*”. E ainda “*Cópia do Caderno nº 1 do Inventário do Convento de Corpus Christi, da descrição e avaliação do Convento e anexos (1858, 4f.)*”. “*Original e cópia do Caderno nº 2 do Inventário do Convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia, da descrição e avaliação dos prazos, sua situação, qualidade, natureza, nome dos enfiteutas, importância dos foros e datas dos títulos de empraçamento, com indicação dos cartórios em que foram lavrados (1858-1859), mais de 102 f*”. “*Original e cópia do Caderno nº 3 do Inventário do Convento de Corpus Christi, da descrição e avaliação das propriedades rurais e urbanas livres de foro ou pensão, sua situação, qualidade e rendimento, data dos respetivos títulos, sua aquisição por doação real ou particular (1859)*”³³.

1.3.1.2. Museu Nacional de Arte Antiga

Os conventos, os seus edifícios e o espólio artístico, foram a génese dos grandes museus

³² Na obra de Luísa Rodrigues este fundo é designado pela autora, conforme se fazia à época, do seguinte modo: IAN/TT – *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi*, Cx. 2017/2018. Hoje em dia, a designação correta é a seguinte: TT-Ministério das Finanças- Direção Geral da Fazenda Pública – 4ª repartição: Património-Processos de extinção das casas religiosas femininas - Inventário de extinção do convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia do Porto. Sempre que daqui em diante a documentação seja citada, a partir da obra de Luísa Rodrigues, respeita-se a primeira forma.

³³ TT – Ministério das Finanças – Direção Geral da Fazenda Pública – 4ª repartição: Património -Processos de extinção das casas religiosas femininas - Inventário de extinção do convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia do Porto – Âmbito e Conteúdo

portugueses. O *Museu Portuense*, o primeiro museu público, criado pelo Estado em Portugal sob o desígnio de D. Pedro IV, em 1833, foi instalado no Convento de Santo António da Piedade. Em 16 de outubro de 1834 foi criado em Lisboa o *Depósito das Livrarias, Cartorios, Pinturas e de mais preciosidades Litterarias e Scientificas* no Convento de S. Francisco, com o objetivo de recolher o património móvel dos conventos extintos da província da Extremadura. Em fevereiro de 1835, já tinham sido recolhidos mais de mil quadros dos conventos que iriam servir para fundar um *Museu Nacional de Belas-Artes*. No ano seguinte, as Academias de Belas Artes do Porto e Lisboa são fundadas simultaneamente por Passos Manuel, com o intuito de classificar, ordenar e selecionar as “*antiquilhas e livrarias*” incorporadas e depositadas no antigo Convento de S. Francisco. A Portaria de 30 de dezembro de 1836 encarregava a Academia de classificar as pinturas existentes para elaborar e publicar um catálogo com as que fosse mais úteis ao estudo de académicos e artistas; as que se destinassem aos museus das capitais de distrito; proceder aos restauros necessários e mandar litografar e gravar uma coleção dos melhores pintores clássicos portugueses. Ficou também encarregada de planejar a exposição numa galeria pública com os quadros que possuía e que serviam de estudo para os académicos. A Galeria abriu em 1868, com 366 pinturas, mas pelas paredes da Academia estavam dispostos 540 quadros pelas Aulas de Pintura Histórica, de Pintura de Paisagem e de “*produtos naturaes*”.³⁴

Com o passar dos anos, as condições de exposição, como o fumo das velas e a humidade, aliadas à falta de pessoas especializadas na conservação das peças e no seu estudo, aceleraram a degradação do acervo do museu. O Convento de S. Francisco não apresentava condições para a tripla função que lhe destinaram: conservar um amplo espólio, organizar exposições públicas e formar artistas.³⁵

Só em 1882, a ideia de um novo espaço para a coleção do convento surge no decurso da *Exposição de Arte Ornamental*, no Palácio dos Condes de Alvor. Era uma exposição onde figuravam “*exemplares de arte ornamental e decorativa, de origem hespanhola e portugueza, fabricados desde os tempos mais remotos até ao seculo XVIII*”. A exposição

³⁴ ROQUE, Isabel, *Ibidem*, pp. 125-128

³⁵ *Idem*, *Ibidem*, p. 129

foi inaugurada pelos reis D. Luís de Portugal e D. Afonso XII de Espanha e apresentava obras provenientes não apenas da Academia de Belas Artes, mas também das Sés de Lisboa, Coimbra, Viseu, Lamego e outras igrejas; dos Mosteiros de Lorvão, Odivelas, Almoester; das mitras patriarcal e episcopais, confrarias, paróquias, misericórdias, do Museu Portuense e da Academia do Porto, e de muitas coleções particulares, entre as quais se destaca a de D. Fernando II, presidente de honra da exposição.³⁶

Foi publicado o *Catalogo Illustrado da Exposição* em dois volumes, o primeiro, com a descrição das peças mais significativas, o segundo com litografias de 220 peças. Nesta exposição, uma das novidades foi a fotografia através de Filipe Simões e Carlos Relvas. A exposição foi um verdadeiro êxito, com elevada adesão do público, estimada em 100.000 visitas, suscitando polémica quanto ao destino do espólio da Academia, começando a considerar-se o palácio onde estava a exposição, como hipótese viável para a concretização desse espaço em museu.³⁷

Passados dois anos, o Estado comprou o edifício das Janelas Verdes transferindo para aí as coleções da Academia. O *Museu de Belas Artes e Arqueologia* abriu ao público em 12 de junho de 1884. Do seu acervo faziam parte a pintura, proveniente de S. Francisco; a coleção de objetos litúrgicos de ourivesaria, transferida em 1867 da Casa da Moeda; as coleções de escultura e artes decorativas oriundas dos conventos femininos; e o acervo que vinha a ser adquirido pelo museu: desenhos, gravuras, arte ornamental e arqueologia. Em 1891, o Estado entrega provisoriamente o Convento das Albertas, contíguo ao Palácio dos Condes de Alvor, para alargamento do museu, dada a quantidade dos objetos que ali chegavam dos extintos conventos.³⁸

Com a implantação da República, o museu é dividido em dois: o museu das Janelas Verdes fica com a designação de *Museu Nacional de Arte Antiga* (MNAA) e o espólio que vai constituir o novo *Museu Nacional de Arte Contemporânea* regressa para anexos do Convento de S. Francisco. O MNNA fica com a responsabilidade de reunir as coleções que se dispersaram por várias instituições e receber o espólio dos paços reais, das sés e

³⁶ *Idem, Ibidem*, pp. 129-131

³⁷ *Idem, Ibidem*, pp. 133-134

³⁸ *Idem, Ibidem*, pp. 134-135

paços episcopais (devido à lei da separação da Igreja e do Estado).³⁹

Esta explanação, que é também um pouco a história dos museus portugueses, serve para mostrar o percurso dos objetos do espólio do convento Corpus Christi que foram escolhidos pela Academia de Belas Artes de Lisboa. Do museu desta instituição, passaram, como vimos, para o Museu Nacional de Arte Antiga.

1.4. Crítica das Fontes

Descritos os percursos de indagação de informação que pudesse ser útil para responder ao nosso objetivo, importa, antes de prosseguir para a apresentação da história da comunidade e do seu património, refletir sobre as fontes e validar a sua pertinência para o caso.

Quando terminámos a leitura da dissertação de mestrado de Luísa Rodrigues em História de Arte intitulada *O Mosteiro de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia, Arquitectura, Pintura e Escultura num espaço dominicano feminino (1675-1873)*, concluímos que dos objetos de culto que possuía o convento na altura da sua extinção pouco resta nas dependências do edifício atual. Pouquíssimas imagens e quadros e algumas peças auxiliares ao culto sobraram desse inventário de 1894. Entre esta data e 1996, quando foi elaborado um novo inventário, na altura em que o espaço era ocupado pela *Fundação Frei Manuel Pinto da Fonseca*, que saibamos não se procedeu a outras inventariações. Mas a vida deste espaço foi bastante complexa no que respeita a sucessivas tutelas. Os inventários novecentistas assumem assim um lugar de destaque. Sobre eles recai a nossa especial atenção.

Como o processo de extinção é central ao nosso desígnio científico, mereceu pois o *Fundo do Ministério das Finanças* a nossa particular atenção. Os documentos mais importantes são as minutas de inventário e as relações de objetos de culto do convento.

Esta documentação, a seguir individualizada, foi produzida em função das decisões legislativas em dois momentos concretos, nos anos cinquenta e num segundo momento, aquando da morte da última freira e portanto na extinção da instituição, nos anos noventa.

³⁹ *Idem, Ibidem*, p. 137

O estado preocupou-se em controlar o processo de extinção das casas femininas, estabelecendo nos anos cinquenta instrumentos de descrição do património que permitissem não o deixar levar ao descaminho. A consciência desta situação que se tornou uma realidade, entre os anos que medeiam o decreto da extinção e os anos cinquenta, sem que fosse possível à Fazenda Nacional, por falta de conhecimento rigoroso e legal, traçar o seu percurso, ditou este esforço de inventariação dos anos cinquenta.

Realmente foi possível apurar que no Convento Corpus Christi, o primeiro inventário realizou-se a 17 de janeiro de 1859 com a *Louvação das Imagens e painéis existentes na Igreja*. Foi elaborado pelo escrivão da Fazenda Pública de Vila Nova de Gaia, João Joaquim de Lima, o Reverendo Doutor José Joaquim da Silva Guimarães, representante do bispo do Porto, e Manuel da Fonseca Pinto, professor de Escultura da Academia de Belas Artes do Porto, na presença da priora Dona Felismina Adelaide Leal “*que se achava presente dentro de grades*”⁴⁰

O Decreto de 30 de maio de 1834 que extinguiu de imediato as ordens religiosas masculinas e as femininas até à morte da última freira, já estabelecia uma exceção em relação aos objetos de culto. No artigo 3º do documento determinava-se que “*Os Vasos Sagrados, e paramentos, que serviam ao Culto Divino serão postos à disposição dos Ordinarios respectivos para serem distribuídos pelas Igrejas mais necessitadas das Dioceses.*”⁴¹ A presença do representante do bispo da diocese no dia da inventariação das imagens e painéis remete para este entendimento do que eram as funções deste património, a de servir o culto.

No dia seguinte, a 18 de janeiro, realizou-se a *inventariação dos sinos*, para a qual foi chamado João Baptista Moreira e Souza, mestre de fundição de metais da cidade do Porto.⁴²

O inventário dos *Paramentos e suas pertenças* foi realizado a 25 de janeiro de 1859, pelos mesmos representantes da Fazenda Pública e do bispo do Porto. Para a avaliação dos

⁴⁰ IAN/TT – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi, Cx. 2018, transcrito e referido em RODRIGUES, Luísa, *op. cit.*, Documento nº 31, p. 57-59

⁴¹ ROQUE, Isabel, *Ibidem*, p. 119

⁴² RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, Documento nº 32, p. 59

paramentos foi chamado Francisco José Teixeira de Carvalho, do Porto e para as *alfaias religiosas* mais valiosas António José de Souza, contrastador ensaiador de prata, também da cidade do Porto.⁴³

A *avaliação e descrição dos armazéns* pertencentes ao mosteiro são realizados a 4 de fevereiro de 1862, na presença do Administrador substituto do concelho de Gaia, Bacharel Frederico Ernesto Braga, João Joaquim de Lima, escrivão da Fazenda Pública e o Bacharel Manoel de Vasconcelos Guedes de Carvalho, Doutor Delegado da Segunda Vara. Foram chamados os louvados, o mestre Pedreiro José Rodriguez Lima do Candal; António da Silva Lopes e José Gonçalves Chaminé, ambos mestres Carpinteiros de Vila Nova de Gaia.⁴⁴

Após a morte de D. Marcelina Cândida Viana, última monja do Mosteiro de Corpus Christi de Gaia a 5 de janeiro de 1894, procede-se à inventariação de todos os bens, para dar rumo a este património que já é, teoricamente, desde 1834, pertença do estado.

O *inventário de todos os bens* foi elaborado em conformidade com o ofício da Direção-Geral dos Proprios Nacionais de 18 de janeiro de 1894. Foi concluído em 22 de novembro do mesmo ano e assinado pelo representante da Fazenda Pública do Distrito do Porto, Pedro Leite Pereira de Mello e Alvim, pelo Administrador do concelho de Gaia, o Bacharel José Thomaz Ribeiro Fortes Júnior, assim como pelo Padre Pedro Eusébio Rodrigues Cardoso, ex-procurador do convento Corpus Christi. Foram louvados deste inventário Júlio Rodrigues Machado, Manoel Rodrigues Teixeira, António de Souza Viseu e Alfredo Lucas.⁴⁵ Na descrição da Torre do Tombo, atrás referida, a este documento alude-se do seguinte modo “*Inventário Regular de todos os bens do suprimido Convento, elaborado em vista do inventário primitivo, termo adicional dos bens não descritos, e depois de prévio inventário e exame dos livros, escrituras e mais documentos do cartório do Convento ... (7 de Março de 1894, 43 f.)*”.

No decorrer deste processo, foi realizada uma *Relação dos objetos do uso do culto*, “ou

⁴³ *Idem, Ibidem*, Documento 32, pp. 59-61

⁴⁴ IAN/TT – *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi*, Cx. 2017, transcrito e referido em RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, Documento nº 33, pp. 61-63

⁴⁵ IAN/Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Cx. 2018, transcrito e referido em RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, Documento 36, pp. 65, 102-103

*como taes considerados pelo representante de Sua Eminência o Cardeal Bispo do Porto (...) ”, em conformidade com o nº 9 do Ofício da Direção-Geral dos Proprios Nacionais já acima referido.*⁴⁶

*António José Nunes Júnior, professor e secretário da Real Academia de Belas Artes de Lisboa e Manuel Nicolau da Costa, tesoureiro da mesma Academia, procederam em 27 de fevereiro à escolha dos objetos para lhes serem entregues e levados para o Museu da mesma instituição. Dava-se assim cumprimento ao determinado no nº 7 do Ofício de 18 de janeiro de 1894 da Direção Geral dos Proprios Nacionais.*⁴⁷

Uma *Cópia da relação dos livros manuscritos do espólio do Convento*, em conformidade com o ofício de 16 de setembro de 1889, portanto anterior à morte da última freira e de aplicação geral no país, e com o de 18 de janeiro de 1894, já mencionado, ambos da autoria da Direção Geral dos Próprios Nacionais, foram entregues a Tomás Lino da Assunção, Inspetor Interino das Bibliotecas e Arquivos Públicos, em 23 de janeiro de 1894.

Na descrição do mesmo fundo faz-se alusão à existência de *“Documentos da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos de Gusmão, ereta na igreja do extinto Convento das Donas de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia, com três escolas – dirigidas pelas religiosas Hospitaleiras portuguesas – estabelecidas em uma parte do convento que foi cedida por Portaria de 14 de Janeiro de 1891, do Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça”*. Conforme descrito no Cap.2 é esta a entidade que administra, em altura em que as monjas já não têm capacidade de proceder a obras de manutenção, e administrará após a extinção, o edifício da igreja, enquanto entidade religiosa e com ligação à hierarquia eclesiástica, mas também obrigada, enquanto associação, a dar contas ao Governo Civil. Para além da igreja, foram-lhe atribuídas funções assistenciais e no campo da educação. O destaque que lhe é dado, em termos de produção documental, explica-se por essa razão.

⁴⁶ IAN/TT – *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi*, Cx. 2017 – IV/A/66/33, transcrito e referido por RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, Documento 37, pp. 104-117.

⁴⁷ IAN/TT – *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi*, Cx. 2018 – IV/A/65/26, transcrito e referido por RODRIGUES, *Ibidem*, Documento 38, p. 118.

A documentação produzida nos dois momentos da nacionalização do mosteiro, num primeiro momento, entre janeiro e fevereiro de 1859, e depois entre janeiro e novembro de 1894, mas com maior incidência entre janeiro e março, merece a nossa atenção do ponto de vista da intencionalidade, das condições de produção e do perfil dos seus produtores.

Atente-se no período curto em que os encarregados fizeram os inventários. Isto permite ter expectativas de homogeneidade relativamente ao teor dos conteúdos. Um processo que se prolongasse por um tempo mais longo poderia ter de ser executado por vários autores e sofrer modificações nos critérios e ritmos das diligências. A eficácia processual poderá ter sido potencialmente maior ao ter uma autoria menos dispersa. Claro que também é possível levantar interrogações sobre a pressa com que as autoridades incumbidas do inventário terão imprimido ao mesmo, dado que esta não era a única tarefa que deviam levar a cabo. O organismo Repartição da Fazenda Pública evoluiu necessariamente ao longo deste período de tempo. Em 1894 já tinha acumulado experiência de vários processos similares e, sobretudo, o legislador já havia procedido a uma série de reformas que indiciam a afinação de conceitos, logo a começar pelo próprio conceito de bens nacionais. Durante este período dá-se a consolidação da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda, deixando de existir o Conselho da Fazenda e o Erário Régio. Mais tarde, nova reformulação da estrutura, legislada em 14 de abril de 1869, criou as Repartições das Fazendas, tendo a direção da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda sido substituída pela Secretaria Geral do Ministério dos Negócios da Fazenda. O Decreto-Lei de 4 de janeiro de 1870 regulou mais uma vez os serviços de administração e fiscalização do Estado e reorganizou os serviços da Fazenda nos distritos, comarcas, concelhos e bairros.

As repartições da fazenda dos distritos administrativos tinham a seu cargo a contabilidade da arrecadação e aplicação dos rendimentos públicos do distrito e a fiscalização dos tesoureiros pagadores dos distritos e dos recebedores dos bairros e concelhos.

O escrivão da Fazenda Pública, João Joaquim de Lima, é provavelmente o escrivão da Recebedoria de Gaia, órgão ao qual cabia ao nível do concelho, esta função relacionada com os Bens Próprios Nacionais. A arte de fazer inventários é centenária, estabelecida

quer no âmbito das entidades detentoras de bens de raiz, como os mosteiros e conventos, universidade e casas senhoriais, quer ao nível dos agentes económicos, especialmente, os agentes de trocas. O estado tinha inscrito nas leis de base, nas Ordenações e depois nas leis constituintes, a sua obrigação de proceder a inventários em diferentes áreas a propósito de diferentes condições. Como exemplo sirva o caso das competências que a Coroa tinha em relação a órfãos e a necessidade de, entre outros aspetos, defender o património dos mesmos. Tal obrigava à feitura de inventários específicos, definidos criteriosamente. Há uma vasta literatura sobre o modo de proceder nas circunstâncias de obrigatoriedade dos inventários, aprimorada no século XVIII, como é o caso de Jerónimo Fernandes Morgado Couceiro de Almeida com o *Tratado orfanológico, prático*, de 1794 ou o de Manuel de Sousa Lobão *Tractado practico do processo executivo summario : por privilégio da Real Fazenda*, de 1817. Os escrivães que em meados e finais do século XIX presidiram aos inventários não se movimentavam em espaços inovadores, nem têm que ser criativos. Até se poderá supor que se ativeram aos princípios até aí existentes e usaram de certa resiliência a qualquer mudança. Fazer um inventário não era uma questão absolutista ou liberal, não implicava tomar partido.

A produção desta informação, se bem que da responsabilidade dos ditos funcionários escrivães, era multiautoral. O concurso de especialistas em diferentes áreas, como os artífices, tais quais o mestre de fundição de metais, o paramenteiro, o contrastador, o ensaiador, o carpinteiro, o pedreiro e o professor de escultura, é garante de conhecimentos técnicos e capacitações que os escrivães não podiam ter. Como estas pessoas aparecem nomeadas nos documentos significa isto que o seu nome, o seu perfil é corresponsável pelos elementos descritos, pela sua avaliação, que tem necessariamente que ser cuidada. Se se considerar que nos diferentes inventários foram ainda parte ativa as próprias freiras (pelo menos no primeiro) ou um seu anterior representante (procurador) no segundo – e autoridades eclesiásticas (representante da diocese na figura de um sacerdote doutorado), assim como autoridades civis, tais quais o administrador do concelho, solicitada a sua participação em função dos lugares que ocupam e que não têm necessariamente que ser coincidentes nas posições assumidas relativamente ao processo de nacionalização de bens, há certamente nesta documentação a tradução de muitos olhares e valorizações.

Podem ter escapado peças aos inventariadores por esquecimento quanto à sua existência e paradeiro, por tentativa de fraude, por vontade de não gastar muito tempo e energia com esta tarefa. Aliás em 1858 por razões que não são explicitadas ficam algumas das alaias religiosas por inventariar. Assim, algum tempo depois, a madre Abadessa dirige ao bispo a seguinte missiva

“Exmo. R.mo Snr.

*Constando a esta Comunidade que V. Exa. R.ma tem mandado procurar um altar e retábulo usado **para ser colocado no Oratório do Seminário Diocesano**; tenho a honra de participar a V. Exa. Rma. que **neste convento existe** arrumado, sem uso, **um altar e retábulo**, e que esta comunidade levaria muito em gosto, que fosse aproveitado para o dito fim. Parece-me, que sendo objecto hoje inútil para este convento, **e que se não acha descripto no inventário**, não poderia ter melhor aplicação, e por isso se V. Exa. Rma. se dignar anuir aos votos desta comunidade, digne-se dar as suas respeitáveis ordens para ser transportado ao dito Seminário.”*⁴⁸

Não é muito crível que nestas comissões inventariantes se conjugassem todos os profissionais medíocres e todos os preguiçosos. A própria lei tinha estabelecido um método ao dividir os bens em categorias. Fica a interrogação para o investigador: e tudo o que não estivesse abrangido por esta classificação? Se se torna muito difícil responder a esta interrogação, fica, porém, claro que o sistema articulado pelo legislador teve em conta alguns aspetos da vida nestas instituições.

O facto de em 1894 se ter feito um inventário que já pôde servir-se dos de 1858 como se de um espelho se tratasse, mas que acrescentou alguns itens que não constavam dos anteriores, mostra a capacidade de aperfeiçoamento e de vivacidade do processo. O fator do historial do processo fica bem patente nesta atitude.

António José Nunes Júnior, professor e secretário da Real Academia de Belas Artes de Lisboa e Manuel Nicolau da Costa, tesoureiro da mesma Academia, procederam em 27 de fevereiro à “*escolha dos objetos para lhes serem entregues*” e levados para o Museu

⁴⁸ IAN/TT – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi, Cx. 2018 – IV/A/65/26, transcrito e referido por RODRIGUES, *Ibidem*, Documento 35, p. 64

da mesma instituição. Dava-se assim cumprimento ao determinado no nº 7 do Ofício de 18 de janeiro de 1894 da Direção Geral dos Proprios Nacionais.⁴⁹

Estes objetos foram considerados “*dignos de serem colocados nos Muzeus como peças de primoroso trabalho, raras, históricas, ou celebres por sua antiguidade*”. Após uma primeira avaliação, os objetos mais valiosos e de maior valor artístico eram enviados para a Academia e, posteriormente ao museu sob a sua tutela.⁵⁰

Conforme atrás já afluado, os inventários dos livros e os das peças que seguiram para a biblioteca e museu, foram submetidos a olhares técnicos por parte de quem tinha sido considerado e designado com competências profissionais para o fazer. Os critérios aplicados à descrição das peças orientaram-se pelas traves mestras das áreas da biblioteconomia e museologia da altura. Este aspeto assegura a quem pretende, como é o caso, usá-los como testemunho de uma realidade, um grau de confiança interessante. Nenhuma das pessoas envolvidas ao nível da responsabilidade processual podia ignorar as observações que deveria fazer para produzir o inventário. Além de que todos mostravam já experiência acumulada nestas matérias, não sendo este o único mosteiro que passava pelo processo. Além disso, como atrás já foi referido, esta é a época em que os organismos públicos estatais assumem como desígnio a propriedade e conservação de tal matéria-prima com o intuito de a dar a conhecer.

1.5. Bases de Dados

Os inventários acima indicados, usados por Luísa Rodrigues no trabalho de mestrado em História de Arte e nesse contexto, transcritos e publicados em anexo à dissertação, permitiram pensar o que poderia ser uma *Base de Dados* que servisse para sistematizar e cruzar informações muito espalhadas pelo tempo e pelo espaço, de modo a alcançarmos os resultados estabelecidos nas metas do nosso propósito.

A partir do *Inventário de todos os bens* efetuado em 1894, criamos uma tabela dinâmica com todos os objetos de culto, distribuídos pela seguinte forma, com as seguintes siglas:

⁴⁹ IAN/TT – *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento de Corpus Christi*, Cx. 2018 – IV/A/65/26, transcrito e referido por RODRIGUES, *Ibidem*, Documento 38, p. 118.

⁵⁰ ROQUE, Isabel, *Ibidem* pp. 121,123

A - Alfaias litúrgicas; **AL** – Altares; **BA** – Objetos entregues à Academia de Belas Artes; **E** – Escultura; **L** – Livros, Manuscritos; **M** – Móveis; **P** Pintura; (Anexo IV)

Nº Ordem	Nº 1º Inventário	Termo Adicional	Descrição dos Bens	Avaliação 1858 1894	Local 1894	Local. Atual	Bibliografia Notas Observações
-------------	---------------------	--------------------	--------------------------	-------------------------------	---------------	-----------------	--

Nesta atribuição de categorias usamos informação colhida nas leis que orientaram o processo e que se traduziram em “*arrumações*” dos bens dentro do inventário e nos estudos sobre o processo de extinção e nacionalização do património. As hipóteses de pesquisa de modo a reencontrar os bens elencados também ajudaram a definir as categorias que posteriormente permitiriam obter resultados. Se a lei determinava que certos objetos fossem avaliados para serem vendidos de imediato, fazia sentido criar uma categoria como *objetos vendidos* pois estas peças terão sido as que mais imediatamente podem ter sido adquiridas por particulares, que lhes deram novos usos. Foi tido particular cuidado em inserir na base em campo próprio todos os dados que poderiam levar à localização do objeto/peça: *Número de ordem do inventário*; *Número do 1º inventário*, *Existência no Termo adicional*. Um campo tinha obrigatoriamente que ser dedicado à *descrição dos bens*. Esta torna-se fulcral para a identificação. De menor interesse para este trabalho é a informação relativa à avaliação atribuída a cada bem em 1858 e em 1894, mas que pode elucidar sobre a valorização e desvalorização do património. Um dado constante do inventário de 1894 é o da localização dentro do mosteiro das peças descritas. Informação preciosa para a interpretação das funções e valores atribuídos pela comunidade aos bens. Foram estabelecidos ainda campos, baseados na *bibliografia*, *para notas e observações* que possam ajudar a localizar e identificar os bens do convento.

Criamos também uma base de dados com as instituições religiosas da Diocese do Porto.⁵¹ À semelhança da anterior distribuímos as instituições por categorias para uma melhor

⁵¹A partir de dados recolhidos em <http://www.diocese-porto.pt/>

leitura, atribuindo-lhe uma sigla: **Cen** - Centros; **Com** - Comunidades; **Esc** - Escolas; **Hos** - Hospitais; **Irm** - Irmandades; **Lar** - Lares; **Mis** - Misericórdias; **Mos** - Mosteiros/Conventos; **Nov** - Noviciados; **Par** - Paróquias; **Rei** - Reitorias; **Res** - Residências; **San** - Santuários; **Sem** - Seminários.

Tipo	Designação	Responsável	Localização	Telefone	E-mail	Obs/Notas
------	------------	-------------	-------------	----------	--------	-----------

À designação da instituição foi acrescentada: sua entidade superior ou o responsável pela sua gestão ou direção, a morada, o telefone e o endereço eletrónico. Além destes, criamos um campo onde introduzimos toda a informação que obtivemos da pesquisa que realizamos sobre cada instituição. Foi enviada uma mensagem em correio eletrónico às casas religiosas que tinham endereço no sítio da Diocese, inquirindo-as da possibilidade de possuírem objetos de antigos conventos femininos, - note-se que não perguntamos só do Corpus Christi – com o intuito de recolhermos os elementos que suspeitamos puderem ter seguido para estas entidades. Sendo elas as que constituem o tecido que manteve ao longo dos tempos a função de espaço do sagrado, seria de esperar que os bens do mosteiro de Corpus Christi pudessem ter sido encaminhados para estas instituições. Os resultados não foram muito abundantes, pois nas respostas diretas à indagação, apenas uma paróquia respondeu que possuía imagens de antigos conventos, mas que não sabia identificar as proveniências com rigor. Todas as informações recolhidas nos sítios das entidades (quando existentes) ou nas curtas descrições sobre as mesmas, distribuídas no sítio da diocese, foram recuperadas para a base de dados.

Capítulo 2. – História deste espaço e dos seus ocupantes

2.1. Depois da “Extinção”

Durante a guerra civil de 1832-1834, as monjas de Corpus Christi foram obrigadas a deixar o convento e a refugir-se no Mosteiro de Vairão (1833), regressando ainda em 1834, após o Cerco do Porto. Foi em 1894 que a última residente de Corpus Christi faleceu e todo o edifício passou para a tutela da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos de Gusmão. Cumpria-se assim o determinado na lei de extinção dos mosteiros e conventos⁵²

No horizonte de tutelas relativas a este património assume um primeiro papel a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos de Gusmão.

À semelhança do ocorrido em outros conventos da Ordem Dominicana, as confrarias do Rosário neles se instalaram ou nas suas proximidades, fruto da ligação histórico-religiosa entre esta devoção e os frades pregadores. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos de Gusmão, já existente no convento no século XVII, na iminência do encerramento do Corpus Christi, foi reativada em 1882, redigiu novos estatutos, que foram aprovados em 14 de janeiro pelo Governo Civil do Porto.⁵³

Assim, estatutariamente, estava obrigada, para além de promover a devoção do Rosário, sufragar as almas dos seus confrades, a exercer a caridade e a beneficência, e cuidar do culto da igreja. Nos seus propósitos, estava ainda estabelecer escolas primárias para ambos os sexos e se possível financeiramente, a abrir um hospital e um asilo.⁵⁴

Por Decreto de 14 de janeiro de 1891, foi autorizada pelo Ministério dos Assuntos dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, a abertura de escolas para ambos os sexos, nos edifícios do convento a poente da Calçada das Freiras – futura Rua Serpa Pinto. A

⁵² FERREIRA, António Matos “Desarticulação do Antigo Regime e guerra civil”, *História Religiosa de Portugal*, vol. III, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp. 29-31.

⁵³ CAMPO BELLO, Conde (D. Henrique), “O Mosteiro de Corpus Christi de Gaia”, Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Vol. I, Fasc. III, Porto, setembro - 1938, p. 38

⁵⁴ *Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e S. Domingos de Gusmão erecta na igreja conventual das Donas de Corpus Christi em Vila Nova de Gaya*, Artº 3º, 1882, Porto, Tipographia de A. J. da Silva Teixeira, pp. 7-8

Irmandade até 5 de janeiro de 1894, data da morte da última freira, manteve-se aparentemente inativa. Em outubro do mesmo ano, segundo um ofício do Delegado da Fazenda do Distrito do Porto dirigido ao Diretor Geral dos Próprios Nacionais, já funcionavam no edifício do convento três escolas “*com 60 e tal creanças, que, alem da instrucção, recebem diariamente uma sopa económica.*” Ainda informa que o grau de ensino ministrado é o da instrução elementar em três classes de alunos externos enquanto não for cedido à Irmandade os restantes edifícios do convento para receber alunos internos. No mesmo documento, além da referência às despesas de funcionamento das escolas e da manutenção do edifício, dá conta que “*o pessoal que ocupa atualmente o edificio do convento é composto de cinco irmãs hospitaleiras portuguesas e quatro pessoas das que haviam no convento*”. Estas pessoas prestaram-se a auxiliar as religiosas nas escolas com a autorização da Irmandade. Também permaneceram no Corpus Christi “*as senhoras coristas, duas seculares e uma criada*”.

A Irmandade tinha solicitado em 26 de junho de 1894 a cedência da totalidade dos edifícios e o pedido foi reforçado a 21 de agosto por um “*Memorial*” “*assignado pelas primeiras senhoras do Porto e Villa Nova de Gaya*” e enviado à Rainha D. Amélia também “*no intuito de fazer barreira á propaganda do protestantismo, que n’aquella villa pretende dominar.*”

A resposta só chegou com a Portaria de 11 de janeiro de 1896, com o Ministério da Fazenda a achar por bem “*conceder à Irmandade (...) toda a parte do suprimido convento do Corpus Christi, situada a nascente da Rua Serpa Pinto, compreendendo a igreja e dependências, algumas em ruínas, toda a cerca e respectiva água, para os fins designados no seu estatuto.*”⁵⁵ O Estado manteve as construções a poente da Rua Serpa Pinto que foram posteriormente vendidas à empresa de Vinho do Porto Souza Guedes. O arco que ligava os dois conjuntos de edifícios sobre a mesma rua foi demolido por ameaçar ruína⁵⁶

⁵⁵ Crónica do Centenário da CONFHIC - *Das Origens à República* – Coord. Henrique Pinto Rema, vol. II, 1871-1910, pp. 997-998.

⁵⁶ GUIMARÃES, Gonçalves, “O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia ou Convento de Corpus Christi: breve resenha histórica”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 75, 12º vol., 2012, p. 15

Em 31 de outubro de 1898, quando a Superiora Geral da Congregação das Irmãs Hospitaleiras visitou o convento, o Juiz da Irmandade, Conde de Campo Belo, além de agradecer o trabalho prestado pelas religiosas, propôs que fosse transferida para a Congregação a administração do edifício e da igreja ou somente do edifício, conforme lhe conviesse. Esta proposta teria por objetivo permitir à congregação formar no convento um centro de noviciado para as casas religiosas do Norte, sem estarem dependentes das decisões da Mesa da Irmandade que viessem a ser eleitas. Os encargos seriam os mesmos que a Irmandade se obrigou através do Decreto de 11 de janeiro de 1896: conservar a escola infantil (creche); conservar as duas escolas elementares para os dois sexos e fundar um hospital. Depois de ponderar um mês, as Irmãs Hospitaleiras declinaram o convite, ficando apenas com o ensino das escolas.⁵⁷

As escolas continuaram a funcionar normalmente com um número elevado de alunos. Os quadros seguintes dão-nos uma visão genérica do funcionamento da escola do Corpus Christi entre os períodos 1895-1901 e 1904-1910. Significa isto que o edifício teve que se adaptar aos novos inquilinos e aos objetivos da escolarização de crianças e jovens, maioritariamente em regime de externato ou semi-internato, com a possibilidade de internamento segundo a antiga noção de pensionista para um pequeno grupo. Considerando que os grupos etários que deveriam frequentar a escola abrangem as crianças desde a idade pré-escolar até ao final do ensino elementar, mesmo sem informação detalhada sobre isto, podemos antecipar o modo como se fariam sentir as desadequações deste espaço aos seus novos inquilinos. Podemos verificar através da tabela1 o aumento gradual do número de alunos até 1901, a maior parte beneficiando do ensino gratuito. Nota-se um aumento das alunas semi-internas. No período seguinte o movimento de alunos manteve-se estável, com a diminuição das crianças semi-internas.

⁵⁷ Crónica do Centenário da CONFHIC, *Ibidem*, pp. 997-998

Tabela 1 - Escolas de Corpus Christi 1895-1900; 1901-1910: população

	Nº Classes	Crianças	Pensionistas	Semi-internas	Externas	Pagam	Gratuitas	Estudantes p/ exame	Rapazes
1895	3	100	8	2	90	5	95	6	50
1896	3	160	7	---	88	5	155	8	70
1897	3	180	8	11	90	12	165	16	80
1898	4	200	7	25	193	18	182	17	90
1899	4	210	9	100	100	27	183	12	85
1900	4	200	15	55	60	29	100	15	86

....

1901	4	210	4	45	60	20	90	15	69
1904	4	220	3	1	100	30	88	10	90
1905	4	215	3	2	110	30	85	8	88
1906	4	220	3	2	125	30	100	12	100
1907	4	220	3	4	110	25	100	12	100
1908	4	212	2	2	100	25	72	18	94
1909	4	190	1	26	90	25	55	22	100
1910	4	230	---	3	105	30	80	20	120

Fonte: Crônica do Centenário da CONFHIC

Tabela 2 - Escolas de Corpus Christi 1899-1901; 1904-1910: áreas de formação

	Música	Francês	Desenho	Bordados	Flores
1899	4	3	14	17	2
1900	9	3	16	16	1
1901	3	2	15	15	---
1904	1	---	19	12	---
1905	1	---	5	12	---
1906	1	---	2	10	---
1907	1	---	4	10	---
1908	1	---	10	10	---

1909	---	---	7	10	1
1910	---	---	5	12	1

Em relação às áreas de formação especializada, conforme a tabela2, a documentação não permite reconhecer esta distribuição no primeiro período. A formação dirige-se essencialmente ao mundo feminino, com uma ênfase claro no desenho e bordados.

Em julho de 1905, o Diretor das Obras Públicas do Porto visita o Corpus Christi para verificar se a Irmandade do Rosário e S. Domingos de Gusmão estava a cumprir o estipulado no Decreto 1896 e no seu relatório dirigido ao Chefe da Secção Central do Ministério da Fazenda – Direção Geral da Estatística e dos Próprios Nacionais, informa que as escolas se resumem ao ensino rudimentar a meia dúzia de crianças. A documentação revelada em estudo publicado aquando do Centenário da Congregação das Irmãs Hospitaleiras⁵⁸ não confirma de modo algum o quadro traçado na inspeção. Segundo o mesmo relato não há vestígios de creche e não se pensa sequer no hospital. A parte cedida está em ruínas, exceto alguns aposentos, há falta de higiene e o terreno está desaproveitado. Do pessoal de serviço restam seis Irmãs Hospitaleiras, que dirigem a escola e fazem trabalho doméstico, uma antiga corista que viveu em clausura no antigo convento e uma serventuária. Ou seja, há vestígios da população anterior à extinção, misturada agora com membros de uma congregação com outra vocação, a conviverem com um universo de crianças em formação, neste antigo espaço. Em resultado do relatório, foi publicado no Diário do Governo nº 165, de 26 de junho de 1905, um decreto a revogar o de 11 de janeiro de 1896. Mesmo com esta revogação, nem as escolas nem o convento foram encerrados, graças à influência do Conde de Campo Belo, Juiz da Irmandade e os restantes membros da Mesa.⁵⁹

Com a mudança de regime em 1910, apareceram vários projetos para o extinto convento, a Câmara Municipal projetava ali construir um mercado, os bombeiros pretendiam um quartel, a GNR um posto da guarda e várias empresas viam ali bons armazéns de vinhos, fábricas. De tantos projetos nenhum se concretizou, mantendo-se as escolas em

⁵⁸ Crónica do Centenário da CONFHIC, *Ibidem*

⁵⁹ Crónica do Centenário da CONFHIC, *Ibidem*, pp. 999-1000

funcionamento com uma nova concessão governamental por um período de seis anos, obtida em 25 de maio de 1910 por intermédio do então Bispo do Porto, D. António Barroso.⁶⁰

Em 1922, o Governo Civil do Porto, alegando insalubridade nas instalações, manda encerrar o Convento. Nos anos seguintes, várias foram as tentativas de transformar o edifício em obra social, não permitindo assim que o Ministério da Fazenda o vendesse em hasta pública. A revitalização do projeto político relativo às Missões Portuguesas com a promoção da reabertura dos Seminários das Missões de Tomar, Cernache de Bonjardim e a fundação do de Cucujães, levou. D. Teotónio Vieira de Castro⁶¹, Superior Geral das Missões Portuguesas, a visitar o convento Corpus Christi em 1923, para avaliar as condições que apresentava para o converter em seminário, mas para tal não obteve a aprovação das autoridades para esse efeito.⁶²

Nessa visita, segundo o Conde de Campo Bello, para evitar a *“a profanação de diversos objectos do culto, tais como algumas imagens, pequenos altares, alfaías, etc., foram estes cedidos aos missionários de Cucujães.”* Nesse mesmo ano, um Alvará do Governo Civil manda encerrar o convento e dissolver a Irmandade⁶³

Depois de alguns anos de indefinições quanto ao destino a dar ao edifício do convento de Corpus Christi, em 1927, o Ministro das Finanças, General Sinel de Cordes, cedeu o edifício a uma Associação que terá *“por fim estabelecer no districto do Porto recolhimentos próprios para, pelo trabalho e por todos os meios de regeneração desviar do caminho da perdição moral e reabilitar as pessoas do sexo feminino”* e concedeu um donativo de 150 contos para as obras de adaptação.⁶⁴

O Coronel Nunes da Ponte, numa palestra radiofónica na *Invicta Rádio* em 1934, a favor do Instituto, descreve o estado do convento à data em que foi cedido: *“os telhados*

⁶⁰ CAMPO BELO, *ob. cit.*, p. 41

⁶¹ Foi também Bispo de Meliapor e Arcebispo de Goa e Patriarca das Índias Orientais.

⁶² CAMPO BELO, *Ibidem*, p. 42

⁶³ *Idem, Ibidem*

⁶⁴ PONTE, Coronel Nunes da, *Instituto Feminino de Educação e Regeneração no Antigo Convento de “Corpus Christi”* (Palestra realizada ao microfone do Posto Emissor *Invicta Rádio*, em benefício do Instituto, no dia 13 de março de 1934), Vila Nova de Gaia, Porto, Thipografia Fonseca, 1935, p. 6

estavam completamente desmoronados; os travejamentos apodrecidos; os soalhos rotos; os soberbos retábulos e os lindos painéis que revestiam os tetos e as paredes do magnífico côro da igreja, tão bonita por sinal, bastante danificados; chovia por toda a parte e a aumentar êste aspecto de desolação e ruína, via-se entulho a cada canto.”⁶⁵

Em 15 de janeiro de 1927 foram aprovados os Estatutos do *Instituto Feminino de Educação e Regeneração*. Os recursos financeiros da instituição deveriam provir de esmolas, donativos, quotas de sócios, retribuição das pensionistas, subsídios aplicados pelas autoridades e do produto do trabalho das internadas.

O Instituto foi entregue à *Congregação de Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor d'Angers*. Passados três anos, a 9 de janeiro de 1930, é inaugurado o *Instituto Feminino de Educação e Regeneração* no Convento Corpus Christi, “*sob honrosa presidência do Snr. D. António A. Castro Meireles, ilustre Bispo da Diocese, com a assistência de muitas pessoas de destaque no meio social do Pôrto e Gaia e avultado número de distintas Senhoras (...)*”⁶⁶.

As irmãs do Bom Pastor, congregação francesa criada no século XIX, com vocação para trabalhar junto de mulheres e jovens em situações de carência ou marginalidade, chegaram a Portugal através do padre Luís Martins Rua, que conheceu a obra em França e, com a colaboração de D. Jerónima Júlia do Vale Cabral Ribeiro, instalaram-se na Quinta Amarela, na Rua do Vale Formoso na cidade do Porto. Em 1894, Maria Droste zu Vischering, ou Maria do Divino Coração, assume o lugar de superiora e morre no Porto cinco anos depois com 36 anos e fama de santidade, sendo beatificada em 1975. A revolução republicana encerra a casa no Porto e as religiosas portuguesas são obrigadas a exilarem-se na Alemanha e França.⁶⁷ Após 1926, o regime político tornou-se menos hostil e o governo, com o apoio do patriarca de Lisboa, solicitou o regresso das Irmãs do Bom Pastor para retomar a obra. A partir daí a congregação retomou a sua expansão e em 1932 abriu-se o noviciado na casa de Vila Nova de Gaia e em 1936 foi criada a província

⁶⁵ *Idem, Ibidem*, p. 6

⁶⁶ *Idem, Ibidem*, p. 7

⁶⁷ VIEIRA, Maria do Pilar S. A., “Congregação do Bom Pastor (Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor)”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. de Carlos Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 471

portuguesa com sede na mesma casa⁶⁸. Numa carta enviada para a Casa Generalícia em França, em maio de 1932, a Diretora do Instituto refere que estão internadas nessa altura 65 raparigas. Refere ainda que o mosteiro está praticamente em ruínas e não existem condições de higiene e salubridade estando sujeitas à tuberculose que grassa pelo país.

Respondendo a um questionário pedido pela Direção Geral da Assistência, em 13 de maio de 1935, a Diretora diz que a instituição tem 151 internadas para “*educação e regeneração de raparigas de maus costumes, má vida, viciosas (...)*”. Refere ainda que saíram completamente regeneradas 45 raparigas e quando foram internadas eram analfabetas e sem profissão, podendo agora serem “*capazes de prover o seu sustento e de se comportarem bem na sociedade.*” A nível educativo, as internadas aprendiam a ler e escrever, podendo ser habilitadas para o exame da 4ª classe; também executavam trabalhos manuais e “*mecânicos*”, como lavar e brunir roupa, jardinagem, malhas manuais e mecânicas, labores, tecelagem de riscado e outras.

Em 1941, a 22 de maio, são revistos os Estatutos, passando a instituição a designar-se *Instituto do Bom Pastor Corpus Christi*; são acrescentados às fontes de receita “*os legados e heranças que possam beneficiar a instituição*”, (art.º 1º) e a direção passa a ser constituída por três irmãs do Bom Pastor, sendo uma delas a superiora. (art.ºs 3º e 23º dos novos estatutos)

O Diretor-Geral da Assistência propunha, em ofício de 4 de junho de 1942, a criação de 3 géneros assistência no Instituto: regeneração de menores em “*perigo moral*”; regeneração de “*prostituídas menores recuperáveis*” e a criação de uma colónia de trabalho para “*prostituídas envelhecidas ou inveteradas*” (...)

O Instituto do Bom Pastor Corpus Christi foi integrado, a partir do dia 1 de setembro de 1953, na Direção-Geral de Serviços Jurisdicionais de Menores. A partir dessa data, a instituição passa a depender direta e administrativamente do Governo.⁶⁹

A Direção-Geral define as medidas a tomar na reeducação de menores internados nas instituições em Portugal. São dadas indicações para a ação educativa, como a “*criação de*

⁶⁸ *Idem, Ibidem*

⁶⁹ Dec. Lei nº 39334 de 27.8.1953

estímulos positivos (...) tais como regalias, recompensas, orientação inteligente da atividades recreativa, e, principalmente, naqueles estímulos que podem resultar da acção pessoal dos educadores (um elogio, uma palavra de encorajamento num momento difícil, uma recomendação oportuna em tom paternal (...))”, em suma, há que proporcionar às menores um clima mais amistoso e seguro, aquilo que as jovens não encontram no ambiente doméstico. Dá-se indicações para abolir os castigos corporais e outros como *“privação de alimentos e o corte de cabelo às raparigas (cabelo rapado ou simples tesouradas)”*, além de sugerir uma maior condescendência por parte das instituições para as saídas individuais e coletivas para o exterior.⁷⁰

A direção da instituição pretende através da criação de *“famílias”*, que haja uma maior ligação entre as jovens. Esses grupos eram constituídos por 22 raparigas no máximo, teriam uma religiosa a supervisionar e teriam instalações separadas dos restantes grupos. A *família* devia ter sempre um nome relacionado com a vivência religiosa, como por exemplo, a *“família S. José”*, *“família Espirito Santo”*, etc. Na mesma altura o Instituto cria um *“Lar de Transição”* para onde passavam as jovens que atingiam a maioridade e não tinham emprego. Uma grande maioria dessas raparigas ia servir para a cidade do Porto e arredores em casas de família de *“bom índice moral”*.

As Irmãs do Bom Pastor procuravam, dentro das suas possibilidades financeiras, proporcionar às suas alunas condições para que se sentissem integradas no instituto. Organizavam colónias de férias, excursões, idas ao cinema, festas nas ocasiões especiais e na abertura e encerramento do ano letivo. No Natal, as irmãs de outros institutos e ex-alunas juntavam-se para celebrar a época festiva. Na igreja do convento realizaram-se muitos casamentos de jovens internadas por ordem dos Tribunais de Menores provenientes de todas as regiões do país.

⁷⁰ Circular nº 3 de 23.6.1956 da Direção-Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores - *Arquivo Histórico do Convento Corpus Christi*, Cx. CNSCBPA-UF-53

Tabela 3 - Número de internadas no Instituto Corpus Christi (1930 – 1992)⁷¹

	Regeneração	Escola	Oficinas	Total de internadas	Pessoal⁷²
1930				32	
1931				37	
1932				58	
1933				83	
1934	85	35		120	10
1935	100	1		151	12
1936	100	30		130	20
1940				150	
1941				165	
1961				144	
1966		49	76	125	
1979				65	
1981		60	37	97	
1984		48	48	96	
1992				90	

Apesar do número de internadas continuar a ser alto em 1992 e a Congregação continuar a trabalhar com jovens em risco, as Irmãs presentes no Convento de Corpus Christi sentiam-se cansadas para continuar este trabalho e finalizam o seu contrato com o Ministério da Justiça, entidade com a tutela deste espaço.

No ano de 1992 o Convento foi ocupado pela *Fundação Frei Manuel Pinto da Fonseca da Ordem de Malta*, que se dedicava a projetos de Reinserção Social e Formação Profissional. Dez anos depois, em 2002, na sequência da reforma do sistema de reinserção de menores, o Instituto Corpus Christi encerra a 3 de Novembro.

A Fundação Manuel Pinto da Fonseca é uma Instituição Particular de Solidariedade Social ligada à Assembleia dos Cavaleiros Portugueses da Ordem de Malta que se instalou

⁷¹ *Arquivo Histórico do Convento Corpus Christi – CNSBPA-UF53*

⁷² Professoras e auxiliares

no Corpus Christi após a saída das Irmãs do Bom Pastor em 1992⁷³. Em Vila Nova de Gaia, desenvolveu projetos de reinserção social com a Direção-Geral de Reinserção Social e com o IEFP em projetos de estágios na Formação Profissional. Em 2002, na sequência da reforma do sistema de reinserção de menores, a Fundação sai do convento e o Instituto é encerrado.

A 6 de agosto do mesmo ano, foi assinado um protocolo entre o Ministério da Justiça e a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, ficando a cargo desta a gestão do imóvel por um período de 30 anos.

O Município de Gaia instalou no convento o *Departamento Municipal de Património Cultura e Ciência*. Os edifícios, principalmente a igreja, apresentavam sinais de degradação necessitando com urgência de obras consolidação, conservação e restauro.

Em 2008, a igreja e os coros, foram alvo de profundas intervenções de conservação e restauro a cargo da Autarquia, financiadas por Fundos Europeus, acompanhadas pelo IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico.

Numa primeira fase, foi realizado um inventário/diagnóstico de todo o espólio existente e das suas necessidades conservativas e posteriormente foi criada uma lista de peças a intervir. Na capela-mor foram realizadas intervenções no retábulo-mor, tela e a estatuária incorporada, os estuques do teto e as pinturas murais dos vãos e sanca. Na sacristia, o fontanário em pedra calcária oolítica do tipo Ançã. Na nave, os retábulos e a estatuária incorporada, o púlpito, a pintura sobre estuque do teto, o túmulo de Álvaro Anes de Cernache e a pintura mural sobre granito das pilastras, cornija, arco triunfal e porta de acesso ao exterior. No coro baixo, os elementos de talha dourada decorativa que revestiam o acesso ao exterior e o vão comunicante com a igreja. No coro alto, o órgão, os espaldares, o cadeiral, o teto em caixotões, e as pinturas murais dos vãos de ligação à

⁷³ A sua atividade foi dirigida para apoiar lares da terceira idade no Porto e Guimarães; uma casa de recolhimento de menores órfãos ou vítimas de maus tratos na Póvoa do Varzim, e para ajuda das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição de Mumedo, em Marracuene (Moçambique), que cuidam de crianças órfãs com HIV. Conforme se podia ler em folheto distribuído na altura e consultável em <https://www.pcv.pt/files/leiloes/L284/ec/pt/files/assets/downloads/page0008.pdf>

nave. Na sala do ante coro, a escultura do *Cristo Crucificado* e o respetivo retábulo.⁷⁴

Foram incluídas todas as esculturas em madeira que não integravam os conjuntos retabulares. Foram incluídas, pela diversidade de tratamentos, as esculturas de *São Domingos* (coro alto) e *Cristo Crucificado* (retábulo-mor). Integrava este conjunto a pintura sobre a tela *Ecce Homo*, as pinturas sobre madeira do *Calvário* e de *São Pedro Gonçalves Telmo*. Ainda foram incluídos os tocheiros, candelabros, estante de leitura, genuflexórios, bancos e confessionário. Peças que se encontram na reserva⁷⁵.

O edifício situado junto à Rua Serpa Pinto foi, ainda hoje designado por “*edifício do Estado Novo*”, adaptado na década de 30 do século passado, segundo projeto do arquiteto Januário Godinho, a alojamento de internato para jovens do sexo feminino. É uma construção assistencial modernista em que o autor tem em atenção o valor monumental existente e utiliza uma linguagem formal moderadamente contemporânea.⁷⁶

Estes edifícios foram readaptados para albergar a empresa municipal de urbanismo e habitação *Gaiurb*, inaugurados a 13 de março de 2009.

No mesmo ano, a 1 de julho, é aberta ao público a igreja e os coros do Corpus Christi completamente restaurados. São realizadas visitas guiadas individuais ou em grupo, e começa ter uma intensa programação cultural: exposições, concertos de música, apresentações de livros, conferências e palestras, teatro e dança.

O Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), atribuiu em 2010, o prémio *Construção e Reabilitação* ao Convento Corpus Christi. O Júri, na sua apreciação refere: “*que é uma intervenção exemplar em que foram desenvolvidas obras de reabilitação estrutural e de conservação e restauro de pinturas (...) Esta reabilitação preserva um património singular que estava em riscos de se perder e é uma referência metodológica: intervenção criteriosa, concertada e integradora das diferentes especialidades.*”

Pela Portaria N° 632/2012, publicada no Diário da República, 2ª. Série, N° 211 de 31 de outubro, o Convento Corpus Christi foi classificado como MIP – Monumento de Interesse

⁷⁴ DUARTE, Artur Jaime, *Relatório da intervenção de conservação e restauro do espólio artístico do Convento Corpus Christi*, Vila Nova de Gaia, 2009

⁷⁵ *Idem, Ibidem*

⁷⁶ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5341

Público e fixada a respetiva ZEN – Zona Especial de Proteção.

2.2. O Convento e a Ordem

Considerado o fundador do monaquismo cristão organizado no Ocidente, São Bento (c. 480-c. 547), considera o cenobitismo a forma ideal de vida e a Regra que criou, articula três elementos: o mosteiro, a regra e o abade⁷⁷. Com o aparecimento das ordens mendicantes – Dominicanos e Franciscanos no século XIII que se conhece um novo impulso da Igreja na tentativa de uma renovação da vida religiosa monástica que entretanto se tinha relaxado e desleixado.

A Ordem Dominicana foi fundada por São Domingos de Gusmão, que a apresentou ao papa Inocêncio III reunido em concílio em Latrão em 1215. Domingos de Gusmão decidiu fundar uma ordem que pregasse em pobreza, abdicando do luxo e da riqueza dos pregadores oficiais.⁷⁸

A pregação e a formação de pregadores terá um papel central na sua atuação como instrumento de conversão. Segundo a Constituição Fundamental da Ordem (§I), o ideal desta comunidade cristã, exprimiu-o o papa Honório III ao escrever a São Domingos e aos seus irmãos: *“Aquele que fecunda sempre a sua Igreja com nova prole⁷⁹, querendo conformar os tempos atuais com os primitivos e propagar a fé católica, inspirou-vos um novo afeto, com o qual, tendo abraçado a pobreza e a vida regular, vos entregais à exortação da palavra de Deus, evangelizando pelo mundo inteiro o Nosso Senhor Jesus Cristo”*.⁸⁰

Ainda segundo as primeiras Constituições (§II) exortavam-se os frades pregadores a apresentarem-se *“por toda a parte honesta e religiosamente, como homens que desejam procurar a sua salvação e dos outros, como varões evangélicos que seguem as pegadas*

⁷⁷ GOMES, Francisco José Silva, “PEREGRINATIO E STABILITAS: Monaquismo e Cristandade Ocidental do Século VI a VIII”, *Textos de História*, vol. 9, nº 1-2, Universidade de Brasília, 2001, pp. 88-89

⁷⁸ SOUSA, Bernardo de Vasconcelos, *et al*, “Ordens Religiosas em Portugal, Das Origens a Trento – Guia Histórico”, Lisboa, Livros Horizonte, 2006, p. 395

⁷⁹ Da oração pelos catecúmenos, em Sexta-feira Santa. DOMINGUES, Frei Bento, *Conversas à volta dos conventos*, Évora, Casa do Sul Editora, 2002

⁸⁰ Honório III a S. Domingos em 18.01.1221, in *MOPH (Monumenta Ordinis Praedicatorum Histórica)*, XXV, p. 144, DOMINGUES, Frei Bento, *Ibidem*

do seu Salvador, falando com Deus ou de Deus a si mesmo e ao próximo.”⁸¹

Em 1221, data da morte de São Domingos, a Ordem dos Pregadores já estava difundida por toda a Cristandade, mostrando uma capacidade organizativa considerável. Após a Assembleia Geral da Ordem reunida em Bolonha (1220), as constituições que foram aprovadas estabeleceram a chefia de um mestre e de oito ministros provinciais que estabeleciam a ligação entre os conventos. Assim o frade não estava diretamente ligado ao convento mas à Ordem, a sua mobilidade era obrigatória assim como a mendicância para a sua sobrevivência. Tal como os Franciscanos, foi nas cidades que os Dominicanos instalaram os seus mosteiros e foi sobre a população urbana que propagaram o seu ideal e o exemplo da sua nova forma de vivência religiosa.⁸² Era a vontade do próprio S. Domingos que *“as casas dos irmãos deviam ser modestas, situadas nas cidades porque era aí que o novo mundo estava a nascer. Era a esse mundo que era preciso pregar. Era esse mundo que era preciso salvar.*”⁸³

A entrada da Ordem Dominicana em Portugal deu-se em 1217, por Frei Soeiro Gomes, colega de São Domingos, que fundou o primeiro convento perto de Alenquer, na Serra de Montejunto, e que, inicialmente ficou dependente da Província de Espanha. Sucedeu-lhe São Frei Gil de Santarém, que codificou a segunda parte das Constituições da Ordem em 1236. Nesta altura, assiste-se em Portugal, a uma grande expansão da Ordem que já conta com os conventos de Santarém (1222), Coimbra (1127), Porto (1238), Lisboa (1241), Elvas (1267) e Guimarães (1270).⁸⁴

Em 1237, os Dominicanos chegaram à cidade do Porto e instalam-se *“uma igreja já sagrada e em bom sítio, acompanhada de uma moradas edificadas em quadro a modo de claustro (...)*”⁸⁵ A chegada dos Pregadores ao Porto foi o início de longas contendas com o bispo da cidade e o Cabido, principalmente devido à influência e prestígio que os frades tinham sobre as populações. O clero sentia-se prejudicado com a preferência que

⁸¹ *Primeiras Constituições O. P.*, Dist. II, c. 31, DOMINGUES, Frei Bento, *Ibidem*

⁸² VILAR, Hermínia Vasconcelos, “Os Frades Mendicantes”, in *História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 229.

⁸³ DOMINGUES, Frei Bento, *Ibidem*

⁸⁴ ROLO, Raúl, *op. cit.*, p. 82

⁸⁵ FORTUNATO, *op. cit.*, vol. I, p. 139

os fiéis davam aos religiosos e “*porque o prestígio que estes alcançavam despertasse emulações e malquerenças (...)*”⁸⁶

As resistências por parte do clero diocesano e paroquial à instalação dos Dominicanos e Franciscanos fizeram-se sentir em muitas outras cidades para além do Porto, como em Guimarães e em Braga, onde só se instalariam no século XVI. As ordens mendicantes em Portugal, tiveram o apoio papal e régio na sua difusão e no conflito que travaram com o clero das cidades. Veja-se o papel importante que as filhas D. Sancho I, D. Branca e D. Teresa, tiveram na fundação dos conventos de Alenquer e Coimbra. D. Sancho II continuou na defesa das ordens mendicantes, principalmente no conflito que os Dominicanos travaram com o bispo do Porto e ajudou a fundar o convento dominicano de Lisboa.⁸⁷

O primeiro convento feminino foi fundado em Chelas em 1224, doado por D. Afonso II. Seguiu-se o convento de Santarém que foi admitido à Ordem dos Pregadores no Capítulo Geral de Bordéus de 1287. O Convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia é fundado em 1345 e o de São Salvador em Lisboa em 1392. Entre os séculos XV e XVII, fundaram-se 14 novos conventos dominicanos femininos. Além destes, acrescentamos o convento das Dominicanas Irlandesas do Bom Sucesso, que em 1639, se refugiaram em Portugal devido às perseguições aos católicos irlandeses. Em 1763 os conventos dominicanos femininos eram 18 e no início do século XIX, com a revolução liberal e o Decreto de 18 de outubro de 1822, foram reduzidos para 10. Em 1834, com a proibição do noviciado, os conventos femininos foram desaparecendo lentamente até à morte da última religiosa.⁸⁸ Apresentamos no Anexo V as fundações dos conventos/mosteiros dominicanos em Portugal entre 1218 e 1690.⁸⁹

Nos inícios de Setecentos, a crise económica aumentou o desejo de ingressar nos mosteiros, com vocações duvidosas, o que levou ao relaxamento da disciplina da regra, a

⁸⁶ ALMEIDA, Fortunato, *Ibidem*

⁸⁷ VILAR, Hermínia, *Ibidem*, pp. 230-231

⁸⁸ ROLO, Raúl A., “Monjas Dominicanas” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir., Carlos Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 81

⁸⁹ Anexo elaborado a partir de dados recolhidos em ALMEIDA, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, Imprensa Académica, Coimbra, 1910, cit. RODRIGUES, Luísa, *op. cit.*, pp. 14-15

⁸⁹ Muda de localização em 1546

uma crise espiritual e moral que desacreditou o carisma da Ordem. O capítulo provincial pediu à Santa Sé que decretasse que o número de admissões não excedesse o número de óbitos para não se correr o risco de não ter sustento para todos os 600 religiosos. Antes do terramoto de 1755, a província era constituída por 24 conventos, com capacidade para 816 frades, seis casas de noviços, cinco estudos gerais e o Instituto de Pastoral de Santa Maria de Escada. A tragédia de 1755 foi o princípio do fim da Ordem Dominicana em Portugal que com as revoluções liberais as suas estruturas foram sendo desmanteladas, com a proibição das profissões, reduções dos conventos até à extinção definitiva de 1834.

2.3. A influência dos Pregadores

Entre os dominicanos portugueses, destaca-se o papel de frei Soeiro Gomes que fundou o primeiro convento em Portugal e o seu sucessor, São Frei Gil (c. 1190-1265), que granjeou bastante devoção popular e fama de “*médico*”, assim como São Gonçalo de Amarante e São Pedro Gonçalves Telmo.⁹⁰

São Gonçalo, de linhagem nobre, nasceu em Tagilde, perto de Guimarães, nos inícios do século XIII. Ordenou-se muito jovem em Braga e partiu em peregrinação para Roma e daí para a Terra Santa. Quando regressou entrou para a Ordem dos Dominicanos dedicando-se à pregação a partir de Amarante, onde se instalou. Amigo dos pobres e deserdados, aí morreu em 10 de janeiro de 1262. A este dominicano são atribuídos numerosos milagres, e segundo a tradição, a construção da ponte sobre o rio Tâmega.⁹¹ Em Vila Nova de Gaia, no domingo seguinte ao dia 10 de janeiro, realiza-se a romaria em sua honra, que percorre as ruas de ribeirinhas de Santa Marinha até à igreja de Mafamude. As Comissões da Nova e Velha Rasa, acompanhadas dos Mareantes do Rio Douro, levam os seus santos protetores: S. Cristóvão, dos barqueiros do rio, padroeiro de Mafamude; S. Gonçalo, dos homens do mar e das doenças dos ossos e construtor de

⁹⁰GOMES, Saul António, “A Religião dos Clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural”, in *História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. Carlos Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2000, p. 377.

⁹¹ OLIVEIRA, José, *Ibidem*, p. 23

pontes; S. Roque, dos carpinteiros navais e calafates e protetor contra a peste.⁹² Igualmente popular é São Pedro Gonçalves Telmo, “*o Corpo Santo*”. Natural de Astorga, Espanha, nasceu em 1190. Filho de nobres, foi educado por um tio que era bispo. É o padroeiro dos homens do mar na Idade Média, que se notabilizou pela sua capacidade homilética e por uma série de milagres relacionados com a vida de pescadores e navegantes. As populações ligadas ao mar são muito devotas do “*Corpo Santo*”, principalmente no Algarve e entre Douro e Minho. Na cidade do Porto, foi fundada em 1394, a Confraria de São Pedro Gonçalves ou do Corpo Santo de Massarelos. No coro baixo do Convento Corpus Christi existe um retábulo de S. Pedro Gonçalves Telmo ladeado por São Cosme e São Damião.⁹³ (Fig. 1)



Fig. 1 – S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Cosme e S. Damião

Entre as dominicanas portuguesas, a princesa Joana, filha de D. Afonso V, entregou-se a uma vida de contemplação e austeridade na clausura do Mosteiro de Aveiro. Joana nasceu a 6 de fevereiro de 1452 e a mãe, D. Isabel, faleceu tinha ela quinze anos, levando-a a assumir o seu papel. Desde cedo manifestou grande inclinação religiosa rejeitando as grandezas da coroa. Foi pedida em casamento por vários príncipes europeus, mas recusou. Dedicou-se à penitência e ao cuidado dos mais pobres. Pelos vinte anos recolheu-se no

⁹² GONÇALVES, Guimarães, *A Festa de S. Gonçalo em Vila Nova de Gaia, novas achegas para uma análise do culto gonçalvino popular*, Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 53, 8º vol., dezembro de 2001, p. 17

⁹³ GOMES, Saul, *op. cit.*, p. 377

Convento de Odivelas, passando no ano seguinte para o Convento Dominicano de Jesus, em Aveiro. Apesar da sua saúde frágil, dedicou-se à vida contemplativa e penitência. Aí faleceu a 12 de maio de 1490. É padroeira da cidade e diocese de Aveiro.⁹⁴

Outra grande figura dominicana foi Bartolomeu do Vale. Nasceu e foi batizado na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, Lisboa, em 1514. Professou aos quinze anos nos Dominicanos e aí recebeu uma sólida formação moral e intelectual. Foi professor de Filosofia e Teologia em escolas da ordem e em 1558 foi nomeado arcebispo de Braga, só aceitando por obediência⁹⁵, mas prometendo continuar com a austeridade conventual. Participou no Concílio de Trento onde apresentou 268 petições e interpelações de reforma. Na epidemia e fome de 1574, os famintos apinhavam-se às centenas à porta do paço episcopal. São Bartolomeu dos Mártires vendeu tudo o quanto era supérfluo para acudir os mais necessitados, talvez por isso o povo o tenha apelidado de “*arcebispo santo*”. Resignou ao cargo em 1582, continuando a pregação até à morte em 16 de julho de 1590, em Viana do Castelo, onde está sepultado na Igreja de São Domingos. Foi beatificado a 4 de novembro de 2001 por João Paulo II⁹⁶.

2.4. Espiritualidade Dominicana

A espiritualidade e a cultura dominicana disseminou-se por todo o território português, não só através da pregação e da apologia da confissão, mas também da celebração do culto. Aos Dominicanos é atribuído o sucesso das comemorações da festa do Corpo de Deus por todo o país onde compareciam todos os grupos sociais e profissionais, as paróquias e as confrarias da cidade, que acompanhavam em procissão os quadros e os carros históricos com cenas da vida de santos e representação de dramas litúrgicos. Nesta fundação de Gaia torna-se muito evidente na escolha do nome, Corpus Christi, a atenção devotada pela ordem à celebração eucarística e ao mistério da consubstanciação.

O culto mariano em Portugal é muito antigo em Portugal e esteve sempre muito presente

⁹⁴ OLIVEIRA, José, *Ibidem*, pp. 114-115

⁹⁵ Antes tinha sido nomeado o espanhol frei Luís de Granada que tinha recusado, apontando e forçando frei Bartolomeu a aceitar. OLIVEIRA, José H. Barros de, *Santos ao ritmo da liturgia*, 4ª ed., Lisboa, Paulus Editora, abril de 2015, p. 189

⁹⁶ OLIVEIRA, José, *Ibidem*, pp. 189-190

em todos os estratos sociais. A devoção a Santa Maria como se designava a Virgem no século XV, passando posteriormente para Nossa Senhora⁹⁷, tornou-se padroeira de muitas igrejas matrizes e catedrais do país. Na Península, a principal festa mariana era a da Anunciação do Anjo Gabriel a 25 de março, posteriormente a Assunção da Virgem, a 15 de agosto, passou a ser a mais importante. Outras invocações marianas de relevo vêm já do século X: Senhora da Purificação, a 2 de fevereiro; da Natividade, 8 de setembro e da Expectação a 18 de dezembro. A partir do século XV, no calendário litúrgico ficaram marcadas as celebrações da Senhora da Visitação a 2 de julho, da Senhora das Neves a 5 de agosto e da Imaculada Conceição a 8 de dezembro.⁹⁸

Antes de S. Domingos enviar os seus confrades pregar pelo mundo congregou-os no Santuário de Santa Maria de Prouille; os primeiros Dominicanos que vieram com frei Soeiro Gomes para Portugal acolheram-se em Montejunto na Ermida de Nossa Senhora das Neves e em 1241 na Ermida de Santa Maria da Purificação para fundar o convento de Lisboa. Muitos outros conventos dominicanos tem a evocação de Maria no orago dos seus conventos: da Misericórdia, das Neves, Graça, Piedade, Vitória, Assunção, Paraíso, Mártires, Rosário.⁹⁹

A devoção a Maria inspirou de igual forma a criação da recitação do Rosário em louvor de Nossa Senhora. O *Saltério de Maria*, 15 padre-nossos e 150 avé-marias atribuído a S. Domingos e à Ordem que criou, foi muito difundido pelas populações e foi por estas muito bem aceite. Na recitação do Rosário, no intervalo de dez avé-marias começou a surgir a meditação dos Mistérios de Cristo e da Virgem - *cinco Gozosos, cinco Dolorosos e cinco Gloriosos*; era recitado em solitário, em grupo, dentro e fora das igrejas, em família ou na jorna. Em Portugal, a recitação do Rosário já se praticava na Igreja de S. Domingos em Lisboa antes de 1484, onde também se celebrava a *Festa das Rosas* em honra da Virgem Maria que se realizam no mês de maio e que se espalharam por todo o país, podendo ter crescido aqui as raízes que depois fizeram surgir as festas marianas do

⁹⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, “O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva antropológica”, *Revista de História* 2, Faculdade de Letras do Porto, 1979, p. 164.

⁹⁸ GOMES, Saul, *Ibidem*, p. 378

⁹⁹ ROLO, Raúl A, *Ibidem*, p. 85

mês de maio¹⁰⁰ A Nossa Senhora aparece aqui como Senhora da Rosa, Mãe da Vida e da Natureza, em que as rosas, transportas para um plano místico, rodeiam a missão divinal de Maria.¹⁰¹

A reza do Rosário, acarinhada pelo povo e pelos papas, desde que Sisto IV que ofereceu aos Dominicanos o Breve que aprovava a liturgia devocional do Rosário em 1479, foi encorajada sobretudo por Urbano VIII (1623-1643) e Inocêncio XV (1676-1689). O desfiar de avé-marias, processo mecânico que se poderia tornar monótono, começou a ser aos poucos a ser substituído pelo *terço*, um dos três grupos do Rosário, ou então pela *coroa*, conjunto de sete grupos de um pai-nosso, dez avé-marias e um glória em louvor das sete alegrias da Virgem Maria. Os rosários e os terços começaram a ser benzidos pelo sacerdote para se tornarem objetos sagrados de oração e veneração.¹⁰²

No século XVI, já se encontram nos nomes próprios dos dominicanos portugueses, pelo menos 23 com a denominação de “*Rosário*”. Na mesma centúria (c. 1514-16) terá nascido no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, a primeira Confraria do Rosário em Portugal.¹⁰³ As confrarias e irmandades do rosário começaram a implantar-se onde a influência dos dominicanos era mais forte, junto dos mosteiros e santuários regionais. Nestas confrarias tudo se regula em torno da oração do Rosário, na participação dos seus membros na eucaristia, na intercessão das pelas almas do Purgatório e nas festas marianas da Natividade, Conceção, Purificação e Assunção.¹⁰⁴

Do século XVI ao XVIII, surgiu uma enorme quantidade de confrarias e irmandades ligadas às paróquias, principalmente as ligadas às devoções do Santíssimo Sacramento, das Almas do Purgatório e do Rosário, que pretendia combater o protestantismo nos seus argumentos baseados na justificação pela fé, na recusa sacramental e a da veneração da Virgem.¹⁰⁵ No mosteiro de Corpus Christi existe, pelo menos documentada desde o século

¹⁰⁰ MARQUES, João, *Ibidem*, p. 582

¹⁰¹ GOMES, Saul, *Ibidem*, p. 378

¹⁰² MARQUES, João, *Ibidem*, p. 582

¹⁰³ GOMES, Saul, “Notas e Documentos sobre as Confrarias Portuguesas entre o fim da Idade Média e o Século XVII: o Protagonismo Dominicano de Sta. Maria da Vitória,” *Lusitana Sacra*, 2ª Série, 7, 1995, p. 100.

¹⁰⁴ *Idem*, *Ibidem*, 101

¹⁰⁵ PENTEADO, Pedro, “Confrarias”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. Carlos Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, p. 463

XVII, uma destas confrarias com o nome de Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos de Gusmão. (O papel desta irmandade no processo da extinção é tratado no cap. 3)

Ainda antes do terramoto de 1755, começaram a desaparecer muitas confrarias e irmandades que deixaram de fazer o seu trabalho de caridade e de festejos nas datas solenes. Aliado a esta crise, o novel pensamento iluminista criticava a caridade porque encorajava a mendicidade e não incentivava o trabalho e o excesso de festividades que eram provocadoras de distúrbios populares que elevavam o absentismo ao trabalho. Mas será durante a guerra entre liberais e absolutistas (1832-34), que estas associações religiosas irão ter maior declínio e desaparecimento de muitas delas. Com o regime liberal, a partir de 1842, as confrarias passaram a estar sob a autoridade dos governadores civis. Esta entidade, representante do governo executivo nos distritos, era a partir de 1852, quem aprovava os estatutos das confrarias que deveriam estar de acordo com as leis vigentes.¹⁰⁶

2.5. O Convento Corpus Christi de Vila Nova de Gaia

A fundação do Convento Corpus Christi em Gaia surge no período que coincide com uma forte afirmação concelhia de Gaia e Vila Nova até à perda da sua autonomia administrativa em favor da cidade do Porto durante a crise de 1383-1385.¹⁰⁷

Durante a Idade Média, segundo Geraldo Dias, a tipologia dos mosteiros definia-se pelo tipo de fundação, que pode ser classificada da seguinte forma: *os mosteiros autónomos* propriamente ditos, que estão sob autoridade do bispo, ligados a um fundador de generosidade cristã mas sob a autoridade de uma regra e de um abade ou abadessa; *os mosteiros dúplices*, que têm uma comunidade masculina e outra feminina lado a lado, sob a chefia do mesmo superior, abade ou abadessa; *os mosteiros familiares*, fundados por leigos abastados nas suas próprias casas, com os seus familiares, servos e mesmo vizinhos. Por fim temos os *mosteiros próprios*, que são fundados por senhores feudais,

¹⁰⁶ PENTEADO, Pedro, *Ibidem*, p. 466

¹⁰⁷ GUIMARÃES, Gonçalves, *Ibidem*, p. 74-75

inclusive reis, e pela nobreza local.¹⁰⁸

É nesta última categoria que se inclui o Convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia fundado por D. Maria Mendes Petite, “*huma Dona muito rica, e nobre*”¹⁰⁹.

Depois de enviuar de Estevão Pires Coelho¹¹⁰, mandou construir nas suas propriedades junto ao rio Douro, em frente à “*estrada antiga que vinha para a cidade do Porto*”,¹¹¹ um convento “*ao louvor, e a honra a serviço do Corpo de Christo (...)*”.¹¹² A sua edificação iniciou-se sigilosamente pelos dormitórios, claustros e oficinas, mas quando se vislumbrou a construção da igreja, o Cabido da Sé do Porto mandou imediatamente embargar a obra, alegando a falta das autorizações necessárias para o efeito. D. Maria ignorou o embargo e com o apoio do prior do Convento de São Domingos da cidade do Porto, frei Vicente de Barcelos e do Doutor frei Pedro de Caires, a 11 de outubro de 1345, fez a escritura de doação dos edifícios já construídos às Donas Pregaretas do Mosteiro de São Domingos de Santarém¹¹³, a par com herdades, marinhas, dinheiro e um padroado de igreja.

Sabendo da doação, os cónegos do Cabido ainda ficaram mais indignados, reclamando a intervenção das autoridades eclesiásticas e civis para a demolição de todos os edifícios construídos sem a sua autorização. O caso acabou mesmo por fazer intervir a cúria romana. Um Breve Papal, de 5 de março de 1352, a favor da fundadora, dando-lhe o tratamento de *nobili mulieri* pôs termo ao problema. Do Mosteiro das Donas de Santarém, vieram duas monjas, uma delas para priora, entrando logo “*muitas noviças da cidade do Porto, e de outras partes, que estavam apelidadas por dona Maria*”.¹¹⁴

¹⁰⁸ DIAS, Geraldo J. A. Coelho Dias (1995) “Perspectivas Bíblicas da Mulher e Monaquismo Medieval Feminino”, *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade do Porto, pp. 27-30

¹⁰⁹ SOUSA, Frei Luís de, *História de S. Domingos*, vol. I, Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977, p. 603.

¹¹⁰ A família de Estevão Coelho era proprietária da quinta e padroado da igreja de Canidelo, que depois cedem a D. Pedro e a D. Inês, que será assinada por Pero Coelho, um dos filhos de Estevão Pires Coelho e D. Maria Mendes Petite. Cf., GUIMARÃES, Gonçalves, “O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia ou Convento de Corpus Christi: breve resenha histórica”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 75, 12º vol., 2012, p. 14.

¹¹¹ Anteriormente denominada de Calçada das Freiras – atual Rua de Serpa Pinto, ALVES, Joaquim J. B. Ferreira, “Algumas obras seiscentistas no Convento de Corpus Christi” in *Separata da Revista Gaya*, vol. II, Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1984, p. 244

¹¹² SOUSA, Frei Luís, *Ibidem*, p. 604

¹¹³ *Idem*, *Ibidem*

¹¹⁴ SOUSA, Frei Luís, *Ibidem*, pp. 607-612

Entre os descendentes da fundadora, Estevão Coelho, João Pires Alvim, D. Branca Pires Coelho na geração dos filhos e D. Leonor Alvim, neta, esposa de Nuno Álvares Pereira, também deixaram os seus bens ao convento¹¹⁵ e escolheram-no para local de sepultura.¹¹⁶

Quem também foi a enterrar no Mosteiro de Corpus Christi, foi D. Álvaro Anes de Cernache, alferes porta-bandeira da Ala dos Namorados na Batalha de Aljubarrota e companheiro de armas de D. João I na tomada de Ceuta, onde foi armado cavaleiro por este e recebeu, entre outros títulos, o senhorio de Gaia-a-Grande. Por sua vontade quis ser sepultado numa das capelas laterais da igreja do convento, de invocação de São Tiago. *“no corpo da Igreja (...) está embebido na parede da banda da Epistola, hum arco de pedraria lavrado á antiga, que cobre huma grande sepultura: sobre ella parece deitado hum vulto de cavaleiro armado esculpido de relevo na pedra, que a cerra quando se estende o moimento: no alto do arco tem hum pequeno letreiro aberto na pedraria¹¹⁷, que nos descobre alem do nome de quem n’ella jaz, huma curiosidade não indigna de memoria: e diz assi.”*

‘Aqui jaz Alvareanes de Sarnache cavaleyro, criado que foi del Rei dom João, cuja alma Deos aja, e Anadel mór dos Besteiros de cavallo: e Alferrez que foi dos namorados da Batalha Real; e em todas as outras guerras: o qual se finou Era de M.CCCC.XXXXII’¹¹⁸

As grandes cheias que, ao longo do tempo, se verificaram no rio Douro fustigaram seriamente as estruturas do convento. Existem relatos de grandes cheias em 1526, 1585, 1596¹¹⁹, mas a cheia de 1625 foi das mais violentas, cobrindo praticamente a igreja, os dormitórios e os claustros *“teniendolo assi cuasi por espácio de três meses, en que cessaron los ofícios Divinos en dicha Iglesia”*, ficando as freiras em *“chozas y barracas del cercado”¹²⁰*. Nova grande cheia aconteceu em 1727 *“Na margem esquerda as águas*

¹¹⁵ D. Leonor Alvim foi casada em primeiras núpcias com Vasco Gonçalves, mas a união foi anulada pela Santa Sé quando este morreu por alegadamente o casamento não ter sido consumado, permitindo assim um segundo casamento com D. Nuno Álvares Pereira. – CAMPO BELLO, *Ibidem*, pp. 21-22

¹¹⁶ SOUSA, Frei Luís, *Ibidem*, p. 612

¹¹⁷ Esta lápide ainda existe na Casa de Campo Bello, propriedade dos seus descendentes.

¹¹⁸ SOUSA, Frei Luís, *Ibidem*, p. 613

¹¹⁹ “O Tripeiro”, nº 57, Ano II, de 20 de Janeiro de 1910, p. 331

¹²⁰ ALVES, Joaquim J. B. Ferreira, “Algumas obras seiscentistas no Convento de Corpus Christi”, in Separata da Revista *Gaya*, vol. II, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Gaia, 1984, pp. 244

*ao alto das escadas da igreja do convento de Corpus Christi, em Gaya, cobrindo literalmente as chamadas grades onde se recebiam as visitas do convento (...)*¹²¹

Não podendo parar a degradação do edifício e da cerca, as religiosas sentem a necessidade urgente de realizar obras que vão alterar de forma significativa a traça original do convento e até o local onde estava inicialmente instalado. As obras mais avultadas acontecem no último quartel do século XVII, se bem que já a partir de 1612 tenha havido transformações na construção substituindo as estruturas de madeira por pedra.

A nova igreja teria de ser construída em cota mais alta para evitar que as águas do rio a danificassem e isso levou a que o local escolhido fosse mais pequeno que o anterior, fazendo com que a igreja fosse de dimensões mais reduzidas.¹²² Na nova construção deixou de haver lugar para alguns dos elementos anteriores, como, por exemplo, as sepulturas individualizadas dos mecenas e protetores. No caso da família Cernache a solução de compromisso encontrada levou à colocação do túmulo do cavaleiro sobre a porta lateral de acesso aos coros, ostentando um letreiro e o escudo das armas de família. (Fig. 2)



Fig. 2 - Túmulo de Álvaro Anes de Cernache

O investimento subsequente em pintura e escultura no interior da igreja está ligado não

¹²¹ “O Tripeiro”, nº 57, Ano II, de 20 de janeiro de 1910, p. 331

¹²² “Mosteiro de Corpus Christi” in *História de Gaia*, fasc. 24, vol. II, Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, Camara Municipal de Vila Nova de Gaia, p. 61

só às devoções das religiosas, mas também ao privilégio obtido junto da coroa em 1675, para realizarem peditórios no Brasil.

Além dos elevados custos que teve a construção da nova igreja e de outros edifícios, as religiosas tinham de assegurar o seu sustento dado o número de elementos que formavam a comunidade de Gaia.

Tabela 4 - Número de moradoras do Convento Corpus Christi (1623-1860)¹²³

	Religiosas	Noviças	Educandas	Seculares	Outras
1623	47	3	---	---	---
1625	+ 60	---	---	---	---
1629	+ 40	---	---	---	---
1688	67	2	6	---	---
1753	+ 100*	(?)	(?)	(?)	---
1754	98	---	---	33	---
1771	+ 80	---	---	---	---
1788	70	---	---	---	---
1834	16	---	12	---	9 criadas da comunidade; 11 criadas particulares; 2 encostadas
1839	16	---	---	17	---
1855	14	---	---	12	10 criadas da comunidade; 9 criadas particulares; 6 encostadas
1857	14	---	---	---	---
1859	13	---	---	---	10 criadas da comunidade; 9 criadas particulares; 1 servente

¹²³ Quadro elaborado a partir de dados recolhidos em RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, p. 30

1860	13	---	---	---	27 criadas; 12 meninas coro
------	----	-----	-----	-----	-----------------------------

*Este número já inclui religiosas professoras, moças da ordem e serventes

O rendimento do convento provinha essencialmente de rendas de terras emprazadas e dos foros; de legados pios e testamentários; dos dotes e das heranças recebidas pelas religiosas; da anexação das igrejas de Mesão Frio e Valadares; do aluguer das celas a partir do século XVIII e já no século XIX do aluguer dos armazéns.¹²⁴

Esta necessidade urgente de receitas é coincidente com a procura de terrenos em Vila Nova de Gaia por parte de comerciantes portugueses e estrangeiros para a construção de armazéns, principalmente de vinho, mas também de azeite e outros produtos, vindos Alto Douro. O aluguer dos terrenos da praia em frente ao convento para a construção de navios de longo curso era outra fonte de rendimento.¹²⁵

Por ocasião do inventário de 1858, os rendimentos da comunidade consistiam das rendas dos armazéns de Vinho do Porto junto ao convento, de foros em dinheiro na importância de 594\$000 réis e outros géneros. Os dotes eram de 1:200\$000 réis.¹²⁶

As noviças, cujo primeiro pagamento adiantado se realizava no dia da entrada, pagavam uma prestação anual de 60\$000 réis. As despesas do noviciado e de profissão eram importantes no orçamento:

Tabela 5 - Despesas de Noviciado e Profissão (em réis)¹²⁷

	Noviciado	Profissão		Noviciado	Profissão
Peça de	100\$000	50\$000	Ao P.e Provisor	4\$800	7\$200
À priora	10\$000	12\$000	A dois capelães	4\$800	4\$800
À subpriora	3\$200	4\$200	Ao médico	4\$800	4\$800
À mestra de	3\$200	4\$200	Ao cirurgião	4\$800	4\$800
À escritã	2\$880	3\$840	Ao sacristão	4\$800	1\$200
À cantora	2\$880	3\$840	Ao hortelão	\$600	\$600
À subcantora	2\$880	3\$840	A cada criado	\$600	\$600

¹²⁴ RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, p. 29

¹²⁵ GUIMARÃES, Gonçalves, “O Mosteiro de S. Domingos de Donas de Vila Nova de Gaia ou Convento de Corpus Christi: breve resenha histórica”, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 75, 12º vol., Vila Nova de Gaia, dezembro de 2012, pp. 15-16

¹²⁶ ASSUMPTÃO, Tomás Lino d’, *A últimas freiras*, Porto, Livraria Portuense, 1894, p. 143

¹²⁷ Tabela elaborada a partir de dados obtidos em ASSUMPTÃO, Lino d’, *Ibidem*, pp. 143-144

À organista	2\$880	3\$840	A cada servente	\$200	
À sacristã	2\$880	3\$840	Jantar às religiosas	25\$00	30\$000
A cada	1\$440	1\$920	Escrivão(perguntas)		4\$800

As despesas com cada religiosa estavam tabeladas em 146\$000 reis por ano, divididas por dinheiro e alimentos.

Tabela 6 - Despesas de cada religiosa por ano (em réis)¹²⁸

Em dinheiro 6\$400 por mês	76\$800
Quatro pães de trigo por semana a 100 réis	20\$800
Três broas de milho por semana a 80 réis	12\$480
Oito arráteis de arroz por mês a 60 réis	5\$760
Mimos em todo o ano	24\$000
Azeite e carne de porco	6\$240
Total	146\$080

2.5.1. A vida conventual das Donas de Gaia

O quotidiano das monjas dominicanas de Corpus Christi não está muito documentado, como aliás não estão quase todos os restantes mosteiros da ordem. Seguindo as Constituições do Mosteiro de Jesus de Aveiro,¹²⁹ a Regra Geral da Ordem dos Pregadores e o quadro geral do monaquismo feminino português, podemos fazer um retrato da vida no mosteiro de Gaia.

A entrada da mulher na religião raramente era uma escolha individual, mas sim uma opção familiar ditada pela obrigação de reprodução social, ou seja, entre as famílias nobres, os filhos segundos eram discriminados para as carreiras militares e eclesiásticas. No caso das filhas, quer na realeza, quer na aristocracia, a filha mais velha casava com o melhor partido em detrimento das outras que muitas vezes são enclausuradas à força. A muitas mulheres também aconteceu estarem destinadas ao convento desde meninas. A decisão era tomada pelos pais logo quando nascia o filho varão para suceder ao morgadio e um número de filhas suficiente para garantir as trocas matrimoniais desejadas. Mas

¹²⁸ Tabela elaborada a partir de dados obtidos em ASSUMPÇÃO, Lino d', *Ibidem*, p. 145

¹²⁹ *Constituições do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, in MADAHIL, António Gomes da Rocha *Constituições que no século XV regeram o Mosteiro de Jesus, de Aveiro da Ordem de S. Domingos*, Coimbra Editora, 1951.

também havia as verdadeiras vocações, as genuínas, mulheres que fugiam para entrar no convento contra a vontade de familiares depois de uma vida atribulada, muitas vezes marcada por mau casamento e seguida de separação.¹³⁰

Nos conventos Dominicanos, a priora e duas monjas faziam um inquérito à candidata sobre a sua idade, costumes, robustez física e sobre o seu estado psicológico e intelectual. Depois de uma pequena cerimónia em que a candidata pedia perante a priora e o Capítulo a misericórdia de Deus, entrava no convento para o noviciado. Durante este período, que não deveria exceder um ano, a noviça recebia através da sua mestra ensinamentos relativos ao seu comportamento. Devia manter sempre o olhar baixo em qualquer circunstância, em silêncio e ocupada em qualquer trabalho. Após o noviciado e a profissão as monjas rezavam obrigatoriamente as horas canónicas, alternando o trabalho com a oração.¹³¹

Quanto ao vestuário, este devia ser de tecido de lã, simples, devendo as saias tocar o calcanhar; por cima o escapulário e véus eram obrigatórios, sendo proibido o uso de luvas. O cabelo teria de ser cortado pequeno, já que era considerado o símbolo da sedução, constituindo um sacrifício para a mulher o seu corte. Ao deitar, as freiras não podiam dormir desnudadas, mantendo a saia ou calças e o véu, exceção só para as que estavam enfermas.¹³²

As regras conventuais pretendiam orientar a experiência religiosa, disciplinando os atos de devoção através de jejuns, da oração e da missa. A imposição das regras rígidas de convivência pretendiam potenciar a santidade da vida em comum, proibindo as conversas profanas, os prazeres da mesa, os penteados e as indumentárias onde houvesse um vislumbre de sensualidade. A sexualidade era o maior dos comportamentos de risco, porque aproximava a mulher do seu corpo em detrimento da alma e eram necessários “sacrifícios” e “disciplinas” e autorrecreminações por atos e pensamentos, por vezes até

¹³⁰ SÁ, Isabel dos Guimarães “Os espaços de reclusão e a vida nas margens” in *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Moderna*, dir. José Mattoso, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2010, pp. 279-280;

¹³¹ *Constituições do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, cit. CASTRO, Júlia Isabel Coelho Campos Alves de *O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia (1345-1513)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993, pp. 36-37

¹³² *Idem*, *Ibidem*, p. 37

involuntários, como o caso dos sonhos eróticos.¹³³

O incumprimento das normas estabelecidas pelas Constituições ou pela priora era alvo de sanções que ia da “*leve culpa*” até à “*muito mais agravada culpa*”, que eram decididas em reunião de capítulo. Como sanção de “*leve culpa*” a reza de um salmo ou mais e “*para a mais agravada culpa*” castigos corporais e afastamento da mesa comum. Nas Constituições do Mosteiro de Aveiro há um relato de um desses castigos:

“ (...) *peça perdam e com muitas lágrimas diga a crueza do seu grave pecado, e desmetida [desnudada] ates a ciinta seja açoutada aos pees de todas, primeiramente da priora e depois de todas as outras que seem de huma parte e doutra. E seja o mais derradeira no convento.* ”¹³⁴

Os conventos em que se observava a clausura já eram construídos para esse efeito, com a preocupação de criar espaços visualmente estanques, com muros e portas altas e fortes fechadas à chave¹³⁵. Na igreja, com a sua entrada lateral, devia existir uma *roda*, que consistia numa abertura numa parede, semelhante a uma janela, mas tapada com um cilindro, que servia para colocar objetos.



Fig. 3 – Roda de troca

Deveria ter também um *ralo*, que era um orifício a partir do qual as freiras podiam conversar. É uma folha de metal, com vários furos, normalmente situado nas portarias. A comunhão era dada através da grade, onde não existia contato visual com a face do padre. O confessionário devia ter duas portas, uma pela parte de dentro, cuja chave estava com

¹³³ SÁ, Isabel, *Ibidem*, pp. 280-281.

¹³⁴ *Constituições do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, cit. CASTRO, Júlia, *Ibidem*, pp. 38-39

¹³⁵ SÁ, Isabel, *Ibidem*, p. 283

a priora, e outra de fora, na posse do padre. Todos os contatos com o exterior era vigiados pelas freiras que exerciam autoridade no convento: escutavam as conversas no locutório, liam as cartas enviadas e recebidas e autorizavam as vindas dos familiares até às grades.¹³⁶

Além do procurador, do prior e do sangrador, apenas era permitida a entrada ao Rei, à Rainha, ao Papa, ao Arcebispo, ao Bispo do mesmo Bispado do mosteiro, Legado, Cardeal, Padroeiro ou Padroeira. Em caso de o convento necessitar de obras podiam entrar alguns homens, mas a comunicação com estes estava restrita à priora ou a três anciãs nomeadas para o efeito e nunca falariam a sós com os homens.¹³⁷

As saídas das monjas dos conventos eram autorizadas só em caso de força maior, como ser chamado à cabeceira de alguém próximo ou participar em partilhas. Também podiam sair quando iam fundar outras casas religiosas noutras localidades. Só em caso de terramoto, incêndio ou iminência de invasão, como aconteceu em 1832 quando as monjas de Corpus Christi fugiram para Vila do Conde durante o Cerco do Porto, é que podiam abandonar o convento. Os claustros ou a igreja podiam servir ainda à tumulação, não abandonando as monjas o seu espaço na altura da morte.¹³⁸

A definição da igreja como a Casa de Deus, destinada à sua Glória, a que os arquitetos e construtores deviam dar a forma conveniente, segundo os preceitos disciplinadores tridentinos traduzidos nas *instruções* ou recomendações de Roma¹³⁹ ecoaram também na igreja de Vila Nova de Gaia. A igreja do convento Corpus Christi, construída em plano mais elevado, mas em área mais reduzida, permite ao arquiteto a concretização da planta centralizada octogonal, adaptando a figura geométrica à área disponível. Na simbologia judaico-cristã o número perfeito corresponde ao número oito, os sete elementos criados mais Um (o incriado, Deus) que se manifesta em Jesus Cristo. O octógono simboliza a

¹³⁶ *Idem, Ibidem*, pp. 283-284.

¹³⁷ *Constituições do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, cit. CASTRO, Júlia, *Ibidem*, p. 40

¹³⁸ Sá, Isabel, *Ibidem*, p. 282.

¹³⁹ PEREIRA, José Fernandes “O barroco do século VII: transição e mudança”, *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira, Sétimo Volume, Círculo de Leitores, 2007, p. 33. Devia ser em local elevado, o interior esplendoroso, o altar-mor em coro espaçoso e antecedido por degraus, e a ligação entre a sacristia e o templo para o percurso processional dos celebrantes.

ressurreição, a Nova Criação Redimida.¹⁴⁰

Para garantir a suspensão da cúpula em pedra foram necessários muros fortes para absorver o enorme empuxo exercido pela abóbada, mantendo ao mesmo tempo a leveza do espaço. Além da talha, na igreja do convento podemos observar a pintura ilusionista nas pilastras, do entablamento e da abóbada que tornam deslumbrante um espaço decorativamente despojado.¹⁴¹

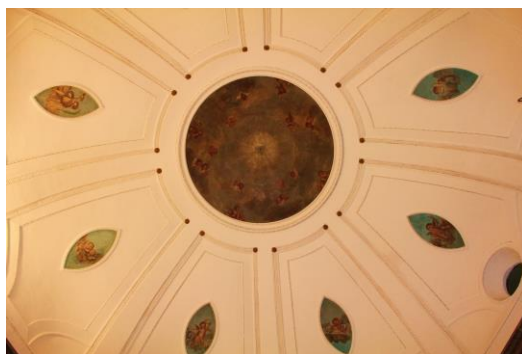


Fig. 4 – Cúpula da igreja *Corpus Christi*

No exterior era, segundo as *instruções*, lembramos, onde devia imperar a simplicidade. A fachada da igreja era a estrutura mais elaborada em termos decorativos, fruto da época que se vivia na cidade do Porto. Nicolau Nasoni tinha chegado ao Porto em 1725 e vivia-se uma euforia de decorativismo, com as suas obras, primeiro como pintor, depois como arquiteto, como a Igreja dos Clérigos, o Palácio do Freixo, a fachada da Santa Casa da Misericórdia e a Igreja de Santa Marinha, só para falar de obras próximas do convento *Corpus Christi*. A marca de Nasoni está patente na fachada do convento. Vários investigadores afirmam que esta obra é de autoria do arquiteto italiano de 1745.¹⁴²

¹⁴⁰ COELHO, Gustavo Neiva, “Igrejas de Planta Octogonal: o Simbolismo Barroco em Goiás no Século XVIII”, *Locus*, revista de história, Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, pp. 134-135

¹⁴¹ RODRIGUES, Luísa, *Ibidem*, p. 71.

¹⁴² *Idem*, *Ibidem*, pp. 48-49



Fig. 5 – Fachada da Igreja Corpus Christi

No interior da igreja as dominicanas não podiam deixar de atender quer à sua espiritualidade própria, quer aos critérios e tendências do movimento pós-tridentino. Cada Diocese põe em prática as determinações tridentinas e impõe normas ao artista que vão desde à formação que possui, às temáticas que podem ser representadas e locais onde se podem expor as imagens. A cumprir estas regras estavam os *visitadores* e outros delegados do bispo da diocese no encontro que faziam no local com a comunidade no *ato da visitação*.¹⁴³ As orientações das Constituições do Porto são muito elucidativas “*Mandamos, que nas Igrejas, Ermidas, e Capelas de nosso Bispado não haja retabolo, altar, ou fora delle imagem, que não seja da Santissima Trindade, e cada huma das tres Pessoas della, de Christo Senhor nosso, e dos seus Mysterios, Payxão, Morte, e Ressureição, e da Virgem nossa Senhora, e seus Mysterios, dos Anjos, ou Santos Canonizados, ou beatificados; & as que ouver sejão decentes que se conformem com os Mysterios, vida, & milagres dos originais, que representam, & assi na honestidade dos rostos, perfeição dos corpos, & ornato dos vestidos; sejão esculpidas, ou pintadas com muita decencia, & conforme a verdade das historias Sagradas, & que não representem cousas vaãs, supersticiosas, ou apochrifas, ou que dem ao povo ocasião de erro, ou de escândalo.*”¹⁴⁴

As imagens de santos estavam presentes em quase todas as dependências antes da extinção do convento de Corpus Christi. A forma como o inventário dos bens de culto foi

¹⁴³ *Idem, Ibidem*, pp. 189-191.

¹⁴⁴ *Constituições Synodais do Bispado do Porto*, Porto: Impressor Joseph Ferreyra da Universidade de Coimbra, 1690, p. 373., ref. ROCHA, Manuel, *Ibidem*, p. 192

elaborado, permite-nos percorrer o convento e perceber a disposição das imagens pelos muitos altares instalados pelas suas dependências. Neste inventário encontrámos listadas 90 imagens ou conjuntos de imagens e mais de 30 quadros distribuídos, para além dos cinco altares fixos na igreja¹⁴⁵, pelos altares nos coros¹⁴⁶, pelos claustros¹⁴⁷ e portaria¹⁴⁸.

¹⁴⁵ Altar-mor, altares do *Senhor Crucificado*, da *Nossa Senhora do Rosário*, da *Nossa Senhora da Conceição* e do *Senhor Preso à Coluna*.

¹⁴⁶ Altares da *Nossa Senhora do Rosário*, da *Nossa Senhora do Pilar*, e do *Senhor Morto* (Coro-Alto); altares de *Santo António* e do *Senhor de Matosinhos* (Coro-Baixo); altar do *Senhor Crucificado* (Antecoro)

¹⁴⁷ Altar da *Nossa Senhora do Pilar*

¹⁴⁸ Altar com um *Cristo Crucificado* pintado numa cruz de madeira.

Capítulo 3. – Novos Usos

No período das invasões francesas (1807-1810), com a família real no Brasil, a presença inglesa e o país palco de confrontações, a Igreja Católica surge como garante da paz e união contra a potência estrangeira e a religião emerge como elemento agregador das populações, não se deixam de sentir movimentos contraditórios. Se por um lado, no início da ocupação, o episcopado redige pastorais apelando à paz e ao acatamento das ordens dos franceses, por outro, no seu seio começam a surgir as primeiras formas de resistência ao invasor, com a necessidade de legitimar o catolicismo como a religião do Reino contra o invasor antirreligioso e antinacional.¹⁴⁹

A Igreja, durante o Antigo Regime, dispunha de um vasto poder económico que permitia exercer um domínio ideológico sobre as populações e moldar as suas mentalidades, as atitudes e até os seus comportamentos. Este domínio surgia como bloqueio a qualquer tentativa de destruturação do aparelho eclesiástico e preservar a hierarquia social e as estruturas corporativas, que assim evitava a propagação das ideias e valores liberais das elites políticas.¹⁵⁰ Elites políticas que incluíam um grande número de clérigos regulares e seculares defensores do liberalismo.

Portugal era um país essencialmente rural, apenas com Lisboa, Porto e Coimbra como centros urbanos importantes e algumas vilas litorais a norte e rareavam os locais onde imperasse o livre pensamento e a discussão de novas ideias e sensibilidades diferentes da hegemonia católica. Com o fim da guerra e as consequências devastadoras que daí resultaram, aliadas ao exílio brasileiro da Corte e à presença das tropas inglesas, fizeram surgir reações críticas à situação que o país atravessava.¹⁵¹

No centro do debate sobre a Constituição que se seguiu à revolução liberal de 24 de agosto de 1820, esteve a “*questão religiosa*” que não se limitou ao confronto entre eclesiásticos e liberais laicos, mas também ao debate no interior da própria estrutura da Igreja, onde

¹⁴⁹ FERREIRA, António Matos, “Desarticulação do Antigo Regime e Guerra Civil” in *História Religiosa de Portugal*, vol. III, dir. Carlos Moreira Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 21

¹⁵⁰ NETO, Vitor, “O Estado e a Igreja” in *História de Portugal*, Volume Quinto, dir. José Mattoso, Círculo de Leitores, 1993, p. 265

¹⁵¹ FERREIRA, António, *Ibidem*, pp. 22-23

surgiam diferentes opiniões sobre o seu novo papel e a sua autonomia em face das reformas que inevitavelmente acabariam por acontecer na política e na sociedade. Este debate manteve-se por alguns anos e abrangia outras problemáticas como a função e o local das ordens religiosas, a liberdade religiosa, principalmente a de culto, e a nomeação dos bispos.¹⁵² O confronto direto com uma ordem sacral que o Antigo Regime legitimara, enunciou as questões que ao longo do século XIX se fariam sentir: religião e Estado; função social do clero; religião e moral social; as representações mentais e as legitimidades sociopolíticas.¹⁵³

Através da Constituição de 1822 (Artº. 25º), o Estado impunha o catolicismo como “*a Religião da Nação Portuguesa*” sendo “*a Católica Apostólica Romana*”¹⁵⁴ destacando também o importante papel das instituições católicas. No juramento das bases da Constituição, esta imposição foi logo contestada por personalidades da Igreja, encabeçada pelo cardeal-patriarca D. Carlos da Cunha Meneses, que evocava que as Cortes não podiam legislar em matéria religiosa. O liberalismo teve desde o início na questão religiosa uma das razões para aplicar as suas ideias: em primeiro lugar, a extinção do Tribunal do Santo Ofício a 7 de abril de 1821, depois, a desamortização da propriedade eclesiástica, a supressão das congregações religiosas, abolição do dízimo e dos vínculos e a delimitação dos benefícios eclesiásticos.¹⁵⁵

O ideário liberal não se concretizou já que com a ocorrência da contrarrevolução da Vila-Francada (1823), foi permitida à Igreja uma reconciliação com o novo poder, a que se submeterá com a Carta Constitucional de 1826. Durante este período, as igrejas e os lugares públicos foram muitas vezes usados pelos párocos para difundir as ideias antiliberais. Com a chegada ao poder, em 1828, dos absolutistas liderados por D. Miguel, a perseguição e repressão aos liberais durou até 1832. A Santa Sé, apesar de hesitar inicialmente, reconheceu os bispos que D. Miguel indicou a Roma e o clero regular e a

¹⁵² *Idem, Ibidem*, p. 24

¹⁵³ *Idem, Ibidem*, p. 428

¹⁵⁴ NETO, Vitor, “O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)”, *Coleção Análise Social*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, p. 32

¹⁵⁵ FERREIRA, António Matos, “Liberalismo” in *Dicionário de História Religiosa*, vol. II, Dir. Carlos Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000, p. 430

maioria dos sacerdotes envolveu-se social e politicamente na defesa da manutenção do regime absolutista.¹⁵⁶

O liberalismo afirmou-se através dos movimentos revolucionários entre os séculos XVIII e XIX, e pretendeu envolver política, social e economicamente uma sociedade que privilegiava a cidadania, a iniciativa privada e a liberdade individual. Durante a guerra civil (1832-34), tomaram-se iniciativas legislativas destinadas a adequar a Igreja portuguesa ao poder liberal.¹⁵⁷ Ainda instalado nos Açores, onde organiza a ofensiva em 1832, o Governo liberal decreta, para aplicação no território por si dominado, a extinção das ordens religiosas, a abolição do dízimo, a integração dos bens da igreja na Fazenda Pública, a reestruturação das paróquias e o afastamento dos eclesiásticos considerados colaboracionistas do absolutismo.¹⁵⁸

Estas reformas iniciadas por Mouzinho da Silveira continuaram com Silva Carvalho, que através do Decreto de 31 de julho de 1833, criou a Comissão de Reforma Geral Eclesiástica. Esta comissão determinou que todos os eclesiásticos, regulares ou seculares, que seguissem o partido absolutista seriam considerados rebeldes e traidores, dado que com a nova ordem constitucional os religiosos respondiam perante a lei como qualquer cidadão. A Silva Carvalho que teve um papel importante no desmantelamento da organização eclesiástica do Antigo Regime, sucedeu-lhe Joaquim António de Aguiar que, com o Decreto de 30 de maio de 1834, deu o golpe final na velha estrutura eclesiástica portuguesa. Assim, decretava-se no artigo 1º *“Ficam desde já extintos em Portugal, Algarve, Ilhas adjacentes, e Domínios portugueses todos os Conventos, Mosteiros, Hospícios e quaisquer Casas de Religiosos de Ordens Regulares, seja qual for a sua denominação, instituto, ou regra.”*¹⁵⁹ Este decreto vinha acompanhado de um relatório preliminar onde Joaquim António de Aguiar tentava explicar os malefícios das ordens para a religião ao longo dos tempos. O documento, apesar de reconhecer que as ordens religiosas *“ (...) tem tido, e tem hoje homens de solida virtude, de distincto saber, e de extremado patriotismo (...)*, acusava os religiosos de desobediência aos bispos, de

¹⁵⁶ NETO, Vitor “O Estado e a Igreja”, p. 266

¹⁵⁷ NETO, Vitor, “O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)”, p. 46

¹⁵⁸ FERREIRA, “Desarticulação do Antigo Regime e Guerra Civil”, p. 30

¹⁵⁹ NETO, Vitor, *Ibidem*, pp. 49-50

viverem no luxo e opulência, de serem prejudiciais às populações por não contribuírem para o seu crescimento por serem celibatários, e por possuírem a maioria das propriedades, não as cedendo a quem as quer trabalhar. O Ministro acusa ainda os frades de “*ingerência nos negócios civis*” e de ser terem “*urdido no claustro insidiosas tramas contra o Throno Legítimo*”, transformando as casas religiosas em “*assembleias revolucionárias; os púlpitos em tribunaes de calumnias facciosas, e sanguinolentas; e o confessionário em oráculos de fanatismo, e de traição.*”¹⁶⁰

Como consequência imediata da extinção das ordens religiosas, 356 conventos masculinos e 12 femininos foram encerrados ainda em 1834, com um rendimento anual de cerca de 15.000 contos de réis. Era necessário dar um rumo a este universo, composto por 5061 religiosos professos, 591 irmãos leigos e 637 criados.¹⁶¹ Perante este grande número de pessoas, fez-se a distinção entre apoiantes e colaboradores do regime miguelista e os que não o fizeram, podendo estes ser considerados assimiláveis ou passíveis de reconversão ao novo regime. Os primeiros foram excluídos de qualquer benefício ou subsídio por parte do Estado e considerados indignos de exercer serviço público religioso ou civil; os segundos deveriam servir como coadjutores ou auxiliares das paróquias e enquanto não obtivessem rendimento, receberiam um subsídio mensal que ia de 18\$000 a 7\$200¹⁶² (de acordo com o estatuto, a idade e o estado de saúde do egresso). Até 1837, de um total de 3000 candidatos, só 2360 tiveram direito ao subsídio, que consumia à Fazenda Pública 281 contos de réis por ano, o que dava uma média de 10\$000 por mês, quantia suficiente para a sobrevivência digna do egresso. Mas o que realmente aconteceu, resultante da incúria dos governos, foram constantes atrasos nos pagamentos, emperramento burocrático, animosidade política e desprezo social a uma

¹⁶⁰ RAMOS, Luís A. de Oliveira, “A Extinção das Ordens Religiosas – Consequências Culturais”, Palestra realizada em 17 de junho de 1992, por ocasião da Exposição “O Convento de Santo António da Cidade”, integrada nas comemorações do 150º aniversário da instalação definitiva e da abertura oficial da B.P.M.P., pp. 20-24

¹⁶¹ NETO, Vitor, “O Estado e a Igreja”, p. 341

¹⁶² Ao clero secular foram atribuídas cóngruas e subsídios que variavam entre 100\$000 e 16\$000 réis mensais, de acordo com a categoria do clérigo, as suas funções e a área geográfica em que residia. NETO, Vitor, *Ibidem*, p. 341

classe de homens que viriam a morrer de fome, de doença e de falta de abrigo.¹⁶³

O processo de encerramento dos conventos femininos não se verificou ao mesmo tempo nem com a rapidez com que se verificou o processo das casas masculinas. Em 1834, só foram encerrados 12 conventos, conforme uma disposição governamental de 9 de agosto de 1833 que tinha proibido as admissões à profissão de freira e previra a supressão das casas com menos de 12 religiosas. Em 1857, quando foi realizada a inventariação dos conventos femininos, estes totalizavam 112 e cerca de 80 tinham menos de 12 freiras. Foi proposto à Câmara de Deputados a união destes conventos de forma a poderem subsistir, possibilitando a admissão ao noviciado e profissão de religiosa àquelas que se dedicassem à educação de meninas. Esta proposta não avançou, mas da discussão parlamentar surgiu a Lei de 4 de abril de 1861, que determinava a desamortização dos bens prediais das instituições religiosas femininas e das igrejas, mas não extinguiu as ordens, podendo as freiras continuar a viver nos conventos que só encerrariam com a morte da última religiosa.¹⁶⁴

Os conventos femininos foram encerrando aos poucos de um forma precária, com poucos recursos económicos, esquecidas, votadas ao abandono. Alexandre Herculano, escreveu o seguinte em carta de 1853: *“Meu amigo. Escrevo-lhe do fundo do estreito vale do Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de D. Sancho I (...) Morrem aqui lentamente umas poucas mulheres, fechadas numa tumba de pedra e ferro (...) Gemidos, brados, prantos, nada disso chega aos ouvidos dos homens que exercem o poder nesta terra; nada disso os incomoda. Entretanto, se eu falasse com eles, dar-lhes-ia um conselho (...) Era o de enviarem aqui sessenta soldados, formarem as monjas de Lorvão em linha no adro da igreja e mandarem-lhes dar três descargas cerradas (...) Corria o sangue durante alguns minutos: não corria o suor da agonia durante anos”*¹⁶⁵

Em relação ao convento das dominicanas de Gaia, Tomás Lino d’Assumpção,

¹⁶³ SILVA, António Martins, “Extinção das Ordens Religiosas” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir. Carlos Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000, p. 234

¹⁶⁴ MARTINS, António, *Ibidem*, p. 235

¹⁶⁵ HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos*, tomo I, 1897, pp. 196 e segs., cit. por Neto, Vitor, “O Estado e a Igreja”, p. 343

encarregado de elaborar o inventário dos livros em 1894, afirma na sua obra *As Últimas Freiras*, que em relação aos conventos por onde tem passado tem encontrado a pobreza em muitos mas, “*o que nunca encontrei foi a imundice, com todos os symptomas de tradicional, como a que existia no mosteiro das donnas de Corpus Christi, de Villa Nova de Gaya.*” Diz ainda que “*o pavimento térreo forrado a lajedo negro e pegajoso, com a água escorrendo pelas paredes, parece destinado a ser verdadeiro sepulchro de vivos, ante-camara angustiosa do cemitério.*”

Estes dois testemunhos dão-nos a ideia como as religiosas passaram os seus últimos anos até à sua morte, encerrando também os espaços onde habitaram desde muito jovens.

O processo de desamortização¹⁶⁶ não correspondeu às expetativas geradas e teve consequências consideráveis no que respeita ao modo como se tratou o património edificado.

Em relação aos bens móveis os cuidados e interesses foram claramente de teor distinto. Logo após a extinção dos conventos, foram realizados inventários por vários peritos que procederam à classificação dos bens dessas casas. Nas *Instruções* para cumprimento do Decreto de 30 de maio de 1834, publicadas na *Chronica Constitucional De Lisboa*, Nº 132 (6 junho de 1834, p. 554) existiam várias categorias: bens móveis comuns e semoventes, livrarias e obras de arte, utensílios e espaços de culto, objetos preciosos de prata e ouro e bens imóveis.

A primeira categoria era constituída pelos objetos domésticos, alfaías agrícolas, produtos agrícolas, gado, géneros alimentícios existentes e outros semelhantes que foram logo vendidos em hasta pública. Ainda nesta categoria surgem o dinheiro existente, os títulos de juros, rendas vencidas e recebidas e outras espécies de rendimentos, que reverteram a favor do Tesouro Público.¹⁶⁷ Na categoria seguinte incluíam-se as livrarias e as obras de arte, que era constituída por livros e manuscritos, pinturas e outras preciosidades. Na categoria dos utensílios e espaços de culto estavam incluídos os paramentos e ornatos dos templos, imagens e cruzes, vasos sagrados e outros objetos, igrejas e capelas, etc. Na

¹⁶⁶ Sobre estes aspetos ver SILVEIRA, Luís Espinha da, “Desamortização: Século XIX”, e NETO, Vitor, “O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)

¹⁶⁷ NETO, Vitor, *Ibidem*, 345

categoria dos objetos preciosos de ouro e prata estão incluídos os objetos de culto preciosos, peças de ouro e prata e quaisquer joias, que foram entregues na Casa da Moeda e nos museus.¹⁶⁸

Esta inventariação e catalogação não evitou os descuidos, desvios e roubos, chegando-se mesmo ao ponto de premiar quem devolvesse o que pertencia ao Estado e fora desviado. No jornal *O Nacional*, em 12 de maio de 1835, escrevia-se assim: “*todos sabem de que maneira escandalosa tem levado sumisso muitas preciosidades encontradas nos conventos das extintas ordens regulares; livros riquíssimos têm desaparecido, e alguém diz que já tem visto alguns na feira da ladra; obras de prata de valor considerável em mão de obra, insignificantes pela quantidade do metal, nos consta que se tem desmanchado para fazer dinheiro.*”¹⁶⁹

No processo de extinção do Convento de Corpus Christi espelharam-se as dinâmicas nacionais. Quando a 5 de janeiro de 1894, morre D. Marcelina Cândida Viana, a última Dona de S. Domingos de Vila Nova de Gaia, é notificada a Fazenda pública para realizar os inventários dos bens do extinto Mosteiro.

Ao extinguir as Ordens Religiosas, o Estado ao apropriar-se dos seus bens, deu-lhe o destino de acordo com a respetiva categoria: os livros foram entregues ao Inspetor Geral Interino das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, depois Biblioteca Nacional; as obras de arte ao Museu da Academia de Belas Artes de Lisboa, posteriormente integrado no Museu Nacional de Arte Antiga. Os objetos de ouro e prata foram entregues à Casa da Moeda e aos museus. Os bens imóveis, prédios rústicos e urbanos, que constituíam a maior parte da riqueza das instituições, foram expropriados e vendidos em hasta pública. Os espaços e utensílios de culto foram distribuídos às autoridades eclesiásticas, quando indispensáveis para o serviço religioso¹⁷⁰.

¹⁶⁸ Só depois das alterações políticas de setembro de 1836 é que se tomaram medidas para salvaguardar este património, já depois de terem desaparecido muitas das preciosidades. A Portaria de 9 de novembro do mesmo ano, reafirma o propósito de dotar todos os estabelecimentos literários e científicos com uma livraria apropriada aos respetivos estudos., RAMOS, Luís, *ob. cit.*, p. 13

¹⁶⁹ Citado por RAMOS, Luís, *Ibidem.*, p. 14-15

¹⁷⁰ SILVA, António Martins, “Extinção da Ordens Religiosas” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 233

No caso do Corpus Christi, apesar de a documentação não ser abundante, temos notícia de imaginária, altares, retábulos e alfaías religiosas terem sido entregues ao Seminário Diocesano.¹⁷¹ O facto da igreja e da manutenção do culto terem ficado a cargo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos de Gusmão poderá ter tido muita importância no destino que os seus bens culturais tiveram. A Irmandade era composta por personalidades católicas de grande prestígio local e nacional como o Conselheiro Artur de Campos Henrique, futuro Ministro e Presidente do Conselho, os Marqueses de Monfalim, os Condes de Campo Belo, Condes de Samodães e Condes das Devesas; o bispo Sebastião Leite de Vasconcelos, o prior de Santa Marinha, Iria Carvalhal, o cônego da Sé do Porto, António Roberto Jorge; os médicos, Artur Ferreira Macedo e António Augusto Almeida; os engenheiros, Alberto e Álvaro Torcato Ribeiro, o pintor Alberto Ayres Gouveia; os comerciantes, Diogo Leite, José Maria de Abreu e Lima, Miguel de Sousa Guedes, entre outros. Uma parte destas pessoas preocupou-se com a possibilidade de a estes bens vir a ser dado um uso que não o sagrado. Quanto à livraria do extinto convento ficou à guarda do Inspetor Geral Interino das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Tomás Lino de Assunção¹⁷², e foi integrada no Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos da Biblioteca Nacional (DLEC). O facto de o Inspetor-geral ter sido mesmo tentado a escrever uma monografia sobre o universo dos mosteiros femininos traduz a centralidade destas temáticas para os potenciais leitores a quem se dirigia este autor.

¹⁷¹ GUIMARÃES, J. A. Gonçalves, “O Mosteiro de S. Domingos de Donas de Vila Nova de Gaia ou Convento de Corpus Christi: breve resenha histórica”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 75, 12º vol., Vila Nova de Gaia, dezembro de 2012, p. 16

¹⁷² Tomás Lino de Assunção escreveu a obra *As Últimas Freiras* onde aborda o momento em que esteve no Convento Corpus Christi em 1894 a consultar a documentação, e publica alguma correspondência entre as religiosas e os militares durante o Cerco do Porto, quando as freiras são obrigadas a abandonar o mosteiro e refugiar-se em Vairão. Revela também correspondência confidencial e reservada entre as prioras e o bispo e familiares das freiras.

Capítulo 4. – Resultados

Cruzados os elementos recolhidos da documentação compulsada que descreviam as existências no século XIX com a informação detetada nos diversos arquivos das entidades identificadas foi possível chegar a alguns resultados que agora se apresentam:

No texto indicamos sempre, de modo a ser possível confirmar nos Anexos, entre parêntesis retos, os nºs de ordem no inventário de 1894, em primeiro lugar; em segundo o nº no inventário de 1858 e finalmente em terceiro o nº no termo adicional. [nº ordem 1894; nº ordem 1858; nº ordem termo adicional].

4.1. Imaginária

Atualmente, a disposição das imagens na Igreja e coros do Convento Corpus Christi é muito diferente da altura em que foi extinto. Os diferentes ocupantes, em função dos seus intentos e sensibilidades, mas também em função das disponibilidades económicas introduziram mudanças de lugar para os objetos e estiveram na origem de alguns “restauros” consoante as instituições responsáveis.

Depois das obras em 2009, as imagens foram restauradas por técnicos credenciados e algumas tomaram nova disposição. No altar-mor, figura ao centro, um **Crucifixo** [29;13;1-] (Fig. 5) e as imagens de **São Francisco de Assis** [17;1;-] (Fig. 6) e o padroeiro da Ordem Dominicana, **São Domingos** [18;2;-]. (Fig. 7)



Fig. 6 – S. Francisco



Fig. 7 – Crucifixo



Fig. 8 – S. Domingos

Na Igreja, no altar da **Nossa Senhora do Rosário** [41;25;-], (Fig. 8) a sua imagem sobressai com o seu hábito de dominicana (Fig. 8), é ladeada por **São Joaquim** [24;8;-] (Fig. 9) e **Santa Ana** [23;7;-]. (Fig. 10)



Fig. 9 – *N. Sra. Rosário*



Fig. 10 – *S. Joaquim*



Fig. 11 – *Santa Ana*

No outro altar do lado do Evangelho, podemos observar a imagem de **Cristo Preso à Coluna** [20;4;-] (Fig. 11) a seu lado a **Nossa Senhora da Conceição** [71;-;31] (Fig. 12) e **São José com o Menino** [97;-;57]. (Fig. 13)

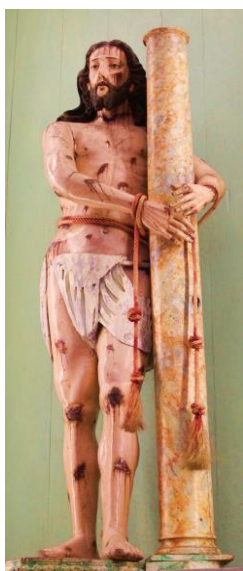


Fig. 12 – *Cristo preso à coluna*



Fig. 13 – *N. Sra. da Conceição*



Fig. 14 – *S. José*

Do lado oposto, figura **São Tiago, Peregrino** [64;-;24] (Fig. 14) num altar em honra de Álvaro Anes de Cernache¹⁷³. No altar seguinte, **Santa Catarina de Sena** [32;16;-], (Fig. 15) ladeada pelo papa dominicano **São Pio V** [-;-;-] (Fig. 16) e **São Francisco de Borja** [118;-;78]. (Fig. 17)

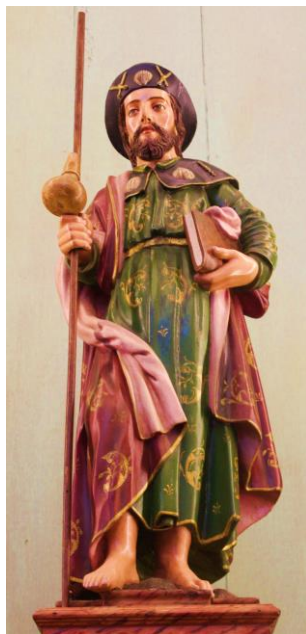


Fig. 15– *S. Tiago, Peregrino*



Fig. 16 – *Sta. Catarina de Sena*



Fig. 17 – *S. Pio V*



Fig. 18 – *S. Francisco de Borja*

¹⁷³ Alferes Porta-Bandeira da Ala dos Namorados na Batalha de Aljubarrota, 1º Senhor de Gaia-a-Grande, futuros Campo Bello, que jaz sepultado no túmulo sob a porta que dá acesso aos coros.

A imaginária no coro baixo é representada por um **Cristo Crucificado** [56;-;16] (Fig. 18) do século XIV. Esta imagem está associada à proteção contra a peste, que assolou a região de Gaia três anos depois da sua fundação. Fruto da devoção das Donas do Corpus Christi, este Cristo, sofredor, doloroso, segundo as revelações medievas de Santa Brígida, ficou conhecido como o “*Santo Cristo*” que “*falou à freira*” quando a maior parte da comunidade fugiu do convento com medo da peste. “*Porque fogem? Não sabem que estou em toda a parte?*”¹⁷⁴



Fig. 19 – Cristo Crucificado

No coro alto, nos nichos junto às grades, estão as imagens de **São Domingos** [95;-;55] (Fig. 19) e **Nossa Senhora da Conceição** [72;-;32] (Fig. 20) As imagens do antecoro são o **Cristo Crucificado** [88;-;48] (Fig. 21) e a **Santa Maria Madalena** [157;-;117]. Todas estas imagens são identificáveis no inventário de 1894.

¹⁷⁴ SOALHEIRO, João, *Árvore da Vida in O Mártir, Corpo Ferido na Árvore*, Catálogo da Exposição Comemorativa dos 500 anos da Festa da Fogaceiras em honra de São Sebastião, Coord. Carlos A. Moreira Azevedo, Santa Maria da Feira, Igreja da Misericórdia, 19 de Janeiro a 13 de Março de 2005, p. 59.



Fig. 20 – S. Domingos **Fig. 21 – N. Sra. Conceição** **Fig. 22 – Cristo Crucificado**

Na Reserva museológica do Espaço Corpus Christi, estão depositadas algumas imagens por identificar e outras em mau estado. Tentamos através dos inventários estabelecer alguma ligação entre a descrição da imagem, que é muito simples e sucinta e o que observamos. Uma imagem identificada por Nossa Senhora e o Menino Jesus, apresenta o menino sobre o seu braço esquerdo e a mão direita com o polegar e o indicador juntos como a pegar em algo. Posição característica da **Nossa Senhora do Rosário**, que de um lado pega no Menino Jesus e com a outra mão segura no rosário. Outra das características peculiares desta imagem é o facto de apresentar apliques para usar brincos. Ora, nos inventários vêm descritos dois altares dedicados à Senhora do Rosário, um onde figura uma imagem com toucado de freira dominicana, que se encontra atualmente na igreja, e outra que usava brincos [25;9;-], que com toda a certeza é a que se encontra atualmente na Reserva. (Fig. 22)

Outra imagem das Reservas que pode ser identificada apesar de não ter panejamentos é uma **Nossa Senhora da Soledade** [44;28;-], de rosto triste e com lágrimas. (Fig. 23) É uma imagem de roca. Constan duas imagens da santa no inventário de 1894 e não foi pois possível fazer a identificação completa.



Fig. 23 – *N. Sra. do Rosário*



Fig. 24 – *N. Sra. da Soledade*

Das Reservas ainda consta uma figura do **Anjo São Rafael**. (Fig. 24) No inventário está declarado uma figura descrita como Anjo São Rafael [160;-;120]. É pois muito provável que se trate do mesmo. Das Reservas consta ainda a alusão a um **Senhor dos Passos**, que teria regressado ao mosteiro vindo da Igreja de Coimbrões. É possível que se tratasse do Senhor dos Passos do inventário de 1894 e das notas da obra de Rodrigues e Vila¹⁷⁵ abaixo indicadas. Nas Reservas estão depositadas mais cinco imagens: **Santa Rita de Cássia**, **Santa Goretti** e mais três imagens. Uma delas é de roca, consta como *Não Identificada*, sem qualquer atributo; outra que no inventário de 1996 também é referida como *Não Identificada*, na dissertação de Luísa Rodrigues, (pág. 150), é apresentada como **São João Evangelista** [46;30;-]. (Fig. 25); Existe também uma imagem de **Santa Maria Madalena** [45;29;-]. (Fig. 26) Serão as imagens do inventário de 1894.

¹⁷⁵RODRIGUES, Narciso A., VILA, Romero Coimbrões e a sua Igreja, Vila Nova de Gaia, 1977, p. 21



Fig. 25 – S. Rafael Fig. 26 – S. João Evangelista Fig. 27 – Sta. Maria Madalena

Na Igreja de Santa Bárbara, paróquia de Coimbrões, Vila Nova de Gaia, encontram-se quatro imagens que eram pertença do extinto Convento Corpus Christi. Na edição das Memórias Paroquiais de 1758 de Gaia, Francisco Barbosa da Costa, faz referência a duas imagens de **São Gonçalo de Amarante** [57;-;17], na Igreja de Coimbrões, sendo uma proveniente do convento Corpus Christi.¹⁷⁶ Outra publicação refere a existência de imagens do convento na mesma igreja. É uma publicação de Narciso Rodrigues e Romero Vila de 1977, que também afirma que do mosteiro dominicano de Corpus Christi saíram um conjunto de imagens composto por **São José** [121;-;81], **São Joaquim** [-;-;-] e **São João Baptista** [124;-;84], datados dos fins do século XVII e princípios do século XVIII. Mais refere que um **Senhor dos Passos** [40;-;24] chegou a sair do mesmo convento para Coimbrões mas foi devolvido à procedência. Estes autores ainda referem o que “*As autoridades conscientes do valor histórico das imagens e, certamente desejosas de ajudar os novos centros de culto que iam surgindo, distribuíram as imagens pelas capelas mais próximas.*”¹⁷⁷ No entanto, neste momento, só podemos comprovar a existência de três imagens, a de **São João Batista** (fig. 27) que se encontra na igreja, a de **São José** (Fig.

¹⁷⁶ COSTA, Francisco Barbosa da *Memórias Paroquiais, 1758*, Gaia, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1983; p. 157, nota 19.

¹⁷⁷ RODRIGUES, Narciso A., VILA, Romero, *Ibidem*

28) e de **São Gonçalo de Amarante** (Fig. 29), que se encontram numa dependência da Igreja de Coimbrões.



Fig. 28 – S. João Baptista

Fig. 29 – S. José

Fig. 30 – S. Gonçalo de Amarante

Nos Catálogos das exposições de arte religiosa realizadas em Vila Nova de Gaia, organizadas pela Associação Cultural Amigos de Gaia, encontramos referências importantes de algumas obras de arte que pertenceram, ou os especialistas julgam que pertenceram, ao convento dominicano de Corpus Christi. Na I Exposição, realizada entre fevereiro e março 1978, estava exposta uma pequena urna com **“uma belíssima imagem do Menino Jesus adormecido”**. (Fig. 30) Nos inventários só há uma única alusão a um Menino sozinho [169;-;129). Não podemos ter certezas quanto à identificação. Na descrição, mais se acrescenta *“que se julga pertença de algum convento de Ordem Religiosa do sexo feminino”*.¹⁷⁸

Estava também exposto um santuário estilo barroco com a imagem do **Menino Jesus ladeado por dois Anjos** (Fig. 31) que, segundo o catálogo, é oriundo dos *“conventos femininos dos séc. XVII e XVIII.”*¹⁷⁹ Não foi possível fazer a identificação.

¹⁷⁸ *I Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia*, (catálogo), Galerias Diogo de Macedo, Associação Cultural Amigos de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Casa-Museu Teixeira Lopes, fevereiro-março de 1978, nº 16

¹⁷⁹ *Idem*, nº 74



Fig. 31 - *Menino Jesus Adormecido* **Fig. 32** - *Menino Jesus ladeado por dois Anjos*

Ainda é referido que a imagem da **Nossa Senhora do Alívio** (Fig. 32) foi oferecida à paróquia do Candal quando esta recebeu a Cruz Devoção.¹⁸⁰ Apesar das indicações deixarem pistas sobre a ligação a Corpus Christi não foi possível proceder à identificação.



Fig. 33 – *N. Sra. do Alívio*

Na segunda edição do evento, em novembro de 1980, esteve exposto uma imagem de **São Jerónimo** [99;-;59], proveniente de Corpus Christi. Fica a descrição do catálogo “Nº 46: do século XVIII, madeira, (altura 0,49 m, largura 0,25 m) pintura: simples na sua expressão com singelos traços a ouro nas orlas da capa. Carnação primitiva e bastante patinada pelo abandono e tempo.” Não sabemos onde se encontra atualmente.

Na mesma exposição esteve presente uma imagem de **Santa Catarina** [33;17;-], (Fig.

¹⁸⁰ *Idem*, nº 63

33) proveniente da Igreja Paroquial de Valadares. Os autores do catálogo têm algumas dúvidas quanto à antiguidade da imagem, se é do século XVII ou mais antiga, e da sua proveniência, afirmam que deve ser oferta das freiras dominicanas à Igreja de Valadares por esta ser curato do Corpus Christi¹⁸¹.



Fig. 34 – Santa Catarina

Visitamos a capela do Seminário de Cucujães, acompanhados pelo Reitor, Padre Artur Bastos e constatamos que o altar-mor é de talha dourada. Ao centro a imagem do **Sagrado Coração de Jesus**, (Fig. 35) ladeado por *São Francisco* e *São Nuno de Santa Maria*. No mosteiro de Corpus Christi existem indicações sobre a existência de uma confraria do Sagrado Coração de Jesus à qual esta imagem do Sagrado Coração possa ter pertencido e ter estado incluída nas ofertas a Cucujães em 1922. Ainda no altar, os **4 Castiçais** são também de talha dourada. Serão 4 dos 6 *castiçais em talha dourada* identificados no inventário de 1894? [651;-;353], assim como o **Sacrário** que ostenta uma **Cruz com Cristo Crucificado**. (Fig. 36) Esta cruz poderá corresponder eventualmente à cruz que é descrita “na banquetta” em conjunto com os castiçais. Na capela-mor existe uma **Cruz de prata** com um **Cristo Crucificado** em cima de um **Credência de talha dourada e branca** [52;-;12]. (Fig. 37) Na da mesa do altar está uma **Estante de metal amarelo**.

¹⁸¹ *II Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia*, (catálogo), Gaia, Galerias Diogo de Macedo, Associação Cultural Amigos de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Casa-Museu Teixeira Lopes, novembro de 1980, nºs, 50, 51

Existem mais duas imagens na capela: uma de *Santa Filomena* [não identificável] e outra de *Santa Teresa de Jesus* [185;-;145], ambas de madeira e 14 de quadros de caixilho de madeira da **Via Sacra** com legendas em língua espanhola.



Fig. 35 – Coração de Jesus



Fig. 36 – Sacrário



Fig. 37 – Credência e Cruz de prata

Na *Igreja Matriz de Cucujães*, que também visitamos, tem no batistério *um altar de talha dourada*, muito semelhante ao que está na capela do seminário.

A falta de dados que nos permita documentar a proveniência destes objetos é uma lacuna da nossa investigação, apesar de tudo apontar no sentido de este património ter pertencido ao convento de Corpus Christi. A acrescentar a isto, as memórias do Reitor Artur Bastos, que desde novo ouve falar que “*muitas destas coisas vieram do Porto*” (ou Gaia?).

4.2. Pintura

No mosteiro estão hoje restauradas as pinturas do teto do coro alto em caixotão. (Fig. 38) Não foram objeto dos inventários do século XIX, certamente por serem consideradas parte integrante do coro. Depois do trabalho de restauro tornaram-se num dos grupos patrimoniais para o qual se chama a particular atenção dos visitantes. No programa da pintura destes caixotões em que se descrevem os mistérios do Rosário, articula-se claramente não só com a adoração do Santíssimo do altar-mor, mas traduz a carga histórica deste convento na sua ligação à devoção dominicana centrada no Corpo de Cristo e na da Maria, conforme explicitado no capítulo 2.



Fig. 38 – Pinturas dos caixotões do teto do coro alto

Em relação à pintura do espaldar do cadeiral, e que se encontram também restaurados, o inventário descreve o conjunto como **“14 pinturas em tella, com molduras em talha dourada”** [42;26;-]. Dos mais de trinta quadros constantes dos inventários do século XIX, foi possível localizar os conjuntos indicados, a peça do camarim do trono eucarístico com a **Adoração do Santíssimo** [19;3;-] (Fig. 39) e o retábulo no coro baixo representando **S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Cosme e S. Damião** [225;-;185]. No ante coro temos a representação do **Descimento da Cruz**. [223;-;183]; uma tela representando o **Senhor da Cana Verde** (Ecce Homo) [173;-;133], com uma moldura em talha dourada. (Fig. 40)



Fig. 39 – Adoração do Santíssimo



Fig. 40 – Senhor da Cana Verde (Ecce Homo)

4.3. Altares

Em relação aos altares inventariados em 1858 e 1894 temos algumas pistas sobre o seu paradeiro. Na igreja Paroquial de Cucujães, no batistério, encontra-se um altar de talha dourada que poderá corresponder ao descrito no inventário de 1894 como existente altar do coro alto [94;-;54]. Talvez seja possível identificar o altar da capela do Seminário de Cucujães como o altar de talha dourada também do coro alto de Corpus Christi [106;-;66] Infelizmente não foi possível, apesar da tentativa de recuperação da informação no arquivo de Cucujães, encontrar a documentação que esclarecesse totalmente sobre a proveniência das peças.

Identificado também foi o altar oferecido ao bispo para o Seminário Maior pela madre abadessa, já depois do arrolamento das peças de 1858, a que acima se fez menção.

4.4. Alfaias

Das alfaias não foi possível fazer a identificação com grau de certeza apurado dos muitos elementos arrolados.

Do mobiliário, de alfaias sacras e alfaias profanas escolheu o Museu da Academia, conforme atrás descrito, as seguintes peças, que se encontram hoje em exposição no MNAA assim como nas reservas, como uma que se encontra em depósito no Tribunal Constitucional.

Quadro 1 - Relação de objetos do espólio do Mosteiro entregues à Academia Real de Belas Artes de Lisboa¹⁸²

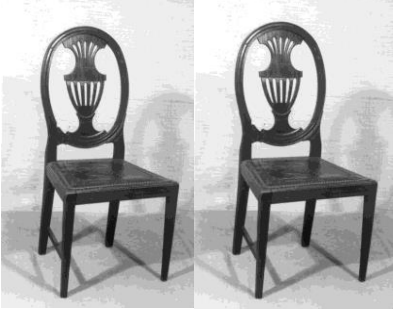


1894	1858	Termo Adicional	MNAA	Descrição dos Bens
447	331		407-MOV	<i>Uma estante coral, de pau preto</i> , com pé torneado e guarnições de metal amarello.
730		432	399/400-MOV	<i>Dois mochos de pau preto</i> com assentos de couro lavrado


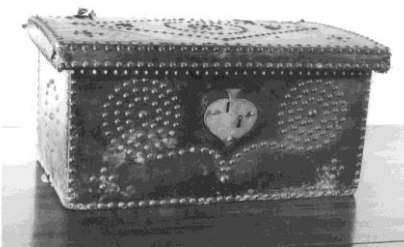


¹⁸² IAN/TT – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Convento Corpus Christi, Cx. 2018, referido em RODRIGUES, Luísa, *ob. cit.*, p. 118


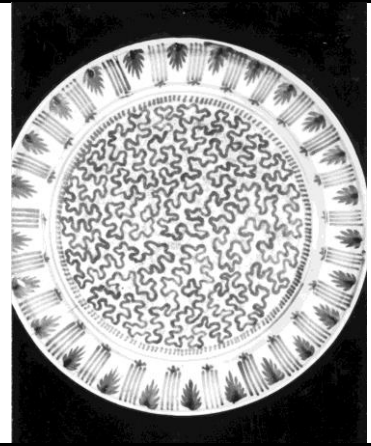

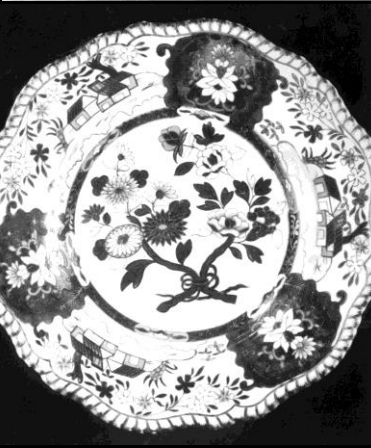
734		436	404/405-MOV	<i>Duas ditas de pau preto</i> com costas abertas em forma de urna
735		437	406-MOV	<i>Uma cadeira de pau preto</i> com costas abertas em forma de lyra
782		484		<i>Uma talha de louça da índia</i> , sem tampa
783		485	777 e 778 CER	<i>Um par de jarras de louça do Japão</i> em forma de canudo
784		486	775 e 776 CER	<i>Um par de jarras pequenas de louça do Japão</i> em forma de canudo
785		487	781/782-CER?	<i>Um par de pequenas jarras de louça da índia</i>
786		488	769/770/771- CER	<i>Tres jarras de louça</i> - marca Rocha Soares
787		489	774- CER	<i>Uma pequena jarra de louça da India</i>
788		490	767/768-CER	<i>Um par de jarras de faiança</i>
789		491	132/133-VID	<i>Um par de jarras de vidro azul</i> , com esmaltes brancos em relevo
790		492	784-CER	<i>Um assucareiro</i> sem tampa de louça de Cantão
791		493	779/780-CER?	<i>Um par de jarras de louça</i> - marca Rocha Soares
		520	772-CER	<i>Um jarro de louça antiga</i> (gomil)
819		521	766-CER	<i>Um prato redondo</i> de louça da fabrica Rato
820		522	773-CER	<i>Um prato de louça antiga</i>
821		523	785-CER	<i>Um pires de porcellana</i> , marca Spode
822		524	401-MOV	<i>Uma cadeira antiga</i> , de espaldar



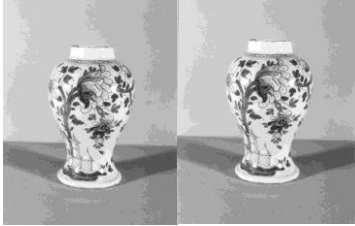

826		528	403-MOV?	<i>Uma caixa forrada de couro e</i> taxeada
831		533	403-MOV?	<i>Uma caixa de couro</i> taxeada




Quadro 2 - Espólio do Convento Corpus Christi no Museu Nacional de Arte Antiga

Mobiliário			
	Cadeiras (Par) (Figs. 41, 42)	404/405 Mov Século XVIII Madeira de pau-preto S/dimensões Observações/Localização: 404 Mov – Bom estado, encontra-se nas reservas 405 Mov – Dada como inutilizada em 1974	
		Cadeira (Fig. 43)	406 Mov Século XVIII Madeira de pau-preto S/dimensões Observações/Localização: Em depósito no Tribunal Constitucional
	Cadeira (Fig. 44)	401 Mov Portugal, 1640-1660 Madeira e couro S/dimensões Observações/Localização: Só existe a testeira, segundo registo de 1974	

	Tamboretes (2) ou Mochos (Figs. 45, 46)	399/400 Mov 1740-1760 Madeira 46 x 46,5 x 45,5 cm Observações/Localização: 399 Mov - Encontra-se EXPOSTO 400 Mov - Encontra-se nas reservas
	Arqueta (Fig. 47)	403 Mov Séculos XVII-XVIII Madeira de pinho, couro, ferro, estanho, latão, vestígios de têxtil 26 x 52 x 30,5 cm Observações/Localização: Encontra-se nas reservas
	Tamborete (Fig. 48)	402 Mov Século XVIII Madeira de pau-santo e couro 46,5 x 46,5 x 46,5 cm Observações/Localização: Encontra-se nas reservas; sem cochim segundo registo de 1974 Nota: Peça não incluída na lista enviada pelo Espaço Corpus Christi
	Estante de Coro (Fig. 49)	407 Mov Século XVII Portugal Madeira de pau-santo e latão dourado 192 x 79 x 65 cm Observações/Localização: Encontra-se nas reservas; A necessitar de várias intervenções Nota: Peça não incluída na lista enviada pelo Espaço Corpus Christi
Cerâmica		
	Gomil (Fig. 50)	772 Cer Século XVIII Portugal, Vila Nova de Gaia, Fábrica de St. António do Vale da Piedade Faiança 23 x 24,2 x Ø13 cm

		<p>Observações/Localização: Encontra-se EXPOSTO</p>
	<p>Prato (Fig. 51)</p>	<p>773 Cer Século XIX Portugal, Fábrica de Miragaia Faiança 4 x Ø 32,6 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontra-se nas reservas</p>
	<p>Prato (Fig. 52)</p>	<p>766 Cer Séculos XVIII-XIX Portugal, Fábrica Rocha Soares Faiança Ø 35 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontra-se nas reservas</p>
	<p>Prato (Fig. 53)</p>	<p>785 Cer Spode, Stok-on-Trent, Inglaterra Porcelana policromada e dourada 2,9 x Ø 25 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontra-se nas reservas</p>
<p>S/Foto</p>	<p>Jarras (Par)</p>	<p>781 Cer/782</p>

		<p>Produção e datação por identificar</p> <p>Observações/Localização: No inventário antigo vem registado que não apareceram</p>
S/Foto	Jarra	<p>783 Cer Produção e datação por identificar</p> <p>Observações/Localização: No inventário antigo vem registado que não apareceu</p>
	Jarras (Par) (Figs. 54, 55)	<p>777/ 778 Cer Século XIX Companhia das Índias Porcelana policromada e dourada 26,8 x Ø12,4 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontram-se nas reservas</p>
	Jarras (Par) (Fig. 56, 57)	<p>775/776 Cer Século XVIII Companhia das Índias Porcelana policromada e dourada 15 x Ø 8,1 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontram-se nas reservas</p>
	Jarras (Par) (Figs. (58, 59)	<p>779/780 Cer Século XVIII Portugal, Fábrica da Bica do Sapato (?) Faiança policromada 17x Ø 10,2 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontram-se nas reservas</p>
	Conjunto de 3 Jarras (Figs. 60, 61, 62)	<p>769/770/771 Cer Séculos XVIII-XIX Portugal, Fábrica de Miragaia ou Rossi Faiança policromada 24,7x Ø 13 cm</p> <p>Observações/Localização: Encontram-se nas reservas</p>
S/Foto	Jarra	<p>774 Cer Século XVIII</p>

		Companhia das Índias Porcelana policromada e dourada 10 x Ø 7,5 cm Observações/Localização: Encontra-se nas reservas
	Jarras (Par) (Figs. 63, 64)	767/768 Cer Início do século XIX Portugal, Fábrica de Miragaia ou Rossi Faiança policromada 30,2 x Ø 13,5 cm Observações/Localização: Encontram-se nas reservas
	Açucareiro/Taça (Fig. 65)	784 Cer Finais do século XVII/ inícios do século XVIII Dinastia Qing, período Kangxi Porcelana policromada 10,1 x Ø 12,1 cm Observações/Localização: Encontra-se nas reservas
Vidros		
	Jarras (Par) (Figs. 66, 67)	132/133 Vid Portugal (?), Espanha (?) Primeira metade do século XIX 19,5 x Ø 8,3 cm Observações/Localização: Encontram-se nas reservas

As dúvidas residem no par de jarras descritas no inventário como tendo proveniência na Fábrica Rocha Soares e tendo sido classificadas no MNAA como fabricadas por Fábrica da Bica do Sapato.

A Coleção Marciano Azuaga depositada no Solar Condes de Resende integra os seguintes objetos vindos do Mosteiro de Corpus Christi.

Quadro 3 - Objetos do convento que fazem parte da Coleção Marciano Azuaga

Nº Ordem	Nº Objeto	Objeto	Descrição
329	36	Garrafa de Cristal	<i>«Uma garrafa de crystal. Pertenceu ao convento de Corpus Christi, de Villa Nova de Gaya»</i>
769	55	Caixa para eleição da Priorisa	<i>«Uma caixa que serviu para recolher as listas na ocasião que se fazia a eleição da Priorisa, no convento de Corpus Christi, d'esta villa. Mede 0, <m> 285 de comprido por 0, <m> 180 de largo»</i>
2261	128	Quadro com azulejos	<i>«Um quadro com azulejos amarelllos, azues e vermelhos - Foram do Convento de Corpus Christi»</i>
2262	129	Quadro com azulejos	<i>«Um quadro com azulejos amarelllos, azues e vermelhos - Foram do Convento de Corpus Christi»</i>
2263	130	Quadro com azulejos	<i>«Um quadro com azulejos amarelllos, azues e vermelhos - Foram do Convento de Corpus Christi»</i>
2264	131	Quadro com azulejos	<i>«Um quadro com azulejos amarelllos, azues e vermelhos - Foram do Convento de Corpus Christi»</i>

Deste conjunto de objetos, apenas a caixa para a eleição da priorisa consta do inventário de 1894 [768;-;470], como *Uma pequena urna de pau preto das eleições dos abbadeçados*. Faz parte do rol dos objetos do inventário que constam como vendidos na altura da extinção. A sua aquisição pelo colecionador ocorreu provavelmente no mercado que se formou na altura com objetos de proveniência das instituições religiosas e do qual não há outros testemunhos que não os da declaração de Marciano Azuaga. Este objeto foi

o único que não foi possível localizar, talvez devido ao facto desta coleção, ao longo do século XX, ter mudado de local várias vezes e de algumas das peças se terem deteriorado devido à falta de condições desses mesmos locais.

Os outros objetos, apesar de não constarem dos inventários, parece-nos importante que figurem neste trabalho. Entre estes objetos, realçamos a garrafa de cristal (Fig. 68) de interessante valor decorativo. E os quadros com azulejos (Figs. 69, 70, 71, 72) correspondem certamente a esse afã de preservar revestimentos e ornamentações de tantos edifícios monásticos, classificando os padrões e tentando reconhecer os mesmos¹⁸³.



Fig. 68 – Garrafa de Cristal



Fig. 69 – Azulejos



Fig. 70 – Azulejos



Fig. 71 – Azulejos



Fig. 72 - Azulejos

¹⁸³ PEIXOTO, A. Rocha, VASCONCELOS, Joaquim, *Guia do Museu municipal do Porto*, Porto, Typografia Central, 1902

4.5. Livraria

Em relação aos livros há entre as indicações contantes no inventário de 1894 e a Relação feita por Tomás Lino d'Assumpção pequenas discrepâncias. No inventário de 1894 houve o cuidado por parte do escrivão em anotar os livros que tinham sido entregues ao Inspector Geral interino das Bibliothecas e Archivos. Em cerca de 300 volumes de 180 obras registadas é possível recuperar o perfil das leituras propostas às monjas. Algumas obras talvez chamem a atenção, como o *Mercúrio Britânico* (18 números truncados) ou as obras “completas” do Padre António Pereira de Figueiredo.

No atual espaço ainda foi possível recentemente identificarmos algumas obras como o *Cerimonial Dominicano*, um *Missale Sacris Ordinis Praedicatorum* de Fr. Io. Baptista de Marinis, de 1666 (Fig. 45) e um *Antifonário* não datado. (Fig. 46) De outro tipo são o tomo terceiro do *Agiologio Dominico* do padre Manoel de Lima, a *Historia Ecclesiástica* – Tomo I, *Os Seculos Christãos*, ou *A História do Christianismo* pelo Abade Ducreux, o tomo IX de *Obras Completas* de Filinto Elysio.



Fig. 73 - *Missale Sacris Ordinis Praedicatorum*



Fig. 74 - *Antifonário*

De todo o património móvel identificado nas listas do século XIX, os livros parecem ter sido das categorias que mais resistiram às transformações e mudanças operadas.

Considerações finais

Quando iniciámos esta investigação, sabíamos que as pedras que encontraríamos no caminho seriam muitas. A distância temporal entre a feitura dos inventários da extinção do convento e o seu restauro em equipamento cultural público, intercalado com díspares ocupações, iriam tornar muito difícil a tarefa de localizar o seu património cultural.

O que se tem que ter em conta nesta investigação é o fato de ela decorrer em várias instituições ao mesmo tempo, com inventários diferentes. Se em relação aos bens que foram arrecadados por instituições oficiais como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, existem registos da entrega dos bens, autos de entrega assinados, datados, etc., no caso dos bens de culto, os objetos ficaram à guarda da Diocese do Porto, que os distribuiu pelas paróquias, confrarias e outras instituições religiosas e também por particulares, o que dispersa de uma forma definitiva esse património. Na descrição arquivística do Arquivo Histórico da Diocese do Porto não é possível pesquisar senão ao nível do recenseamento. Como o termo “*Corpus Christi*” não encima nenhum fundo foi impossível encontrar a informação procurada, se bem que estejamos convictos da sua existência.

As paróquias de Vila Nova de Gaia não têm, ou não sabem se têm objetos do convento. As dezenas de instituições religiosas da Diocese do Porto que contactamos no sentido de saber se possuíam património de antigos conventos femininos, também não conhecem a proveniência e origem de muitos dos seus bens, pelo que os resultados da nossa diligência não foram nada animadores.

Também temos que ter em conta que só recentemente a Igreja Católica em Portugal começou dar passos seguros na inventariação e catalogação do seu património através da Secretaria do Bens Culturais da Igreja. Quem pretende investigar, vindo de fora dos meios eclesiásticos como o autor deste trabalho, encontra mais dificuldades e resistências na obtenção de informações junto dos párocos.

À pretensão de, a partir do reconhecimento dos bens que marcaram este espaço, das suas funções e da reconstituição da sua distribuição pela comunidade conventual, em cruzamento com a constatação dos novos usos, ainda titubeantemente definidos por parte

da entidade gestora do espaço, poderá seguir-se, no futuro próximo, uma proposta de reconstituição virtual deste espaço que ajude os visitantes a usufruírem de outro modo da riqueza e singularidade do convento.

Referências bibliográficas

A Nova Igreja do Senhor da Vera Cruz, [pref. de Manuel Clemente], Fábrica da Igreja do Nosso Senhor da Vera Cruz do Candal, Vila Nova de Gaia, Paróquia do Senhor da Vera Cruz, 2008;

AFONSO, Inês, *Novos usos do património monástico do distrito de Viana do Castelo*, Porto, FLUP, 2014;

Alfaias Litúrgicas da Diocese do Porto (catálogo), Gabinete de História da Cidade, Porto, Casa do Infante, 1972;

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, “O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna”. *Perspectiva antropológica. Revista de História* 2, Faculdade de Letras do Porto, 1979;

ALMEIDA, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, Imprensa Académica, Coimbra, 1910;

ALVES, Joaquim J. B. Ferreira “Algumas obras seiscentistas no Convento de Corpus Christi” in *Gaya*, Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, vol. II, Vila Nova de Gaia, 1984;

AMORIM, Inês, “Do monumento monástico-conventual à paisagem cultural – Património como processo: do sítio, das ideias e das necessidades”, *X Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões*, Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2014;

ANTUNES, Joaquim, “Álvaro Anes de Cernache e a Batalha de Aljubarrota”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 18, Vila Nova de Gaia, 1985;

ARAÚJO, José Ribeiro, de *Perosinho: apontamentos para uma monografia*, Porto, [s.n.], 1980;

AREIAS, Mário, “Breve notícia sobre o Convento Corpus Christi, em V.N. Gaia”, in *O Tripeiro*, ano V, nº 5, série VI, Porto, maio de 1965;

ASSUMPÇÃO, Tomás Lino d’, *A últimas freiras*, Porto, Livraria Portuense, 1894;

AZEVEDO, João António Monteiro d’, *Descrição Topographica de Villa Nova de Gaya*, 2ª ed., Porto, Imprensa Real, 1881;

BARATA, J. S. Paulo “As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer”, in *Lusitana Sacra*, 24 (julho-dezembro, 2011);

BRANDÃO, Domingos de Pinho “Tesouro da Sé do Porto”, in *Ourivesaria do Norte de Portugal*, ARPPA/AIORN, Porto, 1986;

BRANDÃO, Domingos de Pinho *A talha dourada da capela de Arnelas, freguesia de Olival – Vila Nova de Gaia*, Gabinete de História e Arqueologia, 1987;

BRANDÃO, Domingos de Pinho *Alguns retábulos e painéis de Igrejas e Capelas do Porto*, Porto, Câmara Municipal, Gabinete de História da Cidade;

BRIGOLA, João Carlos Pires, *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003;

CAMPO BELLO, Conde (D. Henrique), “O Mosteiro de Corpus Christi de Gaia”, Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Vol. I, Fasc. III, Porto, setembro – 1938;

CAMPO BELO, Conde de (D. Henrique), “A Casa de Campo Bello: Cernaches, Senhores de Gaia-a-Grande”, *História de Gaia*, Fascículos 13, 14, 15, 16, 17, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, 1985;

CARVALHO, Paulo M., “Turismo Cultural, Património e Políticas Públicas em Territórios Rurais de Baixa Densidade: Eixos Vertebradores de Revitalização e de Construção de Novas Identidades?” in *Atas do Congresso de Turismo Cultural, Território e Identidades*, ed. M. G. Santos, Instituto Politécnico de Leiria, 2006;

CASTRO, Júlia Isabel Coelho Campos Alves de *O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia (1345-1513)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993;

CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*. Lisboa. Edições 70, 1999;

COELHO, Gustavo Neiva, “Igrejas de Planta Octogonal: o Simbolismo Barroco em Goiás no Século XVIII”, *Locus*, revista de história, Juiz de Fora, vol. 3, nº 1;

Constituições Synodais do Bispado do Porto, Porto: Impressor Joseph Ferreyra da Universidade de Coimbra, 1690;

COSTA, Francisco Barbosa da, *Memórias Paroquiais, 1758*, Gaia, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1983;

COSTA, Francisco Barbosa da, *Notas para a história da Paróquia de Santa Eulália de*

Oliveira do Douro: a propósito do tricentenário da restauração da sua Igreja Paroquial; Oliveira do Douro, Paróquia de Santa Eulália de Oliveira do Douro, 2004;

COSTA, Francisco Barbosa da, *Santa Marinha de Crestuma: notas monográficas: inclui Livro de Visitações dos séculos XVII e XVIII*, Vila Nova de Gaia, Câmara de Gaia, Junta de Freguesia, 2000;

COSTA, Francisco Barbosa da [et al], *São Salvador de Vilar de Andorinho: notas monográficas*, Vilar de Andorinho, Junta de Freguesia, 2013;

COSTA, Rui Barbot, *O Arquivo da Confraria do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia* [texto policopiado]: *inventário preliminar seguido de inventário analítico de sua legislação e contencioso*; Coimbra, [s.n.], 1975;

COUTINHO, Bernardo Xavier (org) *Álbum da exposição de Arte Sacra sobre o Coração de Jesus e o Coração de Maria*, Porto, Congresso Nacional do Apostolado da Oração, 1946;

Cristo, Fonte de Esperança, Exposição do Grande Jubileu do Ano 2000 (catálogo), Diocese do Porto, 2000;

Crónica do Centenário da CONFHIC - Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição - *Das Origens à República* – vol. II, 1871-1910;

Dec. Lei nº 39334 de 27.8.1953;

DIAS, Geraldo J. A. Coelho Dias “Perspectivas Bíblicas da Mulher e Monaquismo Medieval Feminino”, *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade do Porto, 1995;

DOMINGUES, Frei Bento, *Conversas à volta dos conventos*, Évora, Casa do Sul Editora, 2002;

DUARTE, Júlio, AGUIAR, Rui Pinto *O Templo de Santa Bárbara de Coimbrões*, Santa Marinha, Junta de Freguesia, 2001;

Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e S. Domingos de Gusmão erecta na igreja conventual das Donas de Corpus Christi em Vila Nova de Gaya, 1882, Porto, Tipographia de A;

Exposição Cristológica, (catálogo), Mosteiro da Serra do Pilar, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Abril de 2001;

FERREIRA, António Matos, “Desarticulação do Antigo Regime e Guerra Civil” in *História Religiosa de Portugal*, vol. III, dir. Carlos Moreira Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000;

FERREIRA, António Matos, “Liberalismo” in *Dicionário de História Religiosa*, vol. II, Dir. Carlos Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000;

FERREIRA, C. A. Ferreira, “Património – Riegl e Hoje”, Sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. X, Porto, 1993;

FERREIRA, J. A. Pinto, *Cristo na Arte: algumas esculturas do séc. XII ao XIX, existentes no Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1955;

GOMES, Francisco José Silva, *PEREGRINATIO E STABILITAS: Monaquismo e Cristandade Ocidental do Século VI a VIII, Textos de História*, vol. 9, nº 1-2, Universidade de Brasília, 2001;

GOMES, Joaquim Costa *Monografia de Vilar de Andorinho*, Vilar de Andorinho, Junta de Freguesia, 1993;

GOMES, Saul António, “A Religião dos Clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural”, in *História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. Carlos Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000;

GOMES, Saul, “Notas e Documentos sobre as Confrarias Portuguesas entre o fim da Idade Média e o Século XVII: o Protagonismo Dominicano de Sta. Maria da Vitória,” *Lusitana Sacra*, 2ª Série, 7, 1995;

GONÇALVES, Guimarães, “A Festa de S. Gonçalo em Vila Nova de Gaia, novas achegas para uma análise do culto gonçalvino popular”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 53, 8º vol., dezembro de 2001;

GONDIM, Inocêncio Osório Lopes *Avintes e as suas antiguidades*, 2.ª ed., Avintes, Junta de Freguesia, 1990;

GUIMARÃES, Gonçalves, “O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia ou Convento de Corpus Christi: breve resenha histórica”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 75, 12º vol., 2012;

GUIMARÃES; Gonçalves, “Heráldica Santamariana – II – Pedra de Armas de Oliveira de Azeméis, nº1 – Casa de Macieira de Sarnes Cernaches”, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 33, 5º vol., Vila Nova de Gaia, 1982;

HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos*, tomo I, 1897

I Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia (catálogo) Galerias Diogo de Macedo, Associação Cultural Amigos de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Casa-Museu Teixeira Lopes, fevereiro-março de 1978;

II Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia, (catálogo), Gaia, Galerias Diogo de Macedo, Associação Cultural Amigos de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Casa-Museu Teixeira Lopes, 1980;

LEÃO, Manuel, “Convento Corpus Christi. Notas históricas”, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 41, 6º vol., Vila Nova de Gaia, junho de 1996;

MADAHIL, António Gomes da Rocha *Constituições que no século XV regeram o Mosteiro de Jesus, de Aveiro da Ordem de S. Domingos*, Coimbra Editora, 1951;

MARTINS, Padre António da Silva [et al], *A casa da Igreja da Madalena*, Vila Nova de Gaia, Paróquia da Madalena, 2009;

MATOS, Armando de, *Álvaro Anes de Cernache na passagem do 550º ano da Batalha de Aljubarrota*; 1935;

MEIRELLES, Maria Antónia [et al], *S. Salvador de Valadares: tradição e modernidade*, Valadares, Junta de Freguesia, 1997;

“Mosteiro de Corpus Christi” in *História de Gaia*, fasc. 24, vol. II, Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, Camara Municipal de Vila Nova de Gaia;

Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, (catálogo), Câmara Municipal do Porto e Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto,

NETO, Vitor – “O Estado e a Igreja” in *História de Portugal*, Volume Quinto, dir. José Mattoso, Círculo de Leitores, 1993,

NETO, Vitor – “O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911) ”, Coleção Análise Social, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998;

NUNES, Padre Pinho, *Monografia da Praia da Aguda* [S. I] edição de autor, 1954;

OLIVEIRA, José H. Barros de, *Santos ao ritmo da liturgia*, 4ª ed., Lisboa, Paulus Editora, abril de 2015;

PARREIRA, Fernando [et al] *S. Pedro de Vilar do Paraíso: subsídios monográficos*, Vilar do Paraíso, Junta de Freguesia, 2003;

PEIXOTO, A. Rocha, Vasconcelos, Joaquim, Guia do Museu municipal do Porto, Porto, Typografia Central, 1902;

PEIXOTO, Paulo, “O património mata a identidade” in PERALTA, Elsa e ANICO, Marta (org.), *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras, Celta, 2006;

PENTEADO, Pedro, “Confrarias”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. Carlos Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000;

PERALTA, Elsa e ANICO, MARTA (org.), *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras, Celta, 2006;

PEREIRA, José Fernandes “O barroco do século VII: transição e mudança”, *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira, Sétimo Volume, Círculo de Leitores, 2007;

PONTE, Coronel Nunes da, *Instituto Feminino de Educação e Regeneração no Antigo Convento de “Corpus Christi”* (Palestra realizada ao microfone do Posto Emissor *Invicta Rádio*, em benefício do Instituto, no dia 13 de março de 1934), Vila Nova de Gaia, Porto, Thipografia Fonseca, 1935;

RAMOS, Luís A. de Oliveira, “A Extinção das Ordens Religiosas – Consequências Culturais”, Palestra realizada em 17 de junho de 1992, por ocasião da Exposição “O Convento de Santo António da Piedade”;

RODRIGUES, Gilda, *O património escolar e novos usos turísticos: a recuperação para unidades de alojamento no concelho de Ponte de Lima*, Porto, FLUP, 2012;

RODRIGUES, Luísa Fernanda Ferreira *O Mosteiro de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia. Arquitectura, Pintura e Escultura num espaço dominicano feminino (1675-1873)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998;

RODRIGUES, Narciso A., VILA, Romero Coimbrões e a sua Igreja, Vila Nova de Gaia, 1977;

ROLO, Raúl A., “Monjas Dominicanas” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir., Carlos Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa, Círculo de Leitores, 2000;

ROQUE, Isabel, “Museologia oitocentista do património religioso em Portugal”, *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte*, Vol. 6, 2010;

ROSÁRIO, Frei António do, “Presença Dominicana na Bacia/Cuenca do Rio Douro” in *Gaya*, Vol. V, Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1987;

Roteiro Religioso: Porto, Vila Nova de Gaia, Porto, Diocese do Porto, 2000;

SÁ, Isabel dos Guimarães “Os espaços de reclusão e a vida nas margens” in *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Moderna*, Dir. José Mattoso, Coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2010;

SILVA, António Martins, “Extinção das Ordens Religiosas” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir. Carlos Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000;

SOALHEIRO, João, Árvore da Vida in O Mártir, Corpo Ferido na Árvore, Catálogo da Exposição Comemorativa dos 500 anos da Festa da Fogaceiras em honra de São Sebastião, Coord. Carlos A. Moreira Azevedo, Santa Maria da Feira, Igreja da Misericórdia, 19 de Janeiro a 13 de Março de 2005, p. 59;

SOUSA, Bernardo de Vasconcelos, *et al*, “Ordens Religiosas em Portugal, Das Origens a Trento – Guia Histórico”, Lisboa, Livros Horizonte, 2006;

SOUSA, Frei Luís de, *História de S. Domingos*, vol. I, Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977;

VASCONCELOS, Joaquim de *A Arte Religiosa em Portugal*, 2ª ed. 2 vols., Nova Veja Editora, 1994;

VIEIRA, Maria do Pilar S. A., Congregação do Bom Pastor (Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. de Carlos Azevedo, Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000;

VILAR, Hermínia Vasconcelos, “Os Frades Mendicantes” in *História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000;

ZANIRATO, Sílvia Helena, “Património para todos: Promoção e Difusão do Uso público do Património Cultural na Cidade Histórica”, in *Património e Memória*, vol. 2, nº 2, São Paulo: UNESP - FCLAs – CEDAP, v.2, nº 2, 2006, p. 82

Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional

AHBN/AC/INC/DLEC/33/Cx.09-01. Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC), Série 33 – *Relação dos livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos*

Manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) – MSS.202, nº. 23

Arquivo Histórico Corpus Christi

Cx. CNSCBPA-UF-53);

Circular nº 3 de 23.6.1956 da Direção-Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner

30.01.03, cx. 143, 144, ref. 330.

TT – Ministério das Finanças

Direção Geral da Fazenda Pública – 4ª repartição: Património -Processos de extinção das casas religiosas femininas - *Inventário de extinção do convento de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia*

Recursos eletrónicos:**Base de Dados dos Bens Culturais da Igreja, Diocese do Porto**

<http://inweb.bcdp.org/geral.aspx>

Cesareia – Portal das Bibliotecas Eclesiais Portuguesas

<http://www.cesareia.pt/>

Clavis Bibliothecarum

<http://clavisbibliothecarum.bnportugal.pt/index.php>

Diocese do Porto

<http://www.diocese-porto.pt/>

Fundação Frei Manuel Pinto da Fonseca – Ordem de Malta

<https://www.pcv.pt/files/leiloes/L284/ec/pt/files/assets/downloads/page0008.pdf>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5341

Anexos

Anexo I

Pesquisa Bibliográfica realizada na Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia

- ARAÚJO, José Ribeiro de *Perosinho: apontamentos para uma monografia*, Porto, [s.n.], 1980;
- COSTA, Francisco Barbosa do [et al] *São Salvador de Vilar de Andorinho: notas monográficas*, Vilar de Andorinho, Junta de Freguesia, 2013;
- COSTA, Francisco Barbosa da *Notas para a história da Paróquia de Santa Eulália de Oliveira do Douro: a propósito do tricentenário da restauração da sua Igreja Paroquial*; Oliveira do Douro, Paróquia de Santa Eulália de Oliveira do Douro, 2004;
- COSTA, Francisco Barbosa da *Santa Marinha de Crestuma: notas monográficas: inclui Livro de Visitações dos séculos XVII e XVIII*, Vila Nova de Gaia, Câmara de Gaia, Junta de Freguesia, 2000;
- COSTA, Rui Barbot *O Arquivo da Confraria do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia* [texto policopiado]: *inventário preliminar seguido de inventário analítico de sua legislação e contencioso*; Coimbra, [s.n.], 1975;
- DUARTE, Júlio, AGUIAR, Rui Pinto *O Templo de Santa Bárbara de Coimbrões*, Santa Marinha, Junta de Freguesia, 2001;
- A Nova Igreja do Senhor da Vera Cruz*, [pref. de Manuel Clemente], Fábrica da Igreja do Nosso Senhor da Vera Cruz do Candal, Vila Nova de Gaia, Paróquia do Senhor da Vera Cruz, 2008;
- GOMES, Joaquim Costa *Monografia de Vilar de Andorinho*, Vilar de Andorinho, Junta de Freguesia, 1993;
- GONDIM, Inocêncio Osório Lopes *Avintes e as suas antiguidades*, 2.^a ed., Avintes, Junta de Freguesia, 1990;
- MARTINS, Padre António da Silva [et al] *A casa da Igreja da Madalena*, Vila Nova de Gaia, Paróquia da Madalena, 2009;
- MEIRELLES, Maria Antónia [et al] *S. Salvador de Valadares: tradição e modernidade*, Valadares, Junta de Freguesia, 1997;
- NUNES, Padre Pinho, *Monografia da Praia da Aguda* [S. I] edição de autor, 1954;

PARREIRA, Fernando [et al] *S. Pedro de Vilar do Paraíso: subsídios monográficos*, Vilar do Paraíso, Junta de Freguesia, 2003;

ALVES, Joaquim J. B. Ferreira “Algumas obras seiscentistas no Convento de Corpus Christi” in *Gaya*, Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, vol. II, Vila Nova de Gaia, 1984;

ANTUNES, Joaquim “Álvaro Anes de Cernache e a Batalha de Aljubarrota”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 18, Vila Nova de Gaia, 1985;

AREIAS, Mário, “Breve notícia sobre o Convento Corpus Christi, em V.N. Gaia”, in *O Tripeiro*, ano V, nº 5, série VI, Porto, maio de 1965;

AZEVEDO, João António Monteiro d’, *Descrição Topographica de Villa Nova de Gaya*, 2ª ed., Porto, Imprensa Real, 1881;

CAMPO BELLO, Conde de (D. Henrique) “O Mosteiro de Corpus Christi de Gaia”, Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. I, fasc. III, Porto, setembro de 1938;

CAMPO BELO, Conde de (D. Henrique), “A Casa de Campo Bello: Cernaches, Senhores de Gaia-a-Grande”, *História de Gaia*, Fascículos 13, 14, 15, 16, 17, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, 1985;

GUIMARÃES, Gonçalves, “O Mosteiro de S. Domingos de Donas de Vila Nova de Gaia ou Convento de Corpus Christi: breve resenha histórica”, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 75, 12º vol., Vila Nova de Gaia, dezembro de 2012;

GUIMARÃES; Gonçalves, “Heráldica Santamariana – II – Pedra de Armas de Oliveira de Azeméis, nº1 – Casa de Macieira de Sarnes Cernaches”, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 33, 5º vol., Vila Nova de Gaia, 1982;

LEÃO, Manuel, “Convento Corpus Christi. Notas históricas”, in *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 41, 6º vol., Vila Nova de Gaia, junho de 1996;

MATOS, Armando de, *Álvaro Anes de Cernache na passagem do 550º ano da Batalha de Aljubarrota*; 1935;

ROSÁRIO, Frei António do, “Presença Dominicana na Bacia/Cuenca do Rio Douro” in *Gaya*, Vol. V, Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1987;

Alfaias Litúrgicas da Diocese do Porto (catálogo), Gabinete de História da Cidade, Porto, Casa do Infante, 1972;

BRANDÃO, Domingos de Pinho “Tesouro da Sé do Porto”, in *Ourivesaria do Norte de Portugal*, ARPPA/AIORN, Porto, 1986;

COUTINHO, Bernardo Xavier (org) *Álbum da exposição de Arte Sacra sobre o Coração de Jesus e o Coração de Maria*, Porto, Congresso Nacional do Apostolado da Oração, 1946;

Cristo, Fonte de Esperança, Exposição do Grande Jubileu do Ano 2000 (catálogo), Diocese do Porto, 2000;

FERREIRA, J. A. Pinto, *Cristo na Arte: algumas esculturas do séc. XII ao XIX, existentes no Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1955;

Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, (catálogo), Câmara Municipal do Porto e Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto,

VASCONCELOS, Joaquim de *A Arte Religiosa em Portugal*, 2ª ed. 2 vols., Nova Veja Editora, 1994;

BRANDÃO, Domingos de Pinho *A talha dourada da capela de Arnelas, freguesia de Olival – Vila Nova de Gaia*, Gabinete de História e Arqueologia, 1987;

BRANDÃO, Domingos de Pinho *Alguns retábulos e painéis de Igrejas e Capelas do Porto*, Porto, Câmara Municipal, Gabinete de História da Cidade;

Roteiro Religioso: Porto, Vila Nova de Gaia, Porto, Diocese do Porto, 2000;

Anexo II

Cartório do Convento Corpus Christi de Gaia¹⁸⁴

Manuscritos				
479	345	1	Livro do assentamento das Irmãs de Jérusalem	
480	345	2	Livro onde se descarregam as decimas	
481	345	3	Caderno dos obitos	
		4	Livro de assentos de óbitos	
482	345	5	Livro onde se descarregam os annaes das Chagas	
483	345	6	Livro dos assentamentos das entradas das Capellas	
484	345	7	Livro de descarregar os annaes de S. Joaquim	
485	345	8	Livro das eleições das irmãs de S. Joaquim	
486	345	9	Livro da visita de João Guedes Coutinho, em 1737	
487	345	10	Livro do nascimento, vida e morte da Madre Vitorina Anna Francisca	
		11	Livro dos legados deste mosteiro	
488	345	12	Livro dos assentos das educandas e das criadas	
		13	Livro copiador dos decretos reais	
489	345	14	Livro dos assentos dos irmãos e irmãs do Santíssimo Coração de Jesus	
		15	Livro de assento das sahidas e entradas de religiosas e educandas	
		16	Livro das entradas e profissões e pensões	
490	345	17	Livro das entradas das irmãs de N. Senhora do Terço	
491	345	18	Livro das clarezas de Rita Raymunda de Figueiredo	
492	345	19	Livro dos estatutos da Confraria de Santa Cruz das Chagas	
493	345	20	3 Cadernos de pensões	
494	345	21	Livro das pensões de Santa Catharina	
495	345	22	Caderno directorio para a Semana Santa	
496	345	23	Livro de receita e despesa de 1722	
497	345	24	Livro da receita e despesa de 1761 a 1765 e 1769 a 1770	
498	345	25	Livro de receita e despesa de 1775 a 1778	
499	345	26	Livro de receita e despesa de 1830 a 1835	

¹⁸⁴ *Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional - AHBN/AC/INC/DLEC/33/Cx.09-01. Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC), Série 33 – «Relação dos livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos»*

500	345	27	Livro de receita e despesa de 1837 a 1840	
		28	Livro de receita e despesa de 1841 a 1847	
		29	Livro de receita e despesa de 1848	
		30	Livro de receita e despesa de 1848 a 1853	
		31	Livro de receita e despesa de 1852 a 1856	
		32	Livro de receita e despesa de 1859	
501	345	33	Livro de receita e despesa de 1865	
502	345	34	Livro de receita e despesa de 1869	
503	345	35	Livro de receita e despesa de 1871	
504	345	36	Livro de receita e despesa de 1874	
505	345	37	Livro de receita e despesa de 1876	
506	345	38	Livro de receita e despesa de 1879	
507	345	39	Livro de receita e despesa de 1819	
508	345	40	Livro de receita e despesa de 1789 a 1795	
		42	Livro de contas correntes de 1725 a 1823	
		43	Livro de contas correntes de 1856	
509	345	44	Livro das eleições da Confraria do Rosario	
510	345	41	Livro de contas correntes e despesa -1823 a 1856	
511	345	45	Livro de assentamentos diversos	
512	345	46	Livro das remissões do dinheiro	
513	345	48 a 64	Maços com vários papeis relativos a entradas de noviças, licenças de profissões, de saídas, recibos e correspondência particular	
514	345	47	Livro de receitas e despesa do trigo -1718	
515	345	65	Livro das entradas das noviças e obitos das religiosas	
516	345	66 a 82	Maços com vinte pregaminhos de doações, contractos, sentenças e bullas	
517	345	84	Rolo com tres pregaminhos	

Anexo III

Biblioteca do Convento Corpus Christi¹⁸⁵

518	345	85	Cuniliati - <i>Theologia Moralis</i>	2 Volumes
519	345	86	<i>Cerimonial Monástico</i>	1 Volume
520	345	87	Lipsin - <i>Catechismus Historico-Theohgico Dogmaticus</i>	1 Volume
521	345	88	Lanza Carvalho - <i>Almanach Ecclesiastico do Bispado do Porto para 1857</i>	1 Volume
522	345	89	<i>Almanach do Porto e seu Districto -1857</i>	1 Volume
523	345	90	<i>Regra Carmelitana</i>	1 Volume
524	345	91	<i>Manual das Orações, Rito e Ordem das Donas de Corpus Christi</i>	1 Volume
525	345	92	Cardoso - <i>Escada Mystica de Jacob</i>	1 Volume
526	345	93	<i>Epitome da Vida de Santa Joanna</i>	1 Volume
527	345	94	(Sta)Maria Rosa (Frei Bernardo) <i>Espelho da Perfeição Religiosa</i>	1 Volume
528	345	95	Fr. Manuel de Deus - <i>Peccador Convertido</i>	1 Volume
529	345	96	Tavareda Dalmira - <i>Aventuras de Diofanes</i>	1 Volume
530	345	97	Sepedas - <i>Carta Directiva</i>	1 Volume
531	345	98	<i>Novo Diccionario da Lingua Portuguesa</i>	1 Volume
532	345	99	Chompré - <i>Diccionario Abreviado da Fabula</i>	
533	345	100	<i>O Evangelho em Triumpho ou Historia d'um Philosopho</i>	1,2,3,4,5,6,7,8 Volumes
534	345	101	Padre Figueiredo - <i>Novo Testamento</i>	6 Volumes
535	345	102	Padre Figueiredo - <i>Historia Sagrada</i>	17 Volumes
536	345	103	<i>Missale Mundum Ordinem Predicatorum</i>	1 Volume
537	345	104	<i>Breviarium sacri ordinis predicatorum</i>	1 Volume
538	345	105	De la Antigua - <i>Obras</i>	1 Volume
540	345	106	De la Antigua - <i>Obras</i>	1 Volume
541	345	107	De la Antigua - <i>Obras</i>	1 Volume
		108	De la Antigua - <i>Obras</i>	1 Volume
542	345	109	De Pina e de Melo - <i>Espelho Nupcial no Casamento de D. Jayme de Mello</i>	1 Volume
543	345	110	Baron y Arin - <i>Luz de la Fé e de la Ley</i>	1 Volume
544	345	111	<i>Missale Juste Ritum Ordinis Predicatorum</i>	1 Volume

¹⁸⁵ Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional - AHBN/AC/INC/DLEC/33/Cx.09-01. Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC), Série 33 – *Relação dos livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos*

545	345	112	Fr. Manuel do Sepulchro - <i>Refeição Espiritual</i>	1 Volume
546	345	113	Andrade - <i>Itinerário Historial</i>	1 Volume
547	345	114	Rodrigues - <i>Exercicio de Perfeçam,</i>	
548	345	115	Rodrigues - <i>Exercido de Perfeição</i>	1 Volume
549	345	116	Rodrigues - <i>Exercido de Perfeição</i>	1 Volume
550	345	117	Luis de Sousa - <i>Chronica de S. Domingos</i> - Pte. I-II-III	
551	345	118	Castelar - <i>Ano Virginis</i>	4 Volumes
552	345	119	Granada - <i>Insinoasion de la Divina Piedad</i>	2 Volumes (incompletos)
553	345	120	Mota e Sylva - <i>Vida da Madre Maria Perpetua de Luz</i>	
554	345	121	Fr. Manuel do Sepulchro - <i>Rosa Franciscana</i>	1 Volume
555	345	122	Casere - <i>Vida de Santa Catarina de Sena</i>	1 Volume
556	345	123	Bernardes - <i>Exercicios Espirituaes</i>	1 Volume (s/ frontispício)
557	345	124	<i>Vida de Beata Verónica</i>	1 Volume (s/ frontispício)
558	345	125	S. Thereza - <i>Cartas</i>	2 Volumes
559	345	126	<i>Los Libros de la B. Madre Thereza de Jesus</i>	1 Volume
560	345	127	Gracian - <i>Obras</i>	3 Volumes
561	345	128	Possadas - <i>Vida del Patriarcha Santo Domingo</i>	1 Volume
562	345	129	Possadas - <i>Vida del Patriarcha Santo Domingo</i>	1 Volume
563	345	130	Possadas - <i>Vida del Patriarcha Santo Domingo</i>	1 Volume
564	345	131	Fr. Antonio de S. José - <i>Vida de Santa Thereza</i>	1 Volume
565	345	132	Cerqueira Pinto - <i>Historia da Imagem do Bom Jesus de Bouças</i>	1 Volume
566	345	133	Samaniego - <i>Vida de Soror Maria de Jesus</i>	1 Volume
567	345	134	Fr. Theobaldo de J. M ^a . - <i>Agricultor Instruído</i>	1 Volume
568	345	135	Fr. Luis de Granada - <i>Contemptus Mundi</i>	1 Volume
569	345	136	Manuel Velho - <i>Praticas Espirituais e Doutrinaes</i>	1 Volume
570	345	137	Abranches - <i>Historia de S. Vicente Ferrer</i>	1 Volume
571	345	138	<i>Novo Dicionario Francez Portuguez</i>	1 Volume
572	345	139	Azevedo - <i>Ceo Mystico</i>	1 Volume
573	345	140	Encarnação - <i>Despertador Espiritual</i> – Pte. I-II	1 Volume Parte I-II
574	345	141	Peyxoto da Silva - <i>Coro Celeste na Vida da Beata Rita</i>	1 Volume
575	345	142	Encarnação - <i>Despertador Espiritual</i>	1 Volume Parte I-II
576	345	143	Fr. Pedro de Sto. António - <i>Jardim Espiritual</i>	1 Volume

577	345	144	Rosário - <i>Theatro Ecclesiástico</i>	1 Volume
578	345	145	Manuel de Veja - <i>Retiro de Profanos</i>	1 Volume
579	345	146	Salazar - <i>Afectos</i>	1 Volume
580	345	147	<i>Collecção (fictícia) de Comedias</i>	1 Volume
581	345	148	Lanhares - <i>Modo de Resar las Novas Canónicas</i>	1 Volume
582	345	149	<i>Comedias - (miscellania)</i>	1 Volume
583	345	150	Barboza de Carvalho - <i>Peregrinação Christa</i>	1 Volume
584	345	151	Prola - <i>Tributo d'Obsequios á Honra de S. José</i>	1 Volume
585	345	152	Cardoso - <i>Escada Mystica de Jacob</i>	1 Volume
586	345	153	Cardoso - <i>Escada Mystica de Jacob</i>	1 Volume
587	345	154	<i>Regra e Constituição de S. Domingos</i>	1 Volume
588	345	155	<i>Regra e Constituição de S. Domingos</i>	1 Volume
589	345	156	<i>Regra e Constituição de S. Domingos</i>	1 Volume
590	345	157	<i>Regra e Constituição de S. Domingos</i>	1 Volume
591	345	158	<i>Regra e Constituição de S. Domingos</i>	1 Volume
592	345	159	Fr. de S. João - <i>Cerimonial Dominicano</i>	1 Volume
593	345	160	Gonçalo Rodrigues - <i>Compendio de Muitos e Variados Remedios</i>	
594	345	161	Jany - <i>Noites Selectas</i>	1 Volume
595	345	162	Viamonti (?) - <i>Exercidos Espirituais de Sto. Ignacio</i>	1 Volume
596	345	163	Soyé - Sonho - <i>Poema Erotico</i>	1 Volume
597	345	164	<i>Escudo Admiravel</i>	1 Volume
598	345	165	<i>Tratado de Versificação Portuguesa</i>	1 Volume
599	345	166	Bernardes - <i>Armas da Castidade</i>	1 Volume
600	345	167	Fr. Fr.co da Annunciação - <i>Vindicias de Virtude</i>	1 Volume
601	345	168	Altamirano - <i>Retiro Espiritual</i>	1 Volume
602	345	169	Freury - <i>Costumbres de los Israelitas</i>	1 Volume
603	345	170	Hogan - <i>Marco Tullio ou a Agente dos Jesuítas</i>	4 Volumes
604	345	171	<i>Mercúrio Britânico</i>	18 Números truncados
605	345	172	<i>Annaes da Propagação da Fé</i>	33 Volumes (nºs 72 a 105)
606	345	173	Benavides (?) - <i>A Emboscada</i>	1 Volume
607	345	174	<i>Almanach Taborda para 1868</i>	1 Volume
608	345	175	<i>A Conspiração de Gomes Freire</i>	1 Volume
609	345	176	D'Arlincourt - <i>Logar para o Direito</i>	1 Volume
610	345	177	Maço com 7 folhetos diversos	
611	345	178	Maço com 15 folhetos diversos	
612	345	179	Maço com 20 folhetos diversos	
613	345	180	Maço com 12 folhetos diversos	

614		345	181	Maço com 7 folhetos diversos	
615		345	182	Maço com 12 folhetos diversos	
616		345	183	Maço com 22 folhetos diversos	
617		345	184	Maço com 19 folhetos diversos	
618		345	185	Raynoldi - <i>L'Origine du Danúbio</i>	1 Volume
619		345	186	Um maço com jornaes avulsos	
620		345	187 a 254	68 Volumes truncados ou incompletos de diversas obras	

Anexo IV

Nº Ord.	Inv. 1858	T. Adic.	Descrição dos Bens	Aval. 1894 1856	Localização 1894	Localização Atual	Obs/Bibliografia
E	17	1	<i>Imagem de S. Francisco com resplendor de prata</i>	15.000 13.000	<i>Igreja</i>	<i>IGREJA Altar-Mor</i>	<i>Altura: 3 palmos = 60 cm; séc. XVIII, madeira esculpida, estofada, policromada</i>
E	18	2	<i>Imagem de S. Domingos com resplendor de prata</i>	15.000 12.000	<i>Igreja</i>	<i>IGREJA Altar-Mor</i>	<i>Altura 60 cm, séc. XVIII, madeira</i>
P	19	3	<i>Pano de Camarim do Trono, representando a Adoração do Santíssimo Sacramento</i>	15.000 12.000	<i>Igreja</i>	<i>IGREJA Camarim do Trono</i>	
E	20	4	<i>Imagem do Senhor Preso à Coluna, com resplendor de prata</i>	15.000 28.000	<i>Igreja</i>	<i>IGREJA Altar Eucaristia</i>	<i>Tamanho natural, finais séc XVIII, madeira policromada</i>
E	21	5	<i>Imagem de Santa Rosa de Lima</i>	4.000 9.600	<i>Igreja</i>	<i>Por Localizar</i>	<i>1 m</i>
E	22	6	<i>Imagem de Santa Rosa de Lima</i>	2.500 9600	<i>Igreja</i>	<i>Por Localizar</i>	<i>1 m</i>
E	23	7	<i>Imagem de Sant'Ana, com resplendor de prata</i>	5.000 7.200	<i>Igreja</i>	<i>IGREJA Altar Eucaristia</i>	<i>60 cm, séc. XVIII , madeira, estofada, policromada</i>
E	24	8	<i>Imagem de S. Joaquim com resplendor de prata</i>	50.000 7.200	<i>Igreja</i>	<i>IGREJA Altar Eucaristia</i>	<i>60 cm, séc. XVIII, madeira, estofada, policromada,</i>

E	25	9	<i>Imagem da Senhora do Rosário com a imagem do Menino Jesus, tendo o mesmo resplendor de prata e a imagem da Senhora coroa de prata, rosário e cruz de ouro, brincos de pérolas e um colar de contas brancas</i>	50.000 14.400	Igreja	RESERVAS Convento Corpus Christi	1,2 m
E	26	10	<i>Imagem de S. Tomás de Aquino</i> com resplendor de prata	3.000 12.000	Igreja	Por Localizar	60 cm
E	27	11	<i>Imagem de Santa Efigénia</i>	4.000	Igreja	Por Localizar	45 cm
E	28	12	<i>Imagem de Nossa Senhora de Nazaré com coroa de prata</i>	2.000	Igreja	Por Localizar	30 cm
E	29	13	<i>Imagem do Senhor Crucificado com resplendor e coroa de prata</i>	5.000 7.200	Sacristia	IGREJA Altar-Mor	50 cm (?)
M	30	14	<i>Gavetão de sacristia</i> de guardar paramentos	5.000 18.000		Por Localizar	
E	31	15	<i>Imagem de Santo António</i> com resplendor de prata	5.000 7.200	Coro Baixo	Por Localizar	75 cm
E	32	16	<i>Imagem de Santa Catarina</i>	2.000 3.600	Coro Baixo	IGREJA Altar Epístola	séc. XVIII(?); madeira policromada

E	33	17	<i>Imagem de Santa Catarina</i>	2.000 3.600	Coro Baixo	IGREJA DE VALADARES	<i>"(...)deve ser procedente do antigo convento de Corpus Christi ou de algum oratório doméstico. É um exemplar cheio de discutível observação crítica; iconografia: será oferta ao templo de Valadares das Donas de Corpus Christi?" (II Exposição de Arte Religiosa do concelho de Gaia, 1980 (Catálogo - nº 24)</i>
P	34	18	<i>Quadro, pintura a oleo (ordinário), representando o Senhor da Pedra Fria.</i>			Não Existe	
P	35	19	<i>Quadro com moldura de talha dourada, pintura em tella, representando o anjo S. Miguel</i>	1.000 14.400	Ante Coro	Por Localizar	
P	36	20	<i>Quadro, pintura a oleo, representado o enterro do Senhor.</i>			Não Existe	
P	37	21	<i>Quadro pintura a oleo representando a Sagrada Familia</i>	500 6.400	Ante Coro	Por Localizar	
AL	38	22	<i>Altar antigo com uma imagem antiga</i>			Não Existe	
E	39	23	<i>Imagem do Senhor Crucificado.</i>			Não Existe	
E	40	24	<i>Imagem do Senhor dos Passos, tamanho natural, com resplendor e coroa de prata e um oratorio envidraçado, com talha dourada</i>	50.000 72.000	Capela Sr. dos Passos	IGREJA DE COIMBRÕES/ RESERVAS DO CONVENTO CORPUS CHRISTI	<i>Séc. XVIII(?); madeira policromada/Narciso Rodrigues; Romero Vila: Coimbrões e a sua Igreja, 1977, p. 21</i>

E	41	25	<i>Imagem da Senhora do Rosário com o Menino Jesus, tendo a imagem da Senhora uma Corôa de prata que contem sete botões de prata com pedras falsas e mais tres ornatos de ouro com pedras falsas; um collar de prata com pedras, um colar de pérolas, um pequeno rosário de ouro com cruz de ouro, um rosário de ouro, trabalho antigo, composto de sete contas grandes e setenta e tres contas pequenas, com uma cruz e um medalhão com esmalte e uma legenda em letras abertas; e na imagem do Menino Jesus um resplendor de prata e um cordão de ouro com uma pequena medalha também de ouro (roca)</i>	120.000 7.200	Coro Alto	IGREJA Altar Eucaristia	1, 20; séc. XVIII, madeira estofada e policromada/RÉAN, Louís, Iconographie de l'art Chrétien, Iconographie des Saints, Tomo III, P.V.F., 1959, Pp. 1171-1172
P	42	26	<i>Quadros(14) pintura em tella, com molduras de talha dourada, que guarnece as paredes do côro de cima</i>	60.000 100.800	Coro Alto	CORO ALTO	
E	43	27	<i>Imagem do Senhor Morto</i>	4.000 9.600	Coro Alto	Por Localizar	
E	44	28	<i>Imagem da Senhora da Soledade, com deadêma de prata</i>	15.000 7.200	Coro Alto	RESERVAS Convento Corpus Christi	
E	45	29	<i>Imagem de Santa Maria Madalena com deadêma de prata</i>	5.000 7.200	Coro Alto	RESERVAS Convento Corpus Christi	
E	46	30	<i>Imagem de S. João Evangelista com resplendor de prata</i>	5.000 7.200	Coro Alto	RESERVAS Convento Corpus Christi	
A	48	32	<i>Orgão de dois folles</i>	55.000 200.000	Coro Alto	CORO ALTO	
AL	49	9	<i>Altar mór e tribuna de talha a branco e dourado</i>	3.000	Igreja	IGREJA	

E	50	10	Imagem do Senhor Crucificado com resplendor e coroa de prata	10.000	Igreja	Por Localizar	
A	51	11	Castiças (6) da banqueta de talha a branco e dourado	3.000	Igreja	Por Localizar	
M	52	12	Mezas das credencias , de madeira a branco e dourado	2.000	Igreja	CAPELA SEMINÁRIO CUCUJÃES	
A	53	13	Arandellas (8) de madeira dourada, na tribuna	500	Igreja	Por Localizar	
A	54	14	Sacras(3) com caixilho de madeira dourada	600	Igreja	Por Localizar	
AL	55	15	Altar do Senhor Crucificado de talha a branco e dourado	10.000	Igreja	IGREJA	
E	56	16	Imagem do Senhor Crucificado, com resplendor e coroa de prata	30.000	Igreja	CORO BAIXO	
E	57	17	Imagem de S. Gonçalo com resplendor de prata	5.000	Igreja	IGREJA DE COIMBRÕES	Narciso Rodrigues; Romero Vila: Coimbrões e a sua Igreja, 1977, p. 21
E	58	18	Imagens (grupo de 3 pequenas) - Jesus, Maria e José , com resplendores de prata	22.500	Igreja	Por Localizar	
A	59	19	Arandellas (2) de folha dourada	200	Igreja	Por Localizar	
A	60	20	Castiças (2) de talha dourada	1.000	Igreja	Por Localizar	
A	61	21	Jarras(4) de louça no altar do Senhor Crucificado	800	Igreja	Por Localizar	
A	62	22	Lampada de latão	1.000	Igreja	Por Localizar	
AL	63	23	Altar de Nossa Senhora do Rosário de talha a branco e dourado	10.000	Igreja	IGREJA	
E	64	24	Imagem de São S.Tiago (peregrino)	3.000	Igreja	IGREJA Altar Epístola	
P	65	25	Quadros(2) pequenos (gravuras) representando o Coração de Jesus e o Coração de Maria	200	Igreja	Por Localizar	
A	66	26	Arandellas (2) de folha dourada	200	Igreja	Por Localizar	
A	67	27	Castiças (6) de madeira com talha a branco e dourado	3.000	Igreja	Por Localizar	
A	68	28	Lampada de latão	1.500	Igreja	Por Localizar	

A	69	29	<i>Jarras (13) de louça</i>	2.600	Igreja	Por Localizar
AL	70	30	<i>Altar de Nossa Senhora da Conceição de talha a branco e dourado</i>	10.000	Igreja	IGREJA
E	71	31	<i>Imagem de Nossa Senhora da Conceição com o Menino Jesus, com coroa e resplendor de prata</i>	40.000	Igreja	IGREJA Altar Eucarístia
E	72	32	<i>Imagem da Nossa Senhora da Conceição com resplendor de prata</i>	20.000	Igreja	CORO ALTO
P	73	33	<i>Dois pequenos quadros (gravura) com as imagens do Senhor dos Passos e Santo Agostinho</i>	200	Igreja	Por Localizar
A	74	34	<i>Arandellas (2) de folha dourada</i>	200	Igreja	Por Localizar
A	75	35	<i>Castiças (2) de madeira dourada</i>	1.000	Igreja	Por Localizar
A	76	36	<i>Jarras (6) de louça</i>	1.200	Igreja	Por Localizar
AL	77	37	<i>Altar do Senhor Preso à Coluna de talha a branco e dourado</i>	10.000	Igreja	IGREJA
E	78	38	<i>Imagem pequena da Senhora do Patrocínio com corôa e escudo de prata e um pequeno emblema de ouro</i>	5.000	Igreja	Por Localizar
E	79	39	<i>Imagem do Anjo São Miguel</i>	10.000	Igreja	Por Localizar
P	80	40	<i>Quadros pequenos (gravuras) com a imagem de S. João Baptista e S. José</i>	200	Igreja	Por Localizar
A	81	41	<i>Arandellas (2) de folha dourada</i>	200	Igreja	Por Localizar
A	82	42	<i>Castiças (2) de madeira dourada</i>	1.000	Igreja	Por Localizar
A	83	43	<i>Jarras (2) de louça</i>	400	Igreja	Por Localizar
E	84	44	<i>Imagem de S. Domingos com resplendor de prata</i>	1.500	Ante Coro	Por Localizar
E	85	45	<i>Imagem de S. Tomás de Aquino com resplendor de prata</i>	1.500	Ante Coro	Por Localizar
E	86	46	<i>Imagem de S. Jacinto</i>	1.000	Ante Coro	Por Localizar
AL	87	47	<i>Altar do Senhor Crucificado, de talha a branco e dourado</i>	5.000	Ante Coro	ANTE CORO
E	88	48	<i>Imagem do Senhor Crucificado com resplendor e coroa de prata</i>	12.000	Ante Coro	ANTE CORO
E	89	49	<i>Imagem da Nossa Senhora da Soledade com deadêma de prata</i>	1.500	Ante Coro	Por Localizar
E	90	50	<i>Imagem de S. João Evangelista com resplendor de prata</i>	1.500	Ante Coro	Por Localizar

A	91	51	<i>Jarras (6) de louça</i>	1.200	Ante Coro	Por Localizar
A	92	52	<i>Lampada</i> de latão	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A	93	53	<i>Castiças</i> (2) de latão	500	Ante Coro	Por Localizar
AL	94	54	<i>Altar da Nossa Senhora do Rosário, de talha dourada</i>	20.000	Coro Alto	IGREJA DE CUCUJÃES Baptistério
E	95	55	<i>Imagem de S. Domingos com resplendor de prata com pedras falsas, cruz e açucena de prata, quatro botões e um anel de ouro e um pequeno fio de aljofares com uma estrela de prata com pedras falsas</i>	12.000	Coro Alto	CORO ALTO
E	96	56	<i>Imagem da Nossa Senhora da Natividade</i> com coroa de prata com pedras falsas, um par de brincos de pérolas, um cordão de aljofares e um alfinete de ouro com um topázio e pérolas	15.000	Coro Alto	Por Localizar
E	97	57	<i>Imagem de S. José</i> com coroa e açucena de prata	9.000	Coro Alto	IGREJA Altar Eucarístia
E	98	58	<i>Imagem de S. Pedro</i>	2.000	Coro Alto	Por Localizar
E	99	59	<i>Imagem de S. Jerónimo</i> com resplendor de prata	1.500	Coro Alto	Por Localizar
E	100	60	<i>Imagem de Santa Bárbara</i>	1.500	Coro Alto	Por Localizar
E	101	61	<i>Imagem de S. Pedro d'Alcântara</i>	1.500	Coro Alto	Por Localizar
E	102	62	<i>Imagem do Senhor Crucificado</i>	10.000	Coro Alto	Por Localizar
A	103	63	<i>Relicário</i> de metal amarelo contendo reliquias	14.000	Coro Alto	Por Localizar
A	104	64	<i>Castiças</i> (4) de madeira dourada	800	Coro Alto	Por Localizar
A	105	65	<i>Lampada</i> de latão	500	Coro Alto	Por Localizar
AL	106	66	<i>Altar da Senhora do Pilar, de talha dourada</i>	20.000	Coro Alto	SEMINÁRIO DE CUCUJÃES Capela Altar mor
E	107	67	<i>Imagem de Nossa Senhora do Pilar</i> , em pedra, com o <i>Menino Jesus</i> , tendo Nossa Senhora um colar de contas e coroa de prata e o <i>Menino Jesus</i> resplendor de prata	10.000	Coro Alto	Por Localizar

A	108	68	<i>Jarras (4) de louça fina</i>	800	Coro Alto	Por Localizar	
A	109	69	<i>Lampada</i> de latão	500	Coro Alto	Por Localizar	
AL	110	70	<i>Altar do Senhor Morto, de madeira a branco e dourado</i>	5.000	Coro Alto	Por Localizar	
A	111	71	<i>Jarras (3) de louça</i>	200	Coro Alto	Por Localizar	
A	112	72	<i>Lampada</i> de latão	500	Coro Alto	Por Localizar	
AL	113	73	<i>Altar de Santo António do Côro de Baixo, de talha dourada</i>	20.000	Coro Baixo	Por Localizar	
A	114	74	<i>Jarras (2) de louça</i>	400	Coro Baixo	Por Localizar	
AL	115	75	<i>Altar do Senhor de Matosinhos, de madeira pintada</i>	5.000	Coro Baixo	Por Localizar	
E	116	76	<i>Imagem do Senhor de Matosinhos, com coroa e resplendor de prata</i>	7.000	Coro Baixo	Por Localizar	
E	117	77	<i>Imagem de S. Vicente Ferrer, com resplendor de prata</i>	2.000	Coro Baixo	Por Localizar	
E	118	78	<i>Imagem de S. Francisco de Borja, com resplendor de prata</i>	2.000	Coro Baixo	IGREJA Altar Epístola	
E	119	79	<i>Imagem do Senhor da Cana Verde, com resplendor e coroa de prata</i>	2.000	Coro Baixo	Por Localizar	
E	120	80	<i>Imagem de Nossa Senhora das Mercês, com coroa de prata</i>	8.000	Coro Baixo	Por Localizar	
E	121	81	<i>Imagem de S. José e do Menino Jesus com resplendor de prata</i>	3.500	Coro Baixo	IGREJA DE COIMBRÕES	Narciso Rodrigues; Romero Vila: Coimbrões e a sua Igreja, 1977, p. 21
E	122	82	<i>Imagem de S. Gonçalo</i> com resplendor de prata	2.000	Coro Baixo	Por Localizar	
E	123	83	<i>Imagem de Santa Apolónia, com uma torquez de prata</i>	500	Coro Baixo	Por Localizar	
E	124	84	<i>Imagem de S. João em barro com resplendor e cruz de prata</i>	500	Coro Baixo	IGREJA DE COIMBRÕES	Narciso Rodrigues; Romero Vila: Coimbrões e a sua Igreja, 1977, p. 21
A	125	85	<i>Jarras pequenas (2) de louça</i>	400	Coro Baixo	Por Localizar	
A	126	86	<i>Jarras (4) de madeira</i>	400	Coro Baixo	Por Localizar	
E	127	87	<i>Imagens (2) pequenas em gesso representando o Coração de Jesus e o Coração de Maria</i>	500	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar	

P	128	88	Quadro com uma pequena oleografia, representando a imagem de S. Tiago	100	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
M	129	89	Via sacra de madeira	100	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	130	90	Castiçaes (4) de vidro	400	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	131	91	Castiçaes (4) de metal branco	200	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	132	92	Castiçais (4) de casquinha	200	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	133	93	Lampada de metal prateado	1.500	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	134	94	Aparadeiras (10) de vidro	100	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	135	95	Jarras (10) de louça fina	2.000	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	136	96	Jarras (6) de vidro prateado	1.200	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A	137	97	Jarras (5) de vidro	1.000	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
AL	138	98	Altar de Nossa Senhora do Pilar de madeira pintada Imagem de Nossa Senhora do Pilar com o Menino Jesus , tendo Nossa Senhora coroa e brincos de prata, o anel de ouro com pedras falsas e um colar de aljofares com uma estrela de prata, e a imagem do Menino Jesus com resplendor e uma medalhinha de prata	400	Claustro	Por Localizar
E	139	99		9.000	Claustro	Por Localizar
E	140	100	Imagem de Santo António com cruz e resplendor de prata e o Menino Jesus com resplendor de prata	1.500	Claustro	Por Localizar
E	141	101	Imagem de Santa Maria Madalena , em barro	200	Claustro	Por Localizar
E	142	102	Imagem de S. Domingos , em barro com quatro ofertas de prata - duas moedas de 140 reis e duas de 120 reis	200	Claustro	Por Localizar
A	143	103	Jarras (12) de louça	500	Claustro	Por Localizar
A	144	104	Castiçaes (6) de metal amarello	1.200	Claustro	Por Localizar
A	145	105	Lampeão de folha	100	Claustro	Por Localizar
AL	146	106	Altar , na Portaria, de madeira pintada com alguma talha, tendo a imagem de Cristo pintada numa cruz de madeira	2.000	Portaria	Por Localizar
A	147	107	Jarras (4) de louça	200	Portaria	Por Localizar
A	148	108	Lampeão de folha	50	Portaria	Por Localizar

E	149	109	<i>Imagem de Nossa Senhora</i> com coroa de prata e um anjo representando a Anunciação	3.500	Ante Coro	Por Localizar
E	150	110	<i>Imagem de Nossa Senhora do Presépio</i> com coroa de prata com a imagem do Menino Jesus	6.000	Ante Coro	Por Localizar
E	151	111	<i>Imagem de S. José</i> com resplendor e açucena de prata	3.000	Ante Coro	Por Localizar
E	152	112	<i>Imagem pequena de marfim do Senhor Crucificado, com cruz de pau preto</i>	2.000	Ante Coro	Por Localizar
P	153	113	Quadro , pintura a óleo, representando S. Domingos	500	Ante Coro	Por Localizar
A	154	114	Oratorio de madeira pintada, envidraçado	500	Ante Coro	Por Localizar
A	155	115	Jarras (2) de louça	200	Ante Coro	Por Localizar
A	156	116	Lampada de latão	500	Ante Coro	Por Localizar
E	157	117	<i>Imagem de Santa Maria Madalena</i> com resplendor de prata e um colar de aljofares com uma pequena medalha de ouro, dois anéis de ouro, um deles com pedra falsa e outro com um topázio	20.000	Ante Coro	ANTE CORO
A	158	118	Oratorio pequeno de madeira pintada	200	Ante Coro	Por Localizar
A	159	119	Lampada (1) e 2 <i>arandellas</i> de latão	500	Ante Coro	Por Localizar
E	160	120	<i>Imagem do Anjo S. Rafael</i> com coroa de prata	1.000	Ante Coro	RESERVAS Convento Corpus Christi
E	161	121	<i>Imagem do Anjo da Guarda</i>	1.500	Ante Coro	Por Localizar
E	162	122	<i>Imagem do Anjo S. Gabriel</i> , com coroa de prata	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A	163	123	Relicário de talha dourada	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A	164	124	Jarras (2) e um vaso de jaspe	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A	165	125	Oratorio de madeira pintada	200	Ante Coro	Por Localizar
E	166	126	<i>Imagem de S. Bento</i> , com resplendor baculo de prata e uma oferta - 120 reis em prata	2.000	Ante Coro	Por Localizar
E	167	127	<i>Imagem de S. Sebastião</i> com quatro setas de prata	2.000	Ante Coro	Por Localizar
E	168	128	<i>Imagem de Nossa Senhora</i> com coroa de prata	1.000	Ante Coro	IGREJA DO CANDAL Nossa Senhora do Alívio?

E	169	129	<i>Imagem do Menino Jesus com resplendor e cruz de prata</i>	1.500	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	<i>I Exposição de Arte Religiosa, 1978</i>
E	170	130	<i>Imagem de S. José</i>	1.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	171	131	<i>Imagem de S. Brás</i> com duas ofertas de prata	1.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	172	132	<i>Oratório</i> , em mau estado, de madeira envidraçada	200	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
P	173	133	<i>Quadro com caixilho de talha dourada, pintura em tela representando o Senhor da Cana Verde</i>	5.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	<i>Ecce Homo</i>
E	174	134	<i>Imagem de S. Pedro Mártir</i> (S. Pedro de Verona)	1.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	175	135	<i>Imagem de S. Tomás de Aquino</i>	1.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	176	136	<i>Imagem de Santa Marta</i>	500	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	177	137	<i>Imagem de Santa Luzia</i> com 14 pequenas ofertas de prata e moeda de prata - 240 reis	600	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	178	138	<i>Imagem de S. Jacinto</i> com resplendor de folha dourada	500	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	179	139	<i>Imagem de S. Roque</i> com bordão e cabaça de prata	2.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
P	180	140	<i>Quadro</i> , pintura em tela, representando <i>Nossa Senhora da Piedade</i>	300	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	181	141	<i>Oratório</i> (pequeno) de madeira pintada e envidraçado	200	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	182	142	<i>Imagem de Santo André Avelino</i>	200	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	183	143	<i>Relicário</i> de metal amarello	1.000	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	184	144	<i>Oratorio</i> (pequeno) de madeira, em mau estado	200	<i>Ante Coro</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	185	145	<i>Imagem de Santa Teresa</i> com resplendor e pena de prata	2.000	<i>Coro Alto</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	186	146	<i>Santuário</i> (pequeno) de pau preto com a <i>imagem de S. José</i> em barro	1.000	<i>Coro Alto</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	187	147	<i>Imagem de S. Domingos</i> , com resplendor e cruz de prata	2.500	<i>Coro Baixo</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	188	148	<i>Jarras</i> (2) de louça	200	<i>Coro Baixo</i>	<i>Por Localizar</i>	
A	189	149	<i>Oratorio</i> (pequeno) de madeira em mau estado	200	<i>Sacristia</i>	<i>Por Localizar</i>	
E	190	150	<i>Imagem da Nossa Senhora da Glória</i> com coroa de prata	1.000		<i>Por Localizar</i>	
A	191	151	<i>Santuário</i> (pequeno) de madeira de fora com a <i>imagem de Nossa Senhora do Rosário</i> em marfim	2.000	<i>Dormitório do Pátio</i>	<i>Por Localizar</i>	

A	192	152	Santuário (pequeno) de pau preto com a imagem de Santa Joanna e a imagem do Senhor Prezo á Columna	5.000	Cartório	Por Localizar
E	193	153	Imagem de Nossa Senhora dos Esquecidos , em barro	300	Claustro	Por Localizar
E	194	154	Imagem de Nossa Senhora das Dores , em barro	100	Claustro	Por Localizar
A	195	155	Jarras (2) de louça ordinaria	100	Claustro	Por Localizar
P	196	156	Quadro (pequeno), pintura em tela, representando a Sagrada (santa?) Verónica	50	Galeria Nova	Por Localizar
A	197	157	Oratorio de castanho com alguma talha	1.500	Galeria Nova	Por Localizar
E	198	158	Urna de madeira pintada com alguma talha, contendo Nossa Senhora da Boa Morte , em barro	400	Dormitório do Arco	Por Localizar
P	199	159	Cruz de madeira com a imagem de Christo em pintura	160	Dormitório do Arco	Por Localizar
A	200	160	Jarras (2) e um lampeão de folha	100	Dormitório do Arco	Por Localizar
P	201	161	Quadro , pintura em tela, representando Nossa Senhora da Piedade	500	Galeria Velha	Por Localizar
E	202	162	Imagem de Santo Amaro	300	Galeria Velha	Por Localizar
E	203	163	Imagem de S. Filipe Nery	300	Galeria Velha	Por Localizar
E	204	164	Imagem de S. Lucas	300	Galeria Velha	Por Localizar
A	205	165	Lampeão de folha	60	Galeria Velha	Por Localizar
A	206	166	Castiças de latão	200	Galeria Velha	Por Localizar
A	207	167	Oratorio (pequeno) de madeira pintada	100	Galeria Velha	Por Localizar
E	208	168	Imagem de Nossa Senhora da Luz com coroa de prata	3.500	Galeria Velha	Por Localizar
A	209	169	Oratorio (pequeno) de madeira	100	Galeria Velha	Por Localizar
A	210	170	Arandellas (2) de metal amarello	60	Galeria Velha	Por Localizar
P	211	171	Quadro , pintura em tela, representando o Senhor do Horto	200		Por Localizar
A	212	172	Jarras (3) de louça ordinaria	100		Por Localizar
A	213	173	Oratorio (pequeno) de madeira (pintada)	200		Por Localizar
E	214	174	Imagem de S. João Evangelista , em barro	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar

E	215	175	<i>Imagem de Santa Maria Madalena</i> , em barro	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
E	216	176	<i>Imagem da Senhora da Soledade</i> , em barro	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	217	177	<i>Oratorio (pequeno)</i> de madeira (pintada)		Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	218	178	<i>Oratorio</i> de madeira com <i>tres imagens</i> , pintura em tella	200	Dormitório da Fontinha	Por Localizar
P	219	179	<i>Quadro</i> , pintura em tela, representando o <i>Senhor Preso</i>	200	Ante Coro	Por Localizar
P	220	180	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando o <i>Senhor Prezo</i>	200	Ante Coro	Por Localizar
P	221	181	<i>Quadro</i> , pintura em tella, com o retrato do <i>Bispo D. João</i>	200	Ante Coro	Por Localizar
P	222	182	<i>Quadro</i> , pintura em tella, <i>com retrato</i>	500	Ante Coro	Por Localizar
P	223	183	<i>Quadro, pintura a oleo, representando o Descimento da Cruz</i>	500	Ante Coro	ANTE CORO
P	224	184	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando <i>S. Jeronymo</i>	200	Ante Coro	Por Localizar
P	225	185	<i>Quadro, pintura, representando as imagens de S. Pedro, S. Cosme e S. Damião</i>	500	Ante Coro	CORO BAIXO
P	226	186	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando <i>Frei Bartolomeu dos Mártires</i>	500	Ante Coro	Por Localizar
P	227	187	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando a <i>profissão (de fé?) de Santa Joanna</i>	200	Ante Coro	Por Localizar
P	228	188	<i>Quadro</i> , pintura em tela, representando a <i>Sagrada Família</i>	200	Ante Coro	Por Localizar
P	229	189	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando o <i>Senhor prezo á columnna</i>	500	Coro Baixo	Por Localizar
P	230	190	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando <i>Santo Antonio</i>	500	Coro Baixo	Por Localizar
P	231	191	<i>Quadro</i> pintura em tella, representando <i>Santa Rosa de Lima</i>	500	Coro Baixo	Por Localizar
P	232	192	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando os <i>Corações de Jesus, Maria e Jose</i>	300	Coro Baixo	Por Localizar
P	233	193	<i>Quadro</i> , pintura em tella, representando <i>Santa Barbara</i>	500	Coro Baixo	Por Localizar
P	234	194	<i>Cruzes (2)</i> de madeira com pintura representando o <i>Senhor Crucificado</i>	1.000	Coro Baixo	Por Localizar

A	235	33	Sino de bronze com o peso aproximado de 147 kilos	20.580 64.000	Torre Sineira	Por Localizar
A	236	34	Sino de bronze com o peso aproximado de 89 kilos	12.460 38.400	Torre Sineira	TORRE SINEIRA
A	237	35	Palio de setim branco com raminhos de ouro e as seis competentes varas de madeira dourada	20.000		Por Localizar
A	238	36	Umbela de damasco branco com ramos amarelos e franja d'ouro fino	3.000		Por Localizar
A	239	37	Um ornamento de damasco branco usado.			Não Existe
A	240	38	Capa e vestimenta encarnada, usada	4.000	Ante Coro	Por Localizar
A	241	39	Capa e vestimenta , de cor roxa	4.000	Ante Coro	Por Localizar
A	242	40	Capa e vestimenta de cor preta	4.000	Ante Coro	Por Localizar
A	243	41	Capa e vestimenta de cor verde	3.500	Ante Coro	Por Localizar
A	244	42	Vestimenta branca muito usada	3.500	Ante Coro	Por Localizar
A	245	42	Vestimenta branca muito usada	3.500	Ante Coro	Por Localizar
A	246	43	Frontal de damasco roxo com galão e franja de seda	1.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	247	43	Frontal de damasco encarnado com galão d'ouro falso	1.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	248	43	Frontal de lhama com galão e franja d'ouro fino	3.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	249	43	Frontal de velludo preto com galão e franja d'ouro fino	3.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	250	43	Frontal de damasco roxo com galão de seda	1.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	251	43	Frontal de velludo verde com galão e franja de seda	2.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	252	44	Veú de calix , de seda muito usada	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	253	44	Veú de calix , de seda muito usada	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	254	44	Veú de calix de seda usada	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	255	44	Veú de calix de seda usada	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	256	44	Veú de calix de seda usada	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	257	44	Veú de calix de seda usada	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	258	45	Alvas (2) de linho com suas pertenças de cordões amictos, corporaes e manisteryos.			Por Localizar
A	259	46	Toalhas (12) d'altar	1.200	Igreja	Por Localizar

A	260	47		Cortinado de damasco muito velho.			Não Existe
A	261	195		Pavilhão do sacrário de lhama de prata com franja e galão d'ouro fino	6.000	Igreja	Por Localizar
A	262	196		Toalhas (2) no altar mór e respectivos guarda pó de panninho vermelho	400	Igreja	Por Localizar
A	263	197		Toalhas (2) das credencias e dois guarda pós de panninho	400	Igreja	Por Localizar
A	264	198		Frontal , no altar mór, de damasco branco com galão e franja de seda	1500	Igreja	Por Localizar
A	265	199		Camarim do throno	500	Igreja	Por Localizar
A	266	200		Toalhas (2) d'algodão e um guarda-pó de panninho vermelho, no altar do Senhor Crucificado	400	Igreja	Por Localizar
A	267	201		Toalhas (2) d'algodão e um forro de panninho vermelho no altar de Nossa Senhora da Conceição	400	Igreja	Por Localizar
A	268	202		Toalhas (2) d'algodão e um guarda pó de panno vermelho, no altar do Senhor Preso à Columna	400	Igreja	Por Localizar
A	269	203		Toalha de cassa e um pequeno frontal de damasco com renda e franja d'ouro, no altar do Senhor Crucificado do Ante Côro	500	Ante Coro	Por Localizar
A	270	204		Cortina de seda vermelha	500	Ante Coro	Por Localizar
A	271	205		Frontal de damasco vermelho com galões d'ouro falso	800	Ante Coro	Por Localizar
A	272	206		Frontal de seda, muito usado, no altar da Senhora do Rosário	500	Coro Alto	Por Localizar
A	273	207		Toalha d'algodão e um guarda pó de panninho vermelho no altar da Senhora do Rosário	400	Coro Alto	Por Localizar
A	274	208		Toalha com folho de cassa e um guarda pó de panninho vermelho no altar da Senhora do Pilar	400	Coro Alto	Por Localizar
A	275	209		Frontal de seda muito usado com galões falsos	500	Coro Alto	Por Localizar
A	276	210		Toalhas (2) com folhos de renda e um guarda pó de oleado no altar do Senhor Morto	400	Coro Alto	Por Localizar
A	277	211		Toalha e um guarda pó de panninho vermelho no altar de Santo Antonio do Côro	400	Coro Baixo	Por Localizar

A 278	212	Toalha e um guarda pó de panninho vermelho no altar do Senhor de Mathozinhos	200	Coro Baixo	Por Localizar
A 279	213	Toalha com folho de renda e um guarda pó de damasco encarnado no altar do Senhor dos Passos	400	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
A 280	214	Sanefa e duas cortinas de damasco vermelho no altar da Senhora do Pillar do Calustro	800	Claustro	Por Localizar
A 281	215	Frontal de seda com ramos a matiz	800	Claustro	Por Localizar
A 282	216	Tapete usado	200	Claustro	Por Localizar
A 283	217	Toalhas (3) com folhos de renda e um guarda pó de lã vermelha	400	Claustro	Por Localizar
A 284	218	Casula, estola e manipulo de damasco branco com ramos d'ouro fino	3.000	Ante Coro	Por Localizar
A 285	219	Casula de damasco roxo, estola e manipulo com galões finos	2.500	Ante Coro	Por Localizar
A 286	220	Casula, estola e manipulo de seda encarnada com galão de seda	1.500	Ante Coro	Por Localizar
A 287	221	Dalmaticas (2), dois manipulos e uma estola , de damasco branco com ramos, galões e franja d'ouro fino	6.000	Ante Coro	Por Localizar
A 288	222	Panno de estante de lhama falsa, com franja e galão d'ouro fino	2.000	Ante Coro	Por Localizar
A 289	223	Veu da cruz , de damasco com ramos de ouro fino	500	Ante Coro	Por Localizar
A 290	224	Veu d'hombros , de seda branca com raminhos e renda d'ouro	2.000	Ante Coro	Por Localizar
A 291	225	Véu d'ombros de damasco branco com ramos e galão d'ouro fino	2.000	Ante Coro	Por Localizar
A 292	226	Pavilhão do sacrario , em mau estado, composto de tres peças de damasco branco com galão de seda	400	Ante Coro	Por Localizar
A 293	227	Pavilhão do sacrário , em mau estado de lhama falsa	200	Ante Coro	Por Localizar
A 294	228	Estola de damasco branco com galão d'ouro falso	300	Ante Coro	Por Localizar
A 295	229	Cortina de lhama de prata	200	Ante Coro	Por Localizar
A 296	230	Veu de calix , de setim branco bordado a ouro fino	200	Ante Coro	Por Localizar

A 297	231	Cortinas (2) de seda branca com franja de seda amarella	600	Ante Coro	Por Localizar
A 298	232	Vestido de seda branca e manto de setim azul, pertencente a Nossa Senhora da Natividade	500	Ante Coro	Por Localizar
A 299	233	Veu do vaso do sacrario , de setim branco bordado a ouro	1.500	Ante Coro	Por Localizar
A 300	234	Veu de tule, com estrelas de applicação	500	Ante Coro	Por Localizar
A 301	235	Faixa de cassa bordada a ouro e lantejoulas	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A 302	236	Pano de damasco branco, usado, que parece ter tido a applicação de cortina	500	Ante Coro	Por Localizar
A 303	237	Pano de estante , de seda preta lavrada, com galões e franja de ouro fino	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A 304	238	Casula, estola e manipulo de velludo preto, em mau estado com galões d'ouro	2.500	Ante Coro	Por Localizar
A 305	239	Casulas (2), duas estolas e um manipulo de seda preta lavrada com galões de seda	2.500	Ante Coro	Por Localizar
A 306	240	Bolsas (2) pretas de corporaes , com galões	700	Ante Coro	Por Localizar
A 307	241	Veu de calix de seda preta	200	Ante Coro	Por Localizar
A 308	242	Vestido de seda bordado a ouro fino e manto com renda de ouro, pertencente á imagem da Senhora do Rosário	2.000	Ante Coro	Por Localizar
A 309	243	Frontal de seda com tecido de ouro e galões de seda	600	Ante Coro	Por Localizar
A 310	244	Espaldar do throno , composto de saneffa e cortina de lhama de prata com galões e franja d'ouro falso	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A 311	245	Veu d'altar , bordado a ouro fino, com galões falsos	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A 312	246	Cortina de lhama de prata, forrada a seda branca, com galões finos	1.200	Ante Coro	Por Localizar
A 313	247	Veu de calix , de seda branca, com renda de seda, muito usado	100	Ante Coro	Por Localizar
A 314	248	Vestido de setim encarnado, bordado a ouro pertencente á imagem do Menino Jesus	200	Ante Coro	Por Localizar
A 315	249	Túnica e duas capas, do Patriarca S. Domingos	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A 316	250	Vestido e manto de seda pertencente á imagem da Senhora do Presépio	500	Ante Coro	Por Localizar

A 317	251	Túnica e manto pertencente á imagem de S. Jose	500	Ante Coro	Por Localizar
A 318	252	Pannos d'altar (7) muito usados	700	Ante Coro	Por Localizar
A 319	253	Toalhas dos altares (15) do Ante Côro	600	Ante Coro	Por Localizar
A 320	254	Faixas (2) do Senhor Crucificado do Ante-Côro	1.000	Ante Coro	Por Localizar
A 321	255	Frontal de seda encarnada com galão e franja de ouro	2.000	Ante Coro	Por Localizar
A 322	356	Pano de frontal de damasco amarello com galões vermelhos	600	Coro Baixo	Por Localizar
A 323	357	Pano de frontal muito usado	800	Coro Baixo	Por Localizar
A 324	358	Pano de estante , de velludo encarnado com galões de ouro fino	500	Coro Baixo	Por Localizar
A 325	259	Pano de estante , de lã com guarnições brancas	200	Coro Baixo	Por Localizar
A 326	260	Pano de estante de seda branca com galões de seda	200	Coro Baixo	Por Localizar
A 327	261	Pano d'altar , de seda encarnada	300	Coro Baixo	Por Localizar
A 328	262	Veú do Sagrado Vaso , de seda branca com ramos de seda	100	Coro Baixo	Por Localizar
A 329	263	Veú do Sagrado Vaso , com ramos de ouro fino	200	Coro Baixo	Por Localizar
A 330	264	Almofadas (5) pequenas	500	Coro Baixo	Por Localizar
A 331	265	Bolsas de corporaes (5), brancas	1.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 332	266	Bolsas de corporaes (2) vermelhas	200	Coro Baixo	Por Localizar
A 333	267	Bolsas de corporaes (2), roxas	100	Coro Baixo	Por Localizar
A 334	268	Bolsas de corporaes (2), de cor verde	100	Coro Baixo	Por Localizar
A 335	269	Veú de cálice , de seda roxa	100	Coro Baixo	Por Localizar
A 336	270	Sobrepelizes (6) de morim	1.200	Coro Baixo	Por Localizar
A 337	271	Veus (5) de lã verde, de cobrir altares	500	Coro Baixo	Por Localizar
A 338	272	Véus (12) de seda, idem	600	Coro Baixo	Por Localizar
A 339	273	Albas (11) de linho	5.500	Coro Baixo	Por Localizar
A 340	274	Toalhas (29) diferentes, de servirem nos altares	2.900	Coro Baixo	Por Localizar
A 341	275	Toalhas lisas (21), dos altares da igreja	2.100	Coro Baixo	Por Localizar
A 342	276	Toalhas (11)pequenas	550	Coro Baixo	Por Localizar
A 343	2 77	Peças de roupa (18)branca pertencente ás imagens	1.800	Coro Baixo	Por Localizar
A 344	278	Amictos (14)	700	Coro Baixo	Por Localizar
A 345	279	Cordões d'albas (11)	440	Coro Baixo	Por Localizar

A 346	280	Manistergios (15)	300	Coro Baixo	Por Localizar
A 347	281	Cottas (6) do uso do sachristão	1.200	Coro Baixo	Por Localizar
A 348	282	Sanguinhos (70)	500	Coro Baixo	Por Localizar
A 349	283	Palas (70)	300	Coro Baixo	Por Localizar
A 350	284	Corporaes (43) de linho	3.500	Coro Baixo	Por Localizar
A 351	285	Estolas (2)	400	Coro Baixo	Por Localizar
A 352	286	Cortinas (31) de seda, da armação da igreja	6.500	Coro Baixo	Por Localizar
A 353	287	Cortinas (9) d'algodão, muito usadas	900	Coro Baixo	Por Localizar
A 354	288	Sanefa e duas cortinas de damasco roxo	400	Coro Baixo	Por Localizar
A 355	289	Veus (3) da cruz	300	Coro Baixo	Por Localizar
A 356	290	Cortinas (4) da ministra	800	Coro Baixo	Por Localizar
A 357	291	Toalha da ministra	100	Coro Baixo	Por Localizar
A 358	292	Toalhas (4) da sachristia	400	Coro Baixo	Por Localizar
A 359	293	Frontaes (2) de damasco branco com ramos, galão e franja de ouro	7.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 360	294	Frontal de lhama falsa com galão e franja de seda	500	Coro Baixo	Por Localizar
A 361	295	Tapetes (2) grandes usados	3.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 362	296	Reposteiro de baeta verde, usada	200	Coro Alto	Por Localizar
A 363	297	Tapete grande de lã	1.000	Coro Alto	Por Localizar
A 364	298	Tapetes (7) pequenos de lã	500	Coro Alto	Por Localizar
A 365	299	Cortinas (4) de lã vermelha, muito usadas	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 366	300	Sanefas (2) de damasco encarnado com ramos de ouro fino e galões falsos	2.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 367	301	Sanefas (2) de damasco encarnado com ramos de seda e galões falsos	1.200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 368	302	Cortina (40) de damasco encarnado com galões falsos	4.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 369	303	Cortinas (2) de lhama de prata falsa	100	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar

A 370	304	Espaldar de cadeira , de damasco vermelho	1.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 371	305	Camarins (5) de damasco com ramos de seda amarella	5.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 372	306	Panno do púlpito , de damasco branco com ramos de ouro e galão fino	10.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 373	307	Panno de damasco encarnado com galões de ouro fino	3.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 374	308	Sitiaais (2), de damasco encarnado com galão e franja d'ouro falso	2.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 375	309	Cortinas (2) de damasco branco com galão falso	800	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 376	310	Sanefas (8) de damasco encarnado	2.400	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 377	311	Almofadas (7) de damasco de servir no altar	1.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 378	312	Almofadas (4) de damasco encarnado, de servir em cadeiras	800	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 379	313	Almofada de velludo	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 380	314	Sacra de damasco encarnado	100	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 381	315	Reposteiro da porta principal da igreja	5.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 382	316	Pannos (7) grandes de baeta verde, de servir na igreja	700	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 383	317	Tapetes (2) muito usados	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 384	318	Tapetes (2) em bom estado, de armar a capella do Senhor dos Passos	2.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar

A	385	319	Tapete usado da armação da Capella do Senhor dos Passos	500	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	386	320	Panno de frontal de damasco roxo com franja de prata	3.500	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	387	321	Panno de damasco roxo com galão e franja de seda amarela, da armação do andor	3.500	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	388	322	Cortinas e respectiva sanefa com galões e franja de ouro falso, do púlpito da igreja	5.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	389	323	Pano de damasco roxo com galões d'ouro falso, de cobrir o púlpito	2.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	390	324	Túnica do Senhor dos Passos	4.500	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	391	325	Túnicas (2) de linho, do Senhor dos Passos	1.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	392	326	Toalhas (7) do altar do Senhor dos Passos	1.400	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	393	327	Tapetes (2) da Capella Mór	1.500	Igreja	Por Localizar
A	394	328	Tapete grande da igreja	1.500	Igreja	Por Localizar
A	395	48	Custódia com pé de madeira de talha dourada e relicário de prata perfumada	30.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	396	49	Cálice de prata com a respectiva patena	15.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	397	50	Cálice de prata com a respectiva patena	15.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	398	51	Cálice de prata com a respectiva patena	10.000	Igreja	Por Localizar
A	399	52	Urna de vidros de espelho com guarnições de prata lavrada, que servia para a exposição na Semana Santa	80.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	400	53	Colheres(2) de prata pertencendo aos cálices	400	Coro Baixo	Por Localizar
A	401	329	Cofre (pequeno) de tartaruga, com encrostações de prata, de guardar as sagradas partículas	10.000	Igreja	Por Localizar
A	402	330	Relicário de prata lavrada com ornatos com pedras falsas, contendo os emblemas dos Corações de Jesus e Maria	27.000	Coro Alto	Por Localizar

A 403	331	Lampada grande de prata	20.000	Claustro	Por Localizar
A 404	332	Sacrario de talha dourada, forrado de prata	10.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A 405	333	Castiças (2) de prata, formato de columna	14.000	Coro Alto	Por Localizar
A 406	334	Turibulo de prata lavrada	40.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 407	335	Navêta e colher de prata	16.000		Por Localizar
A 408	336	Purificador de prata com o respectivo prato	9.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 409	337	Ambula de prata perfumada	2.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 410	338	Castiças (par) de prata	15.000	Coro Baixo	Por Localizar
A 411	339	Chaves (2) de prata do sacrario	2.500	Coro Baixo	Por Localizar
LI 622	346	Breviários , 1 Jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 623	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 624	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 625	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 626	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 627	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 628	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 629	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 630	346	Breviários , 1 jogo - 4 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 631	346	Breviários , 7 volumes (truncados)		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 632	346	Officios da Semana Santa Officium Hebdomadae Santae , 18 volumes truncados		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 633	346	Breviário (21 volumes de suplementos)		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 634	346	Officium Beatae Mariae Virgines (10 volumes)		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 635	346	Horae Diurnae (12 volumes)		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 636	346	Processionarium Praedicatorum 2 vol.		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 637	346	Ritual Breve 2 vol.		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 638	346	Rezas em latim de vários santos da Ordem 27 vol.		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 639	346	Office de Matinés et de laudes 1 vol.		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI 640	346	Breviários , 1 jogo 2 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar

LI	641	346	Livro de Cantochão		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI	642	346	Missaes (5) com muito uso		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI	643	346	Maritirologium - 2 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
LI	644	346	Antiphonarium - 2 volumes		Autoridade Eclesiástica	Por Localizar
M	645	347	Candelabro da Semana Santa , de madeira com pé torneado	1.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	646	348	Estante grande de madeira para livros do Côro	200 24.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	647	349	Peças de madeira (diversas), de servir na igreja	600	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
E	648	350	Imagens (3) dos Santos Reis Magos	300	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	649	351	Tocheiros (6) grandes, de madeira, com talha, pintados a branco	2.400	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	650	352	Estantes (12) para musica	600	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	651	353	Castiçaes (6) de talha dourada, da banquetta, e a cruz com o Senhor Crucificado tendo resplendor de prata	7.000	Dormitório Sr. dos Passos	CAPELA SEMINÁRIO CUCUJÃES
M	652	354	Castiçaes (6) de talha a branco e dourado	2.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	653	355	Urna de talha dourada e vidros de espelho, de servir na Semana Santa	6.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	654	356	Cruz de madeira pintada	300	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	655	357	Estante grande de madeira pintada	100	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	656	358	Bancada de pinho, composta de duas peças, de servir na igreja	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	657	359	Castiçal do sirio paschal	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar

A	658	360	Cruz processional de talha dourada	200	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	659	361	Pinhas (4) de talha dourada	2.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	660	362	Jarras (4) de pau prateado e respectivos cyprestes artificiais	800	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
A	661	363	Andor de madeira pintada	1.000	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	662	364	Banco de pinho, em serviço na capella do Senhor dos Passos	200	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
M	663	365	Cadeira de pinho em serviço na capella do Senhor dos Passos	60	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
M	664	366	Armarios (2) de castanho de guardar paramentos	2.000	Capela Sr. dos Passos	Por Localizar
M	665	367	Mochos (3) de pau preto, com assentos estofados de damasco vermelho, para serviço na igreja	1.800	Dormitório Sr. dos Passos	Por Localizar
M	666	368	Armarios (2) de castanho para guardar paramentos	1.000	Ante Coro	Por Localizar
M	667	369	Cadeiras (2 ordens) de madeira de fora em mau estado de conservação, com oitenta lugares	20.000	Coro Alto	Por Localizar
M	668	370	Capachos (3) pequenos de esparto	100	Coro Alto	Por Localizar
A	669	371	Caldeirinha de metal amarello em mau estado	300	Coro Alto	Por Localizar
M	670	372	Estante de pinho pintada	200	Coro Alto	Por Localizar
M	671	373	Velladores (10) de pau preto torneado	2.000	Coro Alto	Por Localizar
M	672	374	Estante de mogno com pé torneado	500	Coro Alto	Por Localizar
A	673	375	Castiçaes (4) de casquinha	500	Coro Alto	Por Localizar
A	674	376	Castiçaes (3) de metal	1.500	Coro Alto	Por Localizar
A	675	377	Castiçaes (4) de vidro em mau estado	200	Coro Alto	Por Localizar
A	676	378	Aparadeiras (9) de vidro	200	Coro Alto	Por Localizar
A	677	379	Castiçaes (2) de metal amarello, diferentes	400	Coro Alto	Por Localizar
A	678	380	Espevitadeiras (7) de ferro e um prato de folha ordinaria	100	Coro Alto	Por Localizar
A	679	381	Lampadas (2) de metal amarello	1.500	Coro Alto	Por Localizar
M	680	382	Bancos (3) grandes de pinho	200	Coro Baixo	Por Localizar

M	681	383	MoveL , especie de <i>commoda</i> , de madeira de fora de guardar paramentos	6.000	Coro Baixo	Por Localizar
M	682	384	Armario de castanho de guardar objectos da igreja	2.000	Coro Baixo	Por Localizar
M	683	385	Cadeiras (2 ordens) de pinho com 22 lugares	5.000	Coro Baixo	Por Localizar
M	684	386	Bancos (4) grandes de pinho	600	Coro Baixo	Por Localizar
M	685	387	Taboleiros (13) diferentes	650	Coro Baixo	Por Localizar
A	686	388	Bacia e jarro de louça fina	2.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	687	389	Caneca de vidro	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	688	390	Galhetas (2) e pratinho de vidro	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	689	391	Bacias (2) e dois jarros de louça	800	Coro Baixo	Por Localizar
A	690	392	Aparadeiras (8) de vidro	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	691	393	Galhetas (2) e pratinhos de louça fina	1.500	Coro Baixo	Por Localizar
A	692	394	Purificadores (5) e tres pratinhos de vidro	200	Coro Baixo	Por Localizar
A	693	395	Castiças (8) de vidro ordinários	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	694	396	Prato grande de vidro	100	Coro Baixo	Por Localizar
A	695	397	Copo grande de vidro com dourados	2.000	Coro Baixo	Por Localizar
A	696	398	Copos (3) de vidro	200	Coro Baixo	Por Localizar
A	697	399	Pires (3) de louça	200	Coro Baixo	Por Localizar
A	698	400	Jarras (12) de louça diferentes	2.400	Igreja	Por Localizar
A	699	401	Cruz processional de metal amarello	2.500	Igreja	Por Localizar
A	700	402	Aparadeiras (38) de folha	200	Igreja	Por Localizar
A	701	403	Pedra d'ara		Igreja	Por Localizar
M	702	404	Urnas (2) contendo ossadas		Igreja	Por Localizar
A	703	405	Castiças (2) de metal prateado	200	Igreja	Por Localizar
A	704	406	Castiçal de metal prateado	100	Igreja	Por Localizar
A	705	407	Sacras (3) de vidro	700	Igreja	Por Localizar
M	706	408	Mochos (12) de pinho pintados	2.400	Igreja	Por Localizar
M	707	409	Bancos (9) de madeira pintada	1.800	Igreja	Por Localizar
M	708	410	Gallerias (4) sobre as portas laterais de talha a branco e dourado	4.000	Igreja	Por Localizar

M 709	411	Ministra de talha dourada (Comungatorio)	1.000	Igreja	Por Localizar
A 710	412	Confecionario de madeira pintada	200	Igreja	Por Localizar
M 711	413	Grade de mogno que separa a capella mór	2.000	Igreja	Por Localizar
A 712	414	Arandellas (2) de folha domada	1.000	Igreja	Por Localizar
LI 713	415	Missal com fechos de prata		Igreja	Por Localizar
M 714	416	Púlpito de castanho a branco e dourado	1.500	Igreja	Por Localizar
M 715	417	Bancos (3) grandes de pinho	600	Sacristia	Por Localizar
A 716	418	Espelho pequeno ordinário	100	Sacristia	Por Localizar
M 717	419	Bancos (3) gandes de pinho	300	Sacristia	Por Localizar
M 718	420	Meza pequena de pau preto	1.200	Sacristia	Por Localizar
M 719	421	Mocho de pinho	100	Sacristia	Por Localizar
M 720	422	Mocho de castanho com assento de palhinha	100	Sacristia	Por Localizar
M 721	423	Cabide grande de pinho	200	Sacristia	Por Localizar
M 722	424	Copeiro de madeira em mau estado	200	Sacristia	Por Localizar
A 723	425	Vasos (6) de barro pintados de preto	120	Sacristia	Por Localizar
M 724	426	Tocheiros (2) de madeira em mau estado	100	Sacristia	Por Localizar
M 725	427	Estante grande de pau preto	300	Sacristia	Por Localizar
M 726	428	Estantes (2) do missal	200	Sacristia	Por Localizar
A 727	429	Castiçaes (26) de talha dourada	13.000	Sacristia	Por Localizar
M 728	430	Castiçaes (4) de madeira pintada, ordinários	400	Sacristia	Por Localizar
M 729	431	Escada dupla de pinho, do serviço da igreja	400	Sacristia	Por Localizar

Anexo V

Fundações Dominicanas de Portugal (1218-1690)

Nome do Convento (Masculino/Feminino)	Localização	Data (fundação)
Nossa Senhora das Neves (M)	Montejunto	1218-1219
Santa Maria (F)	Chelas (Lisboa)	1219/1229
Nossa Senhora da Oliveira (M)	Santarém	1225
S. Domingos (M)	Coimbra	1227 ¹⁸⁶
Nossa Senhora dos Fiéis de Deus	Porto	1238
S. Domingos das Donas (F)	Santarém	1240/1291
S. Domingos (M)	Lisboa	1241
Nossa Senhora dos Mártires (M)	Elvas	1267
Nossa Senhora das Neves (M)	Guimarães	1270
S. Domingos (M)	Évora	1286
Corpus Christi (F)	Vila Nova de Gaia	1345 (1348)
Nossa Senhora da Vitória (M)	Batalha	1388
Salvador (F)	Lisboa	1391 (1392)
S. Domingos (M)	Benfica (Lisboa)	1399
Nossa Senhora da Misericórdia	Aveiro	1423
S. Domingos (M)	Vila Real	1424
Nossa Senhora da Piedade (M)	Azeitão	1435
Nossa Senhora do Paraíso (F)	Évora	1460/1516 ¹⁸⁷
Jesus (F)	Aveiro	1461 (1468)
Nossa Senhora da Consolação (M)	Abrantes	1472 ¹⁸⁸
Nossa Senhora da Luz (M)	Pedrógão Grande	1476
Santa Catarina de Sena (F)	Évora	1490/1547
Santa Ana (F)	Leiria	1494 (1498)
Nossa Senhora da Serra (M)	Almeirim	1500
Nossa Senhora da Saudação (F)	Montemor-o-Novo	1500 (1506)
Nossa Senhora da Anunciada (F)	Lisboa	1515 ¹⁸⁹
Nossa Senhora da Rosa (F)	Lisboa	1519
Nossa Senhora da Consolação (F)	Elvas	1528 (1529)

¹⁸⁶ Muda de localização em 1546

¹⁸⁷ Em 1516 passam à observância.

¹⁸⁸ Mudam-se para dentro da vila em 1509/1517.

¹⁸⁹ Mudam de casa em 1539.

S. João Evangelista (F)	Setúbal	1529
Nossa Senhora da Graça (F)	Abrantes	1541
S. Gonçalo (M)	Amarante	1542
Santo André (M)	Ancêde	1560
S. Martinho (M)	Mancelos	1569
Santa Cruz (M)	Viana	1556/1563
Santo António (M)	Montemor-o-Novo	1560/1564
S. Sebastião (M)	Setúbal	c. 1566
Nossa Senhora da Assunção (F)	Moura	1562/1564
S. Paulo (M)	Almada	c. 1569
Bom Pastor (F)	Azeitão	Séc. XVI
Santíssimo Sacramento (F)	Lisboa	1607/1612
Nossa Senhora do Bom Sucesso	Lisboa	1639
Nossa Senhora da Oliva (F)	Tojal (Viseu)	1632/1640
Santa Rosa (F)	Guimarães	1680 (1681)
Santa Joana (F)	Lisboa	1690